COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA



SANCHES DE FRIAS

Historias e Romancétes

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes
in-8.º, de 200 a 300 paginas
impressa em bom papel, typo elzevir

1 — Coisas espantosas.
2 — As tres irmans.
3 — A engeitada.
4 — Doze casamentos felizes.
5 — O esqueleto.
6 — O bem e o mal.
7 — O senhor do Paço de Ninães.
8 — Anathema.
9 — A mulher fatal.
10 — Cavar em ruinas.
11 e 12 — Correspondencia epistolar.
13 — Divindade de Jesus.
14 — A doida do Candal.
15 — Duas horas de leitura.
16 — Fanny.
17, 18 e 19 — Novellas do Minho.
20 e 21 — Horas de paz.
22 — Agulha em palheiro.
23 — O olho de vidro.
24 — Annos de prosa.
25 — Os brilhantes do brasileiro.
26 — A bruxa do Monte-Cordova.
27 — Carlota Angela.
28 — Quatro horas innocentes.
29 — As virtudes antigas.
30 — A filha do Doutor Negro.
31 — Estrellas propicias.
32 — A filha do regicida.
33 e 34 — O demonio do ouro.
35 — O regicida.
36 — A filha do arcediago.
37 — A neta do arcediago.
38 — Delictos da mocidade.
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
47 e 48 — O judeu.
49 — Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas.
52 — Lucta de gigantes.
53 e 54 — Memorias do carcere.
55 — Mysterios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres.
58 — O retrato de Ricardina.
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha.
61 — Vingança.
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres
72 — Um livro.
73 — A Sereia
74 — Esboços e apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas.
76 — Theatro: I — Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres-Novas.
77 — Theatro: II — Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo.
78 — Theatro: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — Theatro: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — Theatro: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

33 — Aranha vermelha, por R. de Pont Jest.
34 e 35 — Esgotado.
36 — Parisienses!... por H. Davenel.
37 — Ao entardecer!... por Iveling Rambaud.
38 — A confissão de Carolina, trad. de J. Sarmento.
39 — Esgotado.
40 — Esgotado.
41 — O abbade de Faviéres, por J. Ohnet.
42 — Esgotado.
43 — Esgotado.
44 — A nihilista, por C. Mendés.
45 — Esgotado.
46 — Morta de amor, por Delpit.
47 — João Sbogar, por C. Nadier.
48 — Viagem sentimental, por Sterne.
49 — O milhão do tio Raclot, por Emile Richebourg.
50 — A confissão de um rapaz do seculo, por Musset.
51 — Esgotado.
52 — O castello de Lourps, por J. K. Huysmans.
53 — Amor de Miss, por J. Blain.
54 — A sogra, por Laforest.
55 — Colomba, por P. Merimée.
56 — Katia, por L. Tolstoï.
57 — Alma simples, por Dostoiewsky.
58 — Duplo amor, por Rosny.
59 — Esgotado.
60 — A princeza Maria, por Lermontoff.
61 — Rosa de maio, por Armand Silvestre.
62 — Esgotado.
63 — O romance do homem amarello, pelo general Tcheng-Ki-Tong.
64 — A dama das violetas, por F. Guimarães Fonseca.
65 e 66 — Nemrod & C.ª, por Jorge Ohnet.
67 — Prisma de amor, por Paul Bonnhome.
68 — Historia d'uma mulher, por Guy de Maupassant.
69 e 70 — Educação sentimental, por G. Flaubert.
71 — Depois do amor, por Ohnet.
72 — A fava de Santo Ignacio, por Alexandre Pothey.
73 e 74 — O herdeiro de Redclyffe, por Mrs. Yongue.
75 — Uma ondina, por Theuriet.
76 — A familia Laroche, por Marguerite Sevray.
77 — As grandes lendas da humanidade, por d'Humive.
78 e 79 — A filha do Dr. Jaufre, por Marcel Prevost.
80 — A dama das camelias, por A. Dumas, Filho.
81 — Dezeseis annos..., por F. C. Philips.
82 e 83 — O Desthronado, por A. Ribeiro.
84 — Ninho d'amor, por A. Campos.
85 — Bodas Negras, por Almachio Diniz.
86 — Do amor ao crime, por Alphonse Karr.
87 — A ilha revoltada, por Ed. Lockroy



COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA — 77.º VOLUME

HISTÓRIAS E ROMANCÊTES

Quem aspira a distinguir-se entre os sêres vivos, deve empregar tôdos os seus esforços em não gastar a vida, sem trabalho, como o bruto, que a naturêza implantou na terra, tornando-o escravo dos seus apetites.

O nosso sêr compõe-se de uma alma e de um côrpo: a missão da alma é de comandar, a do côrpo obedecêr. Pela alma parecemo-nos com a divindade; pelo côrpo com o animal.

A glória, que dimana da inteligência, é bem preferivel á que resulta dos atributos físicos; e, visto que a nossa existência é passageira, devemos empenhar-nos em que se perpetue a nossa memória.

SALUSTIO — *Conjuração de Catilina.*

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

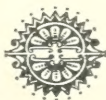
HISTÓRIAS E ROMANCÊTES

ESTUDOS DO NATURAL

POR

SANCHES DE FRIAS, David Corre
Viskonde de

Da Academia de Sciências de Portugal e de outras corporações
scientíficas e literárias



1911
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITÔRA
Rua Augusta, 44 a 54

LISBOA

1911

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a electricidade
Da Parceria Antonio Maria Pereira
Rua Augusta, 44, 46 e 48, 1.º e 2.º andar
LISBOA

A' memória

DO DOUTÔR

Gregorio Rodrigues Fernandes

Médico como poucos e amigo raro

DEDICA

O

Visconde de Sanches de Frias.

A QUEM LÈR

Por judiarias da sorte, cuja ementa nada importaria ao leitôr, o título dêste livro equivale a um crisma involuntário. A não ocorrêr obstáculo, constituiria apenas o seu subtítulo, visto que deve sêr considerado como segundo volume dos *Quadros e Lêtras,* coleção homogênea de histórias e romancêtes, destinada a publicação unísona em dois tomos.

A identidade da materia requeria êsse predicado, embora êstes volumes se não prendam um ao outro por seguimento narratório.

E falamos nisto simplesmente pâra dar, como damos, satisfação plena a pessôas da nossa convivência e relações, as quaes esperavam que saissem a lume os *Quadros e Lêtras,* em duas partes, como lhes fôra comunicado.

Desirmanados ou não, os nossos estudos do natural nada perdem do seu contexto.

O CORONEL

João de Almeida era natural de Lisbôa.

Tivera uma mocidade bem mantida até á sua entrada nos estudos superiôres, a meio dos quaes, porêm, sendo já orfão de mãe, perdeu seu pae, que se empregava na alfândega, e vivia unicamente do respectivo ordenado.

O recheio da casa paterna deu pâra poucos mêses de subsistência.

Orfanado e desprotegido tentou abrir carreira no comércio, cuja sujeição lhe desagradou, logo no comêço.

Sujeição por sujeição, antes queria a da militança, pàra cujo exercício sentia vocação e azo.

Pensado e feito. Sentou praça, como soldado raso, num dos batalhões infantes de sua melhor simpatia; aprendeu facil e gostosamente exercícios e manobras, dando nas vistas dos superiôres, por sua galhardia e excelente procedimento.

A's divisas de aspeçada não tardaram a juntar-se as de cabo; e, passado pouco mais de um ano, as de sar-

gento, estas últimas por distinção e valentia numa refrega extra-muros, em lição dada a um trôço de gente insubordinada.

Chamado o seu batalhão ás gloriosas campanhas da liberdade, João de Almeida recebeu o seu primeiro batismo de sangue na segunda invasão francêsa, comandada pelo marechal Soult, que em março de 1809 entrara no Pôrto, onde êle estava com os seus camaradas, e onde conquistou as primeiras dragonas de oficial superiôr.

Um ano mais tarde, na terceira arremetida do exército francês ás ordens de Massena, o tenente Almeida cometeu prodígios de verdadeira heroicidade, atirando comsigo pâra o meio da mais assanhada refrega, em plena batalha do *Bussaco*, como campeão destemido, que marchou sempre na vanguarda da soldadêsca, subordinada ao seu comando.

O general inglês foi o primeiro a promovêr-lhe o pôsto de capitão graduado, quando êle veio trazido em braços do acampamento, ao visital-o no hospital de sangue, onde se recolhêra, mal ferido na canela da perna direita por um estilhaço de artilharia.

Com profunda mágua sua, invalidado pâra o serviço activo, não pôde acompanhar as tropas anglo-lusas, que perseguiram o inimigo até á povoação estrangeira de Tolosa, onde chegou a sêr arvorada a bandeira portuguêsa.

Regressando a Lisbôa o bravo campeão da liberdade, auxiliado por mulêtas, têve que recolhêr-se ainda ao hospital militar, onde os médicos esperavam melhoral-o,

se não cural-o inteiramente, como o doente tanto desejava.

Decorridos alguns mêses, porêm, o minuciôso tratamento apenas conseguira pôr o doente de pé, e facilitar-lhe o andar sem o auxílio das mulêtas, com o simples apôio de uma grossa bengala. Apesar da morosidade e do carácter infeciôso, que tomara a ferida, a que o valente militar, na technologia da sua linguagem, chamava campanha dificil, já não era muito pâra lástimas a situação, a que êle conseguira chegar.

Tinha nêste caso excelente cabimento o dizêr-se que... do mal... o menos.

Dêsde que João de Almeida podia transitar, embora vagarosamente e abordoado a uma bengala, dentro e fóra do quartel, livre de dôres agudas, já devia contentar-se, na opinião de tôdas as pessôas, com quem comunicava.

A actividade do seu génio, porêm, o profundo sentimento de não podêr influir ainda, com o seu ânimo destemido e a sua ação proveitosa, nas fileiras do exército, desconsolavam-no grandemente.

Como o hábito é uma segunda naturêza, e remédio não há pâra o irremediavel, o Almeida obtivera a sua reforma, que, merecidamente e em razão dos seus serviços, o elevou á honrosa graduação de coronel; conformou-se com a sorte, e foi se mais tarde pâra os lados de Arroios, onde nascêra, a vivêr numa casita confortavel, alindada por pequeno jardim, em companhia de uma mulher edosa, que trastejava na cozinha, e do criado Manuel, um camarada tambem reformado, que o acompanhara, e lhe votara sincera amizade.

Era êste fiel companheiro quem especialmente lhe amézinhava a chaga, tornada crónica, com muito geito, caridade e solicitude.

*

* *

E assim decorrêram largos anos até que João de Almeida penetrou na triste decadência da edade, no comêço da sua velhice.

A erecta figura de aprumado militar, cara insinuante, rosada, cheia, assombreada galhardamente por espesso bigode grisalho, não a perdêra nunca, visto que o movimento regular da perna achacada nenhuma curvatura lhe imposera.

Era pois atraente e distincta a figura do coronel Almeida, que não quisera nunca, á falta de parentes, crear família, entregando-se ás regras pautadas do matrimónio.

Na sua mocidade e anos vigorosos, desdenhara sempre do casamento, dizendo abertamente, na costumada linguagem profissional, que isso era acampamento sujeito a exercícios muito apertados.

Não estava resolvido a assentar praça pela segunda vêz. Bem lhe bastavam a ferida recebida e as leis militares, a que estava sujeito.

E ria-se muito, e chacoteava de tôdos aquêles, que se deixavam ferir, no dizêr da época, pelas agudas setas de Cupido.

—Sim, sim, meus amigos. Espetae-vos nas taes se-

tas, que eu de feridas estou farto. Repito que bem me basta a que sustento na perna direita—tornava êle.

E acompanhado por velha cozinheira, creatura socegada e limpa, e pelo criado Manuel, o nosso coronel passava vida tranquila.

As suas distrações resumiam-se na leitura dos livros, de que se tornara assinante; numas idas periódicas ao teatro; nuns passeios pelas pitorêscas imediações de Arroios, bairro lisboêta de muito arvorêdo e amanho horticular; e ultimamente na frequência de uma casa, situada a pequena distância, na própria rua, em que morava.

Essa casa de medianas mâs bonitas proporções era habitada por duas senhôras, que êle conhecêra meninas, e que, havia pouco ainda, tinham perdido a mãe, viüva de um empregado público, que se dizia aparentado de João de Almeida, embora em grau já desbotado pelo tempo. Ainda que o não fôssem já, tratavam-se por primos.

As duas irmãs viviam tranquila e decentemente de um monte-pio, cuja mensalidade seu pae, homem precavido e inteligente, lhes deixara em testamento.

No tempo da mãe, o primo coronel ia, de quando em quando, a casa das primas, assistindo aos íntimos e modestos jantares de anos e aos serões, onde as duas irmãs, regularmente educadas, se revesavam ao piano.

A mais velha e mais interessante, por sua esbeltêz e maneiras, garganteava, alem disso, alguns trêchos de bôa música, a que o coronel era atreito por índole e sentimentos.

E ahi estava a razão, por que êle, de preferência, frequentava o teatro lírico.

*

* *

Falecida a dona da casa, onde o Almeida passara tantas horas de afectuosa e desinteressada convivência e de proveitosa distração, viu-se muito embaraçado, por não lhe ocorrêr o procedimento, que deveria têr dahi por diante.

Contraíra um hábito, êle, o façanhudo militar, que evitara em tôdo tempo um largo convívio de relações sociaes, e custava-lhe portanto a perdêr êsse hábito, tão fundamente arreigado.

A pêrda de costumes habituaes em naturêzas retraídas, como a sua, não representa emprêsa facil.

Embora se considerasse um velho, a frequência do lugar, que habitavam duas raparigas solteiras, acompanhadas apenas por uma dedicada e antiga criada, não lhe parecia conveniente.

Elas próprias haviam de estranhar, e até não querêr um procedimento, que pudesse melindrar-lhes os créditos de gente honesta e virtuosamente recatada.

Se ninguem as tinha requestado pâra matrimónio, era isso devido á sua pobrêza, pois o dinheiro, os havêres materiaes, nos tempos modernos, constituiam, mais do que a belêza e a virtude, as prendas essenciaes dos casamentos.

Depois da assistência á missa funerária, por alma da

falecida, e de uma visita de pêzames, feita com o fardamento de grande uniforme, o coronel, durante mês e meio, não voltara a caza das primas, apesar da criada destas têr vindo uma vêz indagar da sua saüde.

Num segundo recado, as meninas, depois de tantas semanas de ausência, pediam ao primo a finêza de lhes falar; ao que êle anuiu facilmente, como era de prevêr.

Tendo-se maguado com o interrompimento de um antigo costume, recebeu alegremente o pedido, que lhe era feito.

Logo á entrada da porta, a prima mais velha, a Rosalinda, a cuja finura de pele e brancura de feições ficava muito bem o luto cerrado, correndo a recebêl-o e a apertar-lhe estreitamente a mão, exclamou com visivel contentamento:

—Bem aparecido seja! Eu não fazia do nosso primo tão estranho conceito...

—E êsse conceito, prima...

—O de se tornar desertôr um militar tão distinto e tão amigo de cumprir os seus devêres.

—Tem graça, tem—respondeu a sorrir-se gratamente o Almeida, ao entrar e sentar-se na salêta de receção. —Há deserções, que não ficam mal a ninguem. Esta representa uma das taes.

—Se eu formasse consêlho de guerra, apesar do que está dizendo, eu com certêza o não absolveria.

—Mandava-me para o calaboiço?

—Nem tanto. Obrigava-o simplesmente a voltar, com a costumada regularidade, ao lugar da deserção.

—Faço-lhe a continência, como se as palavras da prima fôssem já sentença definitiva.

—Pois não será assim? O tremendo desgôsto, por que passámos, era mais um motivo pâra que o nosso primo nos não desamparasse.

—Será bom não falar em desamparo, que nunca existiu. Se eu soubesse que as primas não estranhavam a continuação das minhas visitas, eu teria vindo . . .

—E estranhal-a porque, não me dirá?

—Por sêrem ambas meninas solteiras, e eu temêr maledicências . . .

—Que nós não tememos, fiadas em nosso procedimento. A amizade verdadeira creio eu que não escolhe sexos, nem edades.

—Sim; tem alguma razão a prima, por falar em edade. Eu pela minha, verdade verdade, estava a coberto de suspeitas malévolas.

—Coitado do velhinho! A sua benção, meu avô!—concluiu Rosalinda, a rir-se.

O curiôso e vivo diálogo foi interrompido á entrada da irmã, que lhe secundou os dizêres amigaveis, dirigidos ao hóspede, que tamanha deferência merecia.

—De mais a mais é o nosso único parente—terminou a Emília, a irmã mais nova.

—Como as primas são tambem as únicas pessôas, a quem posso dar semelhante título—acudiu o coronel, com determinado acento de tristêza, ao lembrar-se do seu estado, tão êrmo de família.

O ajuste final da graciosa e obsequiadôra conferência fôra que, uma noite por outra, os serões de tão lon-

gas noites, como as que corriam, viria o coronel passal-os naquela caza, como outrora fazia.

Ao regressar á sua habitação, abordoado á bengala de castão de ouro burilado, e seguido pelo criado Manuel, que fôra esperal-o, o Almeida sentia uma alegre e desconhecida impressão.

*
* *

A seu tempo, as duas irmãs voltaram ao piano, e a Rosalinda continuou a deliciar os ouvidos do visitante, que, pelo menos duas vêzes por semana, assistia ao serão, terminado sempre pelo modesto chá do costume.

Como as compridas noites de inverno não podiam sêr inteiramente preenchidas por música, o coronel, apaixonado jogadôr de voltarête, ensinara-o ás suas hospedeiras, certificando-lhes que semelhante jôgo, por sua dificuldade e distinção, ainda não fôra á taberna, nem ás espeluncas de vício barato.

Não deixa, no entanto, de sêr um jôgo de azar— reflexionou a Rosalinda, ao pratical-o inteligentemente. —Há ocasiões de felicidade e outras desastradamente adversas. Quem não tiver bôas cartas não pode ganhar, seja qual fôr a sua perícia.

—Sim, sim; é certo; mâs êste jôgo, como vê, tem lances dificeis, em que se precisa sêr muito hábil; não dá lugar a falsidades, e não tem carta, que seja inutil ou mesquinha.

—Lá isso é certo.

—Ainda tem outra característica notabilíssima.

—Dirá, primo.

—E' a imagem perfeita da vida, em que não há positiva e miudamente um dia egual a outro.

—Sim. A variedade das vasas...

—Note a prima que, embora os jogos se parêçam entre si, não decorre nenhum perfeitamente semelhante ao outro, nas suas minudências.

—E' uma verdade, primo. Por isso eu e a mana já gostamos tanto do voltarête.

O coronel, lisongeado por semelhante aplauso, empertigou-se militarmente; e dahi a pouco sofreu resignado e sorridente a contrariedade de um codilho, em que triunfara a prima Rosalinda, ao dizêr-lhe alegremente:

—E' êste o calvário do belo jôgo. Não há bonita sem senão. Desculpe o nosso mestre o atrevimento de tão má discípula.

—Há males—observou o coronel—que se agradecem, ás vêzes, por virem das mãos de quem vem.

Rosalinda corou um pouco, ao encontrar o seu olhar com o do primo, a quem agradeceu a bondade das suas palavras.

Representariam elas um madrigal em prosa, ou uma frase de simples delicadêza?

*
* *

Decorreu o tempo. Passou-se um ano.

A ida do coronel a casa das primas transitou da satisfação de um hábito, o que já era muito, para imprescindivel necessidade, o que era mais.

Não tinha medida a reciprocidade das finêzas, mantidas em tão estreitas relações.

No dia do seu aniversário natalício, como se diria em linguagem aprimorada, o benemérito campeão da liberdade, recebeu da prima Emília uma lampreia dôce, coisa muito da sua predileção; e da prima mais velha uma pasta bordada por sua mão, tendo ao meio um compasso da música, que êle mais gostava de lhe ouvir cantar.

Êste objecto, que podia vêr e palpar tôdos os dias, por se destinar a uso frequente da sua escrivaninha, representava uma valiosa e significativa lembrança.

Êle bem conhecia os dotes de fina educação, que brilhavam nas duas irmãs; admirava-os, e já os apreciava de há muito.

Aquela prenda, porêm, chocou-o de uma maneira particular, por sua significação e porque, demais a mais, a segurar o compasso musical brilhava um pequenino Cupido de azas abertas e resplandecentes.

O Almeida, militarmente ornamentado, foi, pela tarde, agradecêr os presentes recebidos, prometendo voltar á noite, a pedido das primas, a quem êle, entre outros

casos do dia, contou um, que em tom escarninho classificou de caricato.

Um indivíduo do seu conhecimento, já velho enervado, com a cabêça alvejante como estriga de linho, acabava de casar com mulher nova, que ainda se podia considerar rapariga.

Um dislate. Um caso para rir!

E soltou uma risada de mofa.

—Pois não será assim, ó primas?—perguntou por fim, tornando a rir.

—Sou de voto contrário—acudiu Rosalinda.—Há velhos de velhos. A mamã, que Deus tem, casou com um homem de duplicada edade, e disse-nos muitas vêzes que o preferiu a rapazes desconsolados ou sensaborões, pelo seu bom porte e espírito claro, e que foi ditosa, considerando-se infeliz apenas no dia, em que ficou viüva.

—Exceções, minha prima, exceções.

—E factos e factos, que não constituem raridade. O afecto não cura de edades, não se impõe, nasce espontâneo.

—Será assim, mâs a desigualdade dos anos é má conselheira em casos taes.

—Se existe o verdadeiro afecto, e não domina o interesse material, não há desegualdade possivel.

—Isso . . . é . . . é, nem sei como lhe hei-de chamar, isso . . . é . . . poesia.

—Nunca fiz versos, primo, com grande pena minha.

—Desculpe-me a classificação.

As duras realidades da vida são que me fazem falar assim.

—O primo é, e creio que foi sempre, um pessimista. O caso da minha querida mãe e outros opôem-se grandemente á opinião do primo.

A Emília estêve pelo parecêr da irmã.

O coronel mudou de conversa; e, no regresso a casa, em passo cadenciado, quase que prescindiu do apôio da bengala, sentindo-se ainda mais aprumado que de costume.

Era um dos casos, em que ninguem póde dizêr:

—Eu desta água não beberei.

O nosso bravo oficial bebêra o filtro, de que desdenhara sempre, e em dose máxima, que o trazia embaraçado e duvidôso.

Vieram-lhe desêjos de não voltar ao domicílio das primas; e, não tendo ânimo pâra o fazêr, resolveu lançar mão de cautelosas experiências, que podiam encaminhal-o no que êle, o valente do Bussaco, chamava a sua peor campanha.

—Se a desilusão me ataca pela retaguarda, ou pelo flanco esquêrdo, sou um homem perdido—pensava em sua curiosa tática, na qual a retaguarda significava fraquêza de espírito, e o flanco esquêrdo o coração.

Como o leitôr desta verídica história já deve têr percebido, a última conversa, que o coronel tivera com as primas, representava a primeira das experiências, que ideara, e podia chamar-se hôje, época efervescente dos aerostatos, um balão de ensaio, que chegara á desejada altura.

Entretanto, o coronel entristecêra, o que já por fim fôra notado pelo seu companheiro e fiel camarada, e especialmente por D. Rosalinda, que, ao recebêl-o nas vezes seguintes, lh'o notou com graciosa afabilidade.

—E é que não quere dizèr o que tem—insistiu ela, ao cabo do interrogatório.

—Não faça caso do que vê, prima. As velhas árvores criam, ás vêzes, rebentos, que parecem viço renovadôr, e que afinal não passam de excrecências daninhas, e prova de ancienidade.

—Se deseja que eu o entenda, fale-me em linguagem intelegivel.

—Estou apaixonado, prima! Quere que lhe diga o mais?

Esta resposta representava, no pensar do coronel, que a pronunciou, entre risonho e colérico, um forte pelouro contra designada fortalêza.

Rosalinda, baixando a vista, disse:

—Apaixonado o desdenhadôr dos lances amorosos! Era muito bem feito que lhe chegasse a sua vêz. Era bem feito.

—Pois chegou, prima, chegou, posso afirmar-lh'o. E a que horas, meu Deus! Se zombar de mim, sobram-lhe razões pâra isso.

—E é correspondido, primo?

—Estou longe de o sabêr. Como não sou vaidôso, nem ingénuo, não posso crêr que êste arcaboiço de velho militar inspire sentimento de afecto a mulher nenhuma.

—Não diga isso, que póde enganar-se.

E ao soltar estas palavras, interrompidas pela entrada da irmã, Rosalinda lançou olhos maviosos ao primo, ação, que se repetiu, durante o chá, servido sempre por ela.

—E se Rosalinda fôsse a tal pessôa, que...—pôde segredar o coronel á prima, ao recebêr das suas mãos o chapéu e a bengala pâra se retirar.

—Talvêz... não dissesse que não...—ouviu êle deliciado.

*

* *

O Manuel, companheiro e criado do seu antigo comandante, achou que êle, nessa noite, caminhava com uma ligeirêza de pasmar, e que se recolheu ao quarto, cantarolando; o que raríssimas vêzes lhe sucedia, e êle praticou na própria ocasião, em que se procedeu ao curativo da ferida.

—O' Manuel—chamou êle, no dia seguinte, indo ao encontro do servo e bom amigo, que se ocupava em limpar o pó dos trastes, em plena sala de visitas.

—Prompto, meu coronel!

—Dispenso a continência. Está um dia bem bonito. Vou entretêr-me ao pé desta janela, a respirar o ar saüdavel da manhã.

—Isso deve fazêr-lhe bem, lá isso deve.

—Olha lá, rapaz.

—Bem o quisera eu sêr. Quase que somos da mêsma edade.

—Olha lá, tagarela.

—Diga, meu coronel.

—Que tal achas tu a minha prima mais velha?

—Essa pregunta agora!

—Fala desembaraçadamente.

—São ambas bôas meninas, mâs essa é realmente uma... rosa... *linda*.

—Ah! maganão! que acertaste.

—E a que propósito vem a pregunta, meu coronel?

—Pâra me lamentar. Podes rezar-me por alma, que eu endoideci, Manuel.

—Agora endoideceu? Querêr bem a uma mulher, como eu quis á minha, emquanto foi viva, creio eu que não é maluqueira.

—Então, ó atrevido, tu sabes...

—Sei que gostam um do outro; vê se bem.

—O' ladrão, tu tens lá visto coisa nenhuma? Em continência, patife!

—Ai, meu coronel... pois êle não se vê? Agrado daqui, agrado dacolá, festinha pâra uma banda, palavriado, pâra outra, cheirando a assucar derretido, presentes, como o da pasta com o tal rapazêlho no meio, o tal das azas, o... o...

—O Cupido, Manuel, o Cupido.

—Isso mêsmo. Bela praça aquela, a prima, já se vê. Então o meu coronel capitulou? rendeu-se?

—Como tem acontecido em batalhas de grande tomo, capitulei com armas e bagagens.

—E as condições, meu coronel, e essas?

—Parecêram-me favoraveis e honrosas.

—E' o principal. Muitos parabens.

—Obrigado. A situação ainda não é clara.

—Teremos embuscada do inimigo?

—Não é isso. E' que eu sou muito desconfiado.

—A quem o diz, meu senhôr, a quem o diz!

—Não creio em tudo, que acontece.

—Ora essa! com provas á vista!

—Eu, quando trato com mulheres, sou um desasado, parêço-me com um galucho masmarrão a aprendêr exercício. Depois... êste padecimento da perna, a minha edade... Nada, Manuel, eu não posso acreditar que Rosalinda me tenha a desejada e necessária afeição. Eu... um velho... ela uma rapariga...

—Segundo ouvi, a senhôra sua prima, apesar da frescura e da linda flôr, que representa, já vae rastejando pelos trinta...

—Pois sim, sim. Podia sêr quase minha neta. Verdade seja que eu, ardendo de impaciência, fui hontem de tarde falar-lhe. Embora com o meu desageitamento me não declarasse completamente, posso dizêr que recebi um *sim*, positivo.

—Então que mais quere?

—Esta última experiência deu, como as outras bom resultado. As mulheres porêm, Manuel, têm suas fantasias, que esmorecem, chegada a realidade. Eu preciso de uma prova real dos sentimentos, em que ainda não acredito.

—Já é sêr por demais desconfiado. E essa prova?

—Vae realizar-se esta noite. Cá tenho a minha ideia, que me parece infalivel. Ao primeiro indício de enjôo

ou de simples nariz torcido, embora me custe, em meia volta á direita, está finda a campanha e eu desenganado.

—Não percêbo nada, meu coronel.

—Tu irás lá têr, a casa das primas, já se vê, muito mais cêdo que de costume, e assistirás á coisa.

—Mâs eu não adivinho nada.

—Nem é preciso. Demos tempo ao tempo.

O velho e zelôso camarada encolheu os hombros, e continuou a limpar o pó.

O coronel, envolto no seu ar de mistério, passou pâra o jardimzito, anexo á sua moradia, e lá se entretêve até á ocasião do almôço.

Chegada a noite, á hora costumada, entrava em casa das primas, indo sentar-se na poltrona, que sempre ocupava, e mostrando, de certo tempo em diante, manifesto desasocêgo, encolhendo e dilatando a perna doente, com dolorôso constrangimento de rôsto.

Rosalinda, que já desempenhara com a irmã uma peça a quatro mãos, deu por isso, e interrogou o primo, com visivel e sincera comoção.

—Eu sou um desastrado—respondeu. Lá porque tive algum serviço de escrita, e me demorei o resto do dia em conferência com pessôa, que me procurou, descuideime do curativo da perna; o que me está causando nêste momento e fóra do costume um prurido dolorôso, realmente incomodativo.

—Se nós lhe pudéssemos prestar algum benefício... —acudiu Rosalinda inquietamente.

—Eu já senti o Manuel. Como êle é o meu curan-

deiro, hão-de dar-me licença que eu me retire. Olé! ui, que demónio de dôr! E é que me não posso mexêr e menos andar...

Isto disse o coronel, tentando levantar-se, e tornando a cair na poltrona, onde se estorcia.

—E porque não há-de fazêr o curativo aqui, primo?—aventou Rosalinda, emquanto a irmã saía a chamar o criado, por pedido do coronel.

—Não me atrêvo a fazêr-lhes presenciar espectáculo tão desagradavel.

—Desagradavel se me torna a sua ideia, primo.

—Basta, minha bôa prima. Vou aproveitar-me do seu favôr, porque, depois do curativo, tudo o que eu sinto abranda logo. E' o costume. Mâs... isto é uma vergonha, santo Deus! Veja a prima que emplasmado eu sou! um lázaro nojento. O Manuel vem amparar-me, eu vou até á cozinha, e ali então...

—O primo não sae daqui, nem da cadeira, onde está. Diga-me só o que devemos fazêr. E está a olhar pâra mim, tão pasmado!... O' sr. Manuel—continuou Rosalinda, virando-se resoluta pâra o criado, que pedia licença pâra entrar—que é preciso fazêr pâra curar a perna do sr. coronel?

—Então êle vae tratar disso aqui, minha senhôra?

—E' que está aflicto com dôres, por não o têr feito ainda hoje. Vamos; despache-se!

O fiel camarada ia a sorrir-se de incrédulo, e por isso a desmentir a afirmativa do amo, quando recebeu dêste um sinal evidente de que devia calar-se, e, a seguir, estas palavras:

—Que queres tu, Manuel? Isto é abusar da obsequiosa intimidade destas senhôras. Assim o querem assim o tenham. Ora que espectáculo êste! Vae á cozinha buscar água morna, como sabes que é preciso. No bôlso do meu sôbretudo, como tambem te não é estranho, andam fios, trapos, pó desinfectante e ligaduras. Conduz essa metralha, e vamos ao ataque. As primas agora façam-me o favôr de retirar-se, que isto é manobra um tanto repugnante.

Rosalinda mandou a irmã á cozinha com a recomendação da bacia, água e toalha, e deixou-se ficar, protestando que tôdos ali estavam em família, especialmente ao tratar-se de achaque ou doença.

Trazidos os objectos mencionados, retirada a irmã mais nova, a instâncias do coronel, que não pôde vencêr a teimosia de Rosalinda, o Manuel tirou a bota ao amo, arregaçou-lhe a calça e a ceroula, e preparava-se pâra desatar as ligaduras da ferida, quando Rosalinda, empurrando-o brandamente, ajoelhava aos pés do primo, dizendo:

—O resto agora é comigo.

E sem obedecêr a rogos, retrahimentos, alegações de repugnância e outras, desligou as ataduras, pôz a chaga á amostra, que nenhum agravamento apresentava, e pensou-a com o geito e suavidade de mãos cautelosas e amoraveis até final.

O bem imaginado fingimento do Almeida sortira o melhor e mais apetecido dos resultados.

Era amado. Ninguem podia duvidal-o, ante prova tão rude.

Confundiu-se êle em manifestações de gratidão; e, ao retirar-se o criado, sorrindo-se interiôrmente, e levando os objectos, que restavam do curativo, apoderou-se das mãos da prima, beijou-lh'as loucamente, e regou lh'as com duas lágrimas de verdadeiro enternecimento, ao terminar:

—Agora sim; acabaram as dúvidas. Beijei as mãos de um anjo. Vaes sêr pois a minha enfermeira, ó querida prima? resolvêste-te a sêr minha mulher?

—Sim. A missão de curandeiro, concedida ao bom Manuel, hei-de eu tomal-a pâra mim, quando o primo quiser santificar a nossa união.

O famôso guerreiro terminara a sua última e mais afanosa campanha, segundo o seu dizêr pitorêsco, em conversa com o fiel camarada, que tinha ao seu serviço.

Não tardou o suspirado casamento, que se prolongou venturôso por largos anos, concorrendo pâra mútua felicidade um inesperado acontecimento.

As instruções e tratamento de um moderno especialista alcançaram fechar completamente a ferida, de que só ficou pelo tempo adeante uma inevitavel e honrosa cicatriz.

*

* *

A um neto de D. Rosalinda, presentemente militar graduado, agradecemos aqui a história, que nos contou do seu gloriôso avoengo.

QUADROS DE FAMÍLIA

O diário lisboêz *O Glôbo*, estabelecido, há bastantes anos já, num primeiro andar da rua do Oiro, de 1888 a 1891, se não foi o iniciadôr das notícias rápidas, de véspera, de um dia pâra o outro, ilustradas por desenho ou gravura, fêz nêsse propósito largas tentativas, com muito dispêndio e pouco éxito, em razão de maus desenhadôres e do atrázo, em que se encontravam os meios gráficos e artísticos da moderna publicidade jornalística.

A êsse diário independente de qualquer divisa política, de que fomos um dos proprietários e redactôres, extinto em especial por taes dificuldades, que faziam parte do seu programa, e se tornavam indispensaveis á sua existência, prendem-nos saudosas recordações, pela íntima e fraternal camaradagem, que tivémos com o nosso conterrâneo Simões Dias, o inimitavel cantôr das *Peninsulares,* o melhor representante moderno dos antigos trovadôres provençaes, e com Candido de Figueirêdo, o escritôr e poeta, o dicionarista e filólogo, que tôdos

admiramos, como mestre eminente da nossa linguagem escrita e falada.

O local da redação de um jornal é de ordinário, cosmorama palpitante de episódios vários.

Como o recordar é ainda vivêr do passado, lembremo nos pois de um episódio, que pertence ao número das recordações de segunda espécie, isto é, daquelas, que se não prendem aos nomes acima referidos.

Uma tarde, no gabinête da redação do *Glôbo*, um democrata, a quem, como a muitos, se podia aplicar o fabulôso entrêcho das uvas da rapôsa, discreteava largamente sôbre as regalias e pergaminhos da nobrêza antiga e moderna.

Ria-se da fidalguia antiga, que em grande parte não poderia apresentar sólidos e valiosos documentos de heráldica, pois que descendia de indivíduos, cujos serviços de valentia ou patriotismo eram fundados em mesquinhas intrigas palacianas, em amôres pecaminosos da côrte, ou simplesmente em actos de servilismo, como o de segurar os estribos dos reis, quando montavam a cavalo.

Mofava da nobrêza moderna, porque uns indivíduos, meio labrêgos, simplesmente endinheirados, ainda de frêsco, em tráfico de contrabando ou escravatura, ou no baixo comércio, arrogavam ás suas pessôas parentêscos ilustres de antiga data, que nunca tiveram, ostentando galerias de monos pintados em largas telas, compradas no estranjeiro em bazares de quinquilharias baratas, aos quaes chamam retratos dos seus gloriosos antepassados.

Na nossa ingenuidade, apesar de extensa prática mundana, repugnava-nos acreditar que tal se praticasse em larga cópia.

A tirar espessas fumaças de um mau charuto e a rir sardonicamente, o homem, pâra inteira corroboração do seu dito, apontava entre outros um palacête dos arrabaldes de Lisbôa, onde se ostentavam salas ricamente pejadas de numerosos paineis, que representavam ilustres avoengos da família, cavaleiros de Malta, brazonados peregrinos do Santo Sepulcro, palacianos e militares de pomposas fardas dragonadas, damas de alto topete e gargalheiras de empertigada memória.

Essas nobilíssimas figuras não passavam de obra apócrifa de provada fancaria.

*

* *

Fazia parte das pessôas, que nessa tarde se encontravam no gabinête do *Glôbo*, o pintor Barradas, que, pâra não interrompêr a animada e virulenta palestra do sanhudo maldizente da fidalguia, se limitava a tregeitar com a cabêça e o sorrir aprobativamente.

A' última coartada espalhafatosa do oradôr, aos sinaes, que dera da sua aprovação, acrescentou em ar de galhofa, umas palavras, que tambem chasqueavam uma parte da fidalguia moderna, onde a verdadeira *linha*, por actos e descendência, não se encontrava nítida.

Nós, que assistíamos, distraído, á palestra, onde, como se acaba de vêr, figurava uma bôa ponta da má língua indígena, fizémos notar que isso de nobrêza antiga ou moderna era um mal entendido preconceito, uma história de crianças.

O primeiro membro de uma família titular ou nobre não o era, com certêza, antes de o sêr.

Conta-se que o primeiro Napoleão, quando reclamou o trono francês, e alguem objectou que êle não descendia de tronco régio, respondêra categoricamente:

—Que importa isso? A minha família começa em mim.

Justíssima resposta.

Princípio secular ou de frêsca data não deixa de têr a mêsma origem.

Passámos em seguida a notar a fraquêza das razões farfalhudamente apresentadas pelo satirizadôr, pois que, se rareavam hôje as ações guerreiras e de heroicidade, onde se filia a pluralidade da fidalguia antiga, abundavam as campanhas do sabêr e lêtras, do alto comércio, indústria e artes, da caridade e socôrro mutuo, conquistas de muito valôr e respeito, em que se tornava justo proclamar beneméritos e nobres.

Não seria assim?

O nivelamento social, gritado exaltada e revolucionariamente por certa democracia destruidôra da antiguidade, nas suas crenças usos e costumes civis e religiosos, não passava de utopia escaldadiça e irrealizavel.

Contra a grande mãe a Naturêza, tôda a luta é impotente e por isso irrisória.

Na ordem natural, na plena composição dos seus elementos, em tôdos os sêres creados por seu influxo poderôso, dêsde o animal ao vegetal, a egualdade não existe, funda-se na própria desegualdade.

As diferenças sociaes hão-de subsistir sempre, sejam quaes fôrem a subversão da espiritualidade moderna, ou o acerto das suas ideias, ou as utopias da partilha socialista, ou a unificação das aspirações e reformas cosmopolitas.

A solidariedade não vae além de um palavrão ôco e chilro, nos arraiaes humanos.

O tôlo e o ajuizado, o facínora e o seu contrário, o madraço e o trabalhadôr, o estúpido e o inteligente, o pobre e o rico, o são e o doente, o sovina e o esmoler, o usurário e o dadivôso, o poupado e o extravagante, o honrado e o deshonesto, o bom e o mau — não estabelecêram nunca, nem podem estabelecêr paridade, que vem a sêr o apregoado nivelamento.

A censura e o louvôr, a bôa reputação e o descrédito, o castigo e o prémio, hão-de tambem sempre coexistir na aglomeração social, dando ensejo a distinções daquêle ou dêste género.

A inferioridade e a superioridade revelam-se até, com a máxima clarêza, no larguíssimo âmbito do reino vegetal.

Sementes, lançadas ao mêsmo terreno, arbustos cultivados com a mêsma solicitude, flôres desabrochadas na mêsma árvore, hortaliças adubadas com o mêsmo estrume — apresentam constantes desegualdades, que se harmonizam perfeitamente com tôdas as funções da lei natural.

O derrubamento pois dos sólidos princípios da antiguidade, filiados nos preceitos irrevogaveis da Naturêza, simboliza aspiração insensata de exaltados pigmeus.

*

* *

O pintôr Barradas, há anos falecido, ficando a sós comnôsco no gabinête do *Glôbo*, reiterou a aprovação, que tinha dado ás nossas despretenciosas ponderações, mâs concluiu assim:

—Eu estou na minha quanto á existência de fidalgotes de moderna data, parlapatões e ostentadôres de adornos, que lhes não pertencem. Olhe que eu ainda espero provar-lhe o que se acabou de dizêr a respeito do tal titular do palacête suburbano. Não falo por inveja de moradias amplas e ricas, que eu contento-me com qualquer buraco, onde possa dormir.

Nós não fizémos muito caso das últimas palavras do Barradas, atribuindo-as a demasiada modéstia.

O nosso conhecimento era ainda recente. Não sabiamos que o pintôr, sendo indivíduo estimavel e artísta de merecimento, seguira uma vida airada de bohémio encartado, incorregivel.

Pessôa, que entrara na ocasião, em que êle terminava a conversa, referindo-se categoricamente á sua indiferença, que nós julgámos aparente, por bôa ou má residência, contou-nos, entre várias anedotas, que lhe diziam respeito, o seguinte caso de singular confirmação e extraordinária originalidade.

Na época semestral de pôr escritos pâra locação das casas, o Barradas, uma vêz, por esquecimento, ou, o que é mais provavel, por falta de dinheiro, não procurou alojamento, embora se visse obrigado a mudar-se daquêle, que habitava, no fim do semestre.

Nesta data, porêm, o Barradas deslocou-se, sem comunicar a ninguem, nas primeiras semanas, onde ficava a sua nova morada.

O primeiro, que desta têve notícia, foi um amigo, a quem era necessária uma conferência sôbre negócio, que dizia respeito ao próprio pintôr.

Combinada a hora, sabido o número da rua, o citado sujeito dirigiu-se a casa do Barradas, que já o esperava debruçado á janela.

O recem-vindo, costumado ás extravagâncias do pintôr, estranhou ainda assim ir encontral-o em habitação, ao réz da rua, onde a tal janela e uma estreita porta constituiam o respiradoiro único.

As aparências iludem, bastas vêzes; o interiôr da casa podia dispôr de certa vastidão, beneficiada por mais ar e luz, transmitidas por trazeiras, que da rua não era facil descortinar.

O Barradas, muito alegre e risonho, foi abrir a porta, dando entrada ao amigo, que de pasmo e surprêsa julgou findar a vida, ao atirar comsigo pâra uma cadeira, meio sufocado por um riso louco.

Entretanto o artista bohémio, afectando serenidade de quem faz as honras da sua casa, principiando por mostrar os diversos compartimentos a quem era da intimi-

dade, e os não conhecia, indicava com ênfase, estendendo o braço direito:

— Gabinête de trabalho, sala de visitas, casa de jantar, dispensa, cozinha e quarto de dormir. Não se póde estar, como vês, mais bem alojado. Só me falta um quarto pára hóspedes, mâs êsse, com certo esfôrço, ainda se póde arranjar.

O amigo apertava as mãos no ventre, levantando as pernas e os braços ao ar, numa convulsão de ruidosa gargalhada.

O que êle presenciava só podia sêr praticado pelo estroina do Barradas!

Tratava-se do único e desconfortavel espaço assobradado de uma loja, sómente alumiada pela janelita já vista, onde os compartimentos descritos eram riscados a giz branco sôbre o taboado do soalho!

Os grossos traços do giz marcavam aos moveis a sua respectiva posição!

A cama figurava num dos dois cantos extrêmos, e o gabinète de trabalho, pejado de cavalêtes, molduras, telas, esbôços e mais quinquilharia artistica, ficava fronteiro, como era indispensavel, á única luz, de que dispunha a loja.

Na extensa e complicada história da bohémia não se hão-de encontrar muitos casos pára rir e admirar superiôres a êste:

*

—Bem lhe afirmava eu—chalaceava o distinto pintôr, ao encontrar-se novamente comnôsco, e ao sabêr que êsse extravagante episódio já era do nosso conhecimento—bem lhe afirmava eu, há semanas, que não ligava grande importância ás comodidades da gente endinheirada e á daquela, que, segundo se costuma dizêr, quando *não póde... trapacêa,* isto é, quando não tem dinheiro, préga calotes.

—Mâs, o meu caro Barradas não sentia grande desconfôrto e até uma crua tristêza em semelhante moradia?

—Nem por isso. O homem, como muito bem sabe, faz do hábito uma segunda naturêza: costuma-se a tudo.

—Nem sempre: distingamos. E hôje, passado tanto tempo, ainda se julga capaz de se sujeitar a nova excentricidade dêsse género?

—Hôje o caso é outro. Acho-me muito bem instalado, pâra as minhas posses, como vae vêr.

—Como vou vêr?

—Sim, porque eu vinha pedir-lhe a honra de uma visita sua á minha oficina de pintura.

—O honrado serei eu. Irei com muito gôsto. E póde sabêr-se a razão dêste lisonjeiro pedido?

—Preparo-lhe uma surprêsa, que vae desfazêr-lhe

uma parte da ingenuidade, de que o meu amigo se acusa, mostrando-lhe a prova de um caso apontado pelo democrata, com quem, outro dia, estivémos a conversar nêste sítio.

—Ah! sim? Então o sr. Barradas abunda nas ideias do homem?

—Não, senhôr. Deus me livre disso. Foi injusto numa grande parte do seu arrazoado. Eu conheço-o de há muito. E' um espírito obsecado por ideias espalhafatosas. Na última parte, porêm, da sua crítica o homem foi verdadeiro.

—Tem a certêza disso?

—Tenho-a completa. E nada mais direi por agora. Vae têr provas.

*

*   *

No dia seguinte e á hora combinada, penetrávamos na oficina do bohémio e inteligente Barradas, que nos recebia alvoroçadamente, com tôdas as demonstrações da sua reconhecida bondade.

Êle falava verdade, ao afirmar-nos que a sua habitação recente dispunha de certa larguêza e confôrto.

Arvorado no cavalête principal do serviço quotidiano, estava o retrato de uma dama, muito bem fornida de faces bochechudas e seios volumosos, em trajes de baile dos tempos, em que os vestidos, eram longos e escorri-

dos, e formavam cintura quase debaixo dos braços; pescôço nú, cercado de encanudada gargalheira, tufos nos hombros e cabeleira elevadíssima, cravejada de pedras preciosas.

—Que lhe parece esta figura? Heim?

—Muito bem executada. E' original? é trabalho seu, imitando o antigo?

—Não, senhôr. Simples retoque e nada mais. A tela, como se nota aqui e ali, acusa lona e pincel antigos. Estava muito deteriorada.

—Pois vejo-a completamente restituida ao seu brilho primitivo. Os meus parabens. Eu já sabia que é um habilíssimo restauradôr de quadros; o que importa uma dificil e verdadeira especialidade. O mau retocadôr não restaura, deturpa.

—Favôres. Muito obrigado. Ora aqui tem nêste quadro a prova cabal do que o conversadôr do gabinête do *Glôbo* afirmava, quando se referiu a sujeito titular, que se vangloria de avoengos ilustrissimos, tendo as suas salas atulhadas de paineis apócrifos.

—Este quadro então...

—Vae enfileirar-se ao lado dos que eu tenho preparado e transformado pâra uso do tal homem.

—Mâs... o retoque só por si pouco prova.

—E' que êste quadro foi o último comprado na feira da *Ladra*: sei-o pelo testemunho do próprio vendedôr, em cuja barraca o vi. E o melhor é que bem bons negócios do mêsmo género tem êle realizado com o dito indivíduo, por diversas vêzes.

—Que me diz, Barradas?

—Não se admire. E' vulgaríssimo encontrar retratos de famílias extintas, cuja casa e bens se desmantelaram e estabelecimentos de comércio mobiliário, e isto em tôdos os países.

—Sim, bem sei. Ainda há dias, vi alguns paineis dêsse genero nos armazens do Libório. Entretanto eu não supunha que alguem se apropriasse dessas antigalhas, expondo-as como herança e pertença dos seus antepassados.

—Pois enganou-se. A não sêr assim, salvos os exemplares, que nos museus servem de molde pâra costumes de épocas diferentes, êsses quadros não encontrariam compradôres.

—Tem razão, tem.

—A galeria, a que me refiro, e pertence ao Visconde de ... além das compras adquiridas na feira da *Ladra*, tem paineis espanhoes e francêses, cuja transformação e retoque me déram um trabalhão.

—Bem pago, não é verdade?

—Sem dúvida. E agora, vista a prova, que intentei apresentar lhe, peço-lhe que não me tome por indiscreto, nem por desagradecido ao dinheiro, que recêbo pelo meu trabalho. E' confidência, que há-de ficar entre nós.

—Era escusada a recomendação.

—E muito obrigado.

Ao sair da casa do pintôr Barradas, o agradecido éramos nós.

Haviamos sofrido um fundo rasgão na nossa ingenuidade, mâs ficávamos sabendo como, atravéz das manhas

várias de hipocrisia e basófia, que ornamentam a, tantíssimas vêzes, nojenta e pífia humanidade, ficávamos sabendo como se alcançam, com facilidade e dinheiro, nítidos e honrosos quadros de família.

BUCOLISMO

O Januário da Mota, homem simpático e bem apessoado, viera, havia anos, de fóra da localidade sertaneja, uma risonha e fertil aldeia, em que habitava, e se tornara proprietário.

Oriundo de familia pobre fôra, a poder de grande sacrifício, destinado por seu pae, indivíduo culto e previdente, ao modesto professorado das primeiras lêtras.

Era um meio de vida muito decente e sofrivelmente rendôso para quem não podia frequentar estudos superiôres, nem ambicionar por isso posição elevada e opulenta.

O Mota, concluido o seu modesto e pequeno curso, gastou dilatado tempo para encetar a cubiçada carreira até que um inesperado concurso, por vacatura de escola do próprio districto, onde nascêra, lhe dera o professorado, que exercia conspicuamente na terra da sua residência actual.

Não desagradara ao Januário a sorte, que o destino

lhe dera, porque a sua compleição meditativa e um tanto insociavel dizia muito bem com a quietação, simplicidade e baratêza de uma aldeia, com tanto que esta possuisse campos pitorêscos, ribeiras sussurrantes e bastante arvorêdo fructífero, crematório e ornamental.

A bôa sorte pois favorecêra-lhe as inclinações naturaes.

O professôr Januário só dispunha da instrução indispensavel ao seu mister, onde hôje ainda figuram compêndios, uns, que são altos de mais para a baixa comprehensão de uma criança, outros, que requeriam melhor escrita dos seus autôres.

Em país, onde os cargos do ensino geral, grande e pequeno, livros adotados, inspetorías profissionaes e gráus académicos são distribuidos pela negregada politiquice aos afilhados, segundo conveniências pessoaes, requeridas pelo voto e pelo empenho, como acontece nos outros ramos de administração pública—não admira que os compêndios instructivos obedèçam ás conveniências dos autôres e dos seus padrinhos.

Falemos porêm do Januário da Mota, não vá acometêr-nos o enjôo, que sofrêmos, ao falar da esfarrapada e pouca limpa engrenagem política, que tem regido, e ameaça regêr destemperadamente a outrora nobilíssima nação das quinas.

O Januário nunca tinha viajado pelos meandros da nossa literatura antiga e moderna ; pouquíssimos autôres conhecia alem dos que escreviam jornaes, e constavam das notícias dêstes tão interesseiras e mentirosas, por

vêzes, nunca escrevèra versos, màs sentia-se poeta, e disso se orgulhava.

Apesar dessa tão rara qualidade, ou talvêz por ela, não deixava de sèr ambiciôso, limitando porèm a sua aspiração e cobiça a possuir algumas courelas de terra amanhada e alguns trèchos de arvorèdo fructífero e ornamental.

Vivendo em companhia de sua mãe, único parente chegado, que lhe restava, viu claramente que só por meio de um casamento poderia alcançar a meta dos seus constantes e fervorosos desêjos.

Ainda a bôa estrèla, que parecia fadar-lhe a vida, acorreu ao seu alcance, unindo-o á sobrinha do pároco da freguesia, a quem as línguas faladôras e mexeriqueiras atribuiam parentèsco diferente.

O padre, ao qual se atribuia título diferente de tio, com o que ninguem tinha nada que vêr, testara a favôr da sobrinha os bens agrícolas e urbanos, de que era senhôr e possuidôr, falecendo pouco tempo depois; no que a rapariga não tardou a acompanhal-o, deixando o Mota proprietário e viuvo sem filhos, á falta de herdeiros, que pudessem legitimar o seu parentêsco.

Sendo êste casamento, porêm, efectuado, como tantos, e como é usual e próprio da patifa humanidade, mais por interesse que por sentimento afectivo, o professôr não se embrenhou em grandes lástimas, e continuou a vivêr com sua mãe, velhinha, muito velhinha, cercada agora de certa criadagem necessária á labutação da casa.

*

* *

E' n'esta invejada posição de mestre de meninos bem reputado e de proprietário um tanto farto de meios que tem comêço a presente e singelíssima narrativa de singelos episódios.

A personagem, de quem herdara os bens, por via da mulher, o padre, fôra menos mau estragadôr de imagens e alfáias preciosas, pertencentes á igreja, que paroquiava, como tão frequentemente tem acontecido, por êsse país fóra, em razão do desapgêo, materialidade e ignorância de uma parte do clero provinciano; constituira um homem de poucas lêtras.

Êle próprio se vangloriava dêsse predicado, quando dizia que nunca lêra livros alem do breviário e do *Flos Sanctorum*.

Grande estranhêza foi portanto a do professôr, quando, ao revolvêr o pobre cartório do padre, encontrou duas obras em verso, o *Passeio* de Costa e Silva e as *Poesias* de Paulino Cabral, abade de Jasente.

Aquêles livros só poderiam sêr atribuidos á posse de algum amigo do padre, ou simples freguês, que por lá os deixara esquecidos em visita apressada e não repetida, ou a dádiva, de que nunca se fizera caso.

Pelo cérebro entupido do bom e gordanchudo clérigo, que mal soletrava o latim, e não tinha familiaridade com a lêtra redonda, alem dos dois livros apontados, não passara nunca, podia supôr-se, a ideia de adquirir por com-

pra taes obras de bôa literatura, dada de mais a mais a ponderosa circunstância de sêrem escritas em verso.

Os instintos poéticos do atarracado vigário encerravam-se, de preferência, com muita larguêza, na contemplação e saboreio de uma avantajada travessa de coscorões, bem salpicados do mel das suas colmeias, pelo Natal; no pasto e repasto dos torrèsmos e orelheira com feijão branco, por ocasião da matança dos porcos, e no aprêço dos salpicões e lombo de conserva pelo ano adiante, tudo regado pelo carrascão das suas videiras e, ás vêzes, no cêdo, pela geropiga da mesma procedência, de cujo fabrico tinha forte prosápia.

O professôr Januário da Mota, ao inverso de tão santo varão, que o tornara ditôso em bens de raiz, se tambem se não podia considerar acanhado de estômago, reverenciava as musas, embora as não conhecèsse por obra própria, e era inclinado por índole á poesia, especialmente a que dizia respeito a Pomona, Flora e Ceres.

Ao contemplar a florescência das roseiras do seu quintal, as árvores tambem floridas ou crivadas de frutos; ao vêr ondular as searas loirejantes; ao gosar a sombra de um carvalho anôso, bracejante, agigantado, e ante o sussurrar dos ribeiros em manhãs estivas, ou em noites de claríssimo luar—sentia o afortunado mestre de meninos uma impressão, suavíssima, absorvente, que por vêzes o fazia esquecêr da sua própria individualidade.

Atacavam-no claramente os adêjos da poesia campesina e silvestre.

Diz-se, por mera suposição, sem visos de verdade

axiomática, que se é poeta, ao menos uma vêz na vida.

Negamos. Tantíssima gente, a quem falta o coração, atascada, dêsde a juventude, em torpêza e vícios, não pode conhecêr o sentimento do belo, que é a verdadeira e única poesia.

O Mota, pela estreitêza dos seus raciocínios, não pensava nisto, não sabia definir com exatidão o sentimento, que o dominava, mâs, não lhe dando o verdadeiro nome, adivinhava-o, e dizia, de quando em quando, de si pâra comsigo:

—Diacho! Não atino com êles, màs tenho vontade de fazêr versos.

Pode-se imaginar por tanto a sua satisfação, quando, no exame consagrado aos papeis do falecido vigário, se lhe depararam o poema do Costa e Silva e os versos de Paulino Cabral, nomes, que êle desconhecia inteiramente.

A leitura do *Passeio* não lhe conquistou pleno agrado, em razão do verso um tanto monótono, antiquado e sôlto, mâs deliciou-o no ponto, em que êle trata de antepôr a defêza dos nossos campos ás opulências das terras americanas.

E deitado, de peito para cima, na macia relva, que tapetava a sombra de um amplo castanheiro, o Mota decorou o trêcho seguinte tanto do seu agrado:

....

«... campinas da América, indios campos,
não vos cede em belêza a pátria minha.
Aqui não surge a férvida canela,
não floresce o cacau, não corre o néctar
dos vêrdes canaviaes; porêm que importa,
se, com pródiga mão, Ceres reveste
nossos plainos de lúcidas espigas?
se o Numen da alegria, em Lisia honrado,
folga de coroar-se, e enflora o tirso
dos vecejantes pâmpanos, que adornam
nossos ricos oiteiros? se abundantes,
límpidas, puras águas nos derramam
as Naiades risonhas? se Minerva
sua árvore aqui planta? olfato e vista
Pomona nos lisonjea com seus frutos?
se a brincadôra Flora aqui despeja
seu florescente regaço?
Vossas aves
sem galhardia, as mais, de insulsas côres,
com o rouco pio, vencerão das nossas
dulcinôzo trinar e harpejos dôces?
Tu só, tu, rouxinol, que ao pôr do dia,
num vêrde mirto, solitário exprimes
tão extremado amôr, só tu bastavas
a animar vossos bosques!
Côrro a ouvil-o.
Dôce melancolia a alma me oprime;
parece-me que as árvores se inclinam,
que se demoram trépidos ribeiros,
e os zéfiros brincões as azas fecham,
para se enternecêr, carpir com êle.»

. . . .

Os brasileiros podiam objetar ao poético sentir do autôr do *Passeio,* com a apologia do canoro sabiá, que êles consideram rouxinol.

O professôr lembrava-se de têr lido num jornal, ou num almanaque literário, os versos de João de Lemos, que começam por

Minha terra tem colinas,
onde canta o rouxinol;
minha terra é mais amena,
mais saudôso o pôr do sol.

a que o maranhense Gonçalves Dias, então estudante de Coimbra, respondeu:

Minha terra tem palmeiras,
onde canta o sabiá;
as aves, que aqui gorgeam,
não gorgeam como lá.

O Mota sabia disto, mâs no seu fervòr patriótico e no seu amôr campesino, optava pelos sentimentos do poeta Costa e Silva.

Aquela passagem, que èle decorara, e que recitava a miude, valia o livro inteiro.

Pelo que se refere aos dois volumes do erudito e distinto abade Paulino, aquilo nem parecia uma obra de padre, por seu carácter amantético e finamente mundano.

O seu estilo, por vèzes brincalhão e satírico, noutras bucólico e sentimental, entretinha-o largo tempo, seduzia-o, maravilhava-o, especialmente nas composições, dedicadas aos assuntos campestres.

Que se visse, e admirasse êste sonêto:

Depois que desta aldeia me retiro,
a vide podo, enxérto o catapreiro,
cultivo o meu casal, e do ribeiro
eu mêsmo as águas para o campo tìro;

depois que a recolhêr somente aspiro
do meu trabalho o fruto verdadeiro,
outros bens não pretendo, e dêste oiteiro
ao mundo enganadôr as costas viro.

Procure-os quem quizer; e diligente
para os lograr o mercadôr ousado
travesse o mar, e outras nações frequente;

ás côrtes passe; e em tudo afortunado
títulos compre ilustres, que eu contente
sem êles vivo aqui, mâs socegado.

Era uma grande verdade o vivêr tranquilo do professôr e proprietário aldeão. A lètra dêste característico sonêto parecia tèr sido engendrada para êle, entrava-lhe na alma, deixando sulco profundo.

E ainda êste, que tão sentidamente emparelhava com aquêle:

As sestas longas do fervente estio
passo á sombra do rústico carvalho,
e, revergado ao tépido borralho,
as noites largas pelo inverno frio.

Nos lisos seixos do pequeno rio
vivas trutas em curva rêde entralho,
a perdiz na esparrela e, sem trabalho,
o coêlho veloz caço no fio.

A fruta como, á própria mão colhida;
bêbo da pura fonte, e a rude gente,
já por uso, parece-me polida.

Tudo aqui me consola; e tão somente,
para lograr de tôdo alegre a vida,
falta-me Nize, de quem vivo ausente.

Decididamente os gôstos e as predileções do abade poeta eram a fonte, donde os do Mota haviam dimanado, em fios de cristal puro.

Nada se encontrava tambem nèste sonèto, que se lhe não pudesse aplicar.

A própria ausència de Nize justificava se com inteirêza pela sua qualidade de viúvo. Mulher sepultada ou distante valia o mèsmo, significava ausència.

O que lhe sucedèra representava estranha e pasmosa coincidência.

Os seus bens terrenos advieram de um padre, a clara exposição das suas qualidades de alma vinha-lhe de outro padre.

Eram duas heranças, de que èle se julgava digno, mâs que nunca pensara alcançar.

Quanto a mulher, verdade era que a sua Nize fale cida lhe não despertara grande amôr, por sua fealdade á sua ausência ligava-se apenas o sentimento da gratidão pelo têr enriquecido.

Pensando bem, o Januário sentia absoluta necessidade de gosar os amavios de uma Nize, que fòsse arden temente estimada.

Na terra e freguesia, porêm, onde tinha residência, não havia mulher bonita e polida, que pudesse servir-lhe.

Não era dificil o encontro de formosuras, mâs estas, algumas notaveis, verdade, verdade, só pertenciam a camponêsas de pé descalço e gretado.

Êle bem sabia que os sentimentos da creatura humana não começam, nem acabam nos pés; entretanto a sua personalidade de homem culto exigia certo cultivo de educação limada.

Lá belêzas campesinas não faltavam aqui ou acolá. Entre os serviçaes jornaleiros, que lhe amanhavam as terras, trazia o digno professôr uma das mais salientes na figura robusta de uma rapariga, muito bem conformada, e airosa de côrpo e maneiras, rôsto levemente carminado sôbre cútis macia e clara, cabêlo abundante e aloirado, olhos azues e scintilantes.

No seu aprumo de mandante e poeta, o professôr Januário não dava a conhecêr a admiração, que lhe causava a formosa camponêsa.

E, caso extraordinário, esta parecia distinguil-o com a frequência do seu olhar, com o riso especial dos seus lábios e com a doçura do seu modo rude, mâs afavel.

Abaixada ou em pé, a andar ou parada, no exercício do seu trabalho finalmente, a Gertrudes, que assim era a graça da moçoila, procurava-o com os seus olhos de fulgôr candente, e corava levemente, se o olhar do professôr incidia, por acaso, no seu.

O andar do tempo e o estudo particular, a que o Januário disfarçadamente procedeu, fornecêram plena con-

firmação ás suas suspeitas; o que lhe deu muito que pensar.

Êle, como poeta e portanto amigo do belo, não era indifferente á beleza, com que a rapariga o tentava.

O amôr próprio, que em muitíssima gente se traduz, não por dignidade e sim por basófia, beliscava-o, lisongeando-o, como a bom filho de Adão e Eva; o seu modo de vêr, porêm, encarnado em sólido juizo, aconselhava-lhe uma forte resistência.

Era a paz armada entre dois combatentes.

Corrèram semanas, e passaram mêzes.

Ao decima dos sorrisos, disfarçados ás vêzes num graciòso mordêr de lábios, no tregeitar ondulòso da camponèsa, e por sòbre os seus olhares de uma rara e fulgurante insistência, havia agora um tom de pronunciada tristêza, que mais revolucionou os propósitos tranquilizadôres do Mota.

Nada. A sua curiosidade realmente impressiva obrigava-o a um positivo e nòvo estudo, a que ia metêr hombros, sem mais demora, por meio de um claro interrogatório.

Na travessia de uma estrada, quando a rapariga, trazendo no braço um cèsto de hortaliça, que fòra apanhar á fazenda, para onde o patrão se dirigia, parara para o cumprimentar, como costumava, èste, sem mais rodeios, começou assim:

—Eu ando, há muito, para te fazèr uma pergunta.

—Ai, sim? Antão diga lá.

—Prometes respondèr somente com a verdade?

—Ora essa! num cudei que me tinha por trapalhona

—respondeu a Gertrudes, sorrindo e meneando o còrpo.

—Não faço de ti mau conceito; quero apenas esclarecêr-me, servindo-me da verdade, porque acho exquisito o que acontece.

—Exquisito... o que acontece! Stá-me a assustar. Antão ê fiz algum mal?

—Não sei se é por bem, se por mal o que tu fazes. Noto que tu, sempre que podes, não deixas de olhar, seguidamente, para mim. Porquè? queres dizêr-m'o?

—Isso há-de sèr por mal—acudiu a rapariga, cravando a vista no chão e tornando-se rubra.

—Fala-me claro, Gertrudes. Isso não é natural.

—Isso... o que?

—O que tu praticas. Os teus olhares, ás vêzes, seguidos de sorrisos, querem dizèr alguma coisa, que eu preciso sabêr. Deixa-te de esgravatar com a chinela na terra, e responde-me. Então?

—Ê sei lá o que as olhadelas querem dizèr?... Calha assim... e acabou. Ê vou-me embora. Já é tarde.

—Espera, que mando eu. Has-de explicar-me o que eu preciso conhecêr.

—O' senhor! è nem sei o que l'hei-de dizêr.

—O teu olhar e o teu sorrir obedecem a sentimento vivo, continuado. Que sentes tu?

—Que prégunta! Ê cá nan sei o que sento.

—O que tu fazes só é próprio dos namorados. Tu andas a namorar-me, Gertrudes? Vamos. Estás a rompêr o avental com tanto derriçar dos dèdos. Vamos. Olha para mim, e fala-me claro.

—Nan sei, nan sei mais nada.

—Queres ou não queres dizêr-me a verdade?

—O' senhor! Valha-me Deus!

—Ora vamos por partes, a vêr se eu adivinho o que tu sentes. Quando, ao fim do dia, saes do trabalho; aos domingos e nas occasiões de chuva, em que não vens trabalhar, e não me vês, lembras-te muito da minha pessôa. Não é assim?

—Mâs... quem le disse isso?

—Sei-o eu. E' ou não verdade? Eu zango-me se tu não respondes. Dize-me que não é exacto, se o não é. Resolve-te. E' verdade?

—E' verdade, senhôr.

—Estás córada que nem uma romã madura. Ficas mais bonita assim.

—A'gora bonita? Quem dera!

—Continuemos. Quando tu estás ausente, sentes o que se chama saüdade, e desejas muito vêr-me. E' assim?

—Ê nan sei quem tanto le disse!

—Ninguem m'o disse; adivinhei-o eu.

—Antão é bruxo. Ora tem graça... o adivinhão!

—Talvèz seja bruxo, pois tanto ao certo conhèço o que tu sentes. De volta ao meu trabalho, experimentas certa alegria; o coração parece que te não cabe no peito.

—Ê sei lá sé disso? A's vèzes parece que me arrebenta o casibeque com tanto batèr. Creio bem que é moléstia.

—E olha que não é das melhores. Continuemos ainda. Quando eu chègo ao serviço, sentes um grande alívio e a tua alegria torna-se maior.

—Jasús! se alguem nos oivisse...

—Socega, rapariga. Ninguem nos ouve. Esta conversa ficará comnòsco. Experimentas então maior alegria, quando me vês?

— Pois olhe: há dias que ando pouco alegre. Não me dá vontade de cantar, como era meu costume. Lá isso não.

—Os verdadeiros namorados tèm muito disso.

—Antão eu...

—Estás namorada de mim, não há dúvida. Lá deixaste cair o cêsto. Agora apanha a hortaliça.

O professòr ria-se, e não podia ocultar a sua satisfação, mau grado seu.

Falavam ao seu espírito a vanglória, o amòr próprio e os seus instinctos poéticos?

Não ousamos negal-o, nem afirmal-o.

—Vê lá se eu adivinhei ou não—insistiu èle ainda. — Confessa a verdade, rapariga.

—O snr. Januário tem estado a mangar comigo. Inté logo.

E a Gertrudes, com os olhos a faiscar, o ròsto escarlate e o riso expressivo, a voltar-se de quando em quando, e saracoteando-se, caminhou em sentido contrário, depois de tèr apanhado a hortaliça, que lhe caira.

—Sempre sou uma doida!—pensou, entristecendo de repente, ao perdèr o patrão de vista.

—Será esta a Nize dos versos—murmurava o Mota, por seu turno—a Nize, que a sorte me destina? Bonita é ela, como ninguem. Limada pela leitura, que eu lhe podia ensinar e pela sequència dos meus consèlhos...

modificados o traje e o seu vivêr actual... Minha mãe pode faltar-me, de uma hora para a outra... fico sozinho, entregue a criadagem gananciosa e má... Ora adeus! O que me havia de lembrar! Sou um verdadeiro pateta.

Pela tarde, trabalhando a distância, no meio de outras mulheres, a Gertrudes, elevada a sua voz ao costumado falsète, que é moda entre as camponêsas da Beira, na toada melancólica e triste dos nossos fados e das restantes melopeias do cancioneiro popular, garganteava, entre várias cantigas, estas duas quadras:

Ai de mim, que não sabia
que era amar, e têr amôr
isto, que sinto no peito,
que dá gôsto e tambem dôr.

Que dá dôr e tambem gôsto
faltava-me inda sabêr;
agora sei que de amôres
té se pode endoidecêr.

Por seu lado, o professòr, scismando muito no interrogatório elucidativo, que lhe revelara a inteira verdade, procurava enchèr-se de dúvidas, embora a sua compleição poética lhe fizesse palpitar o coração, e doirar o episódio.

Ao ouvir as duas cantigas, garganteadas pela rapariga, estimou achar-se longe, não fòsse ela adivinhar a impressão, que lhe causava.

Onde fòra a camponèsa aprendèr aquilo, que propo-

sitadamente cantava, e traduzia, ás claras, os sentimentos da sua alma?

E o Mota pensou:

— Será pois certo que uma rapariga destas chegue a sentir verdadeiro afecto por um homem de categoria superiòr e edade tão diversa? Eu tenho visto que a brutalidade da gente, a que ela pertence, chega, descontadas as exceções, a deplorar maiormente, por vèzes, a morte de um bòi ou de um pòrco do que a de um membro de família. Como posso pois acreditar na paixão da Gertrudes? E' verdade que eu não curo por informações; tenho provas demoradas, evidentes. E depois, bem sabido é que o amòr não atende a classes, nem a edades. Porque não há-de sèr certo o que já me não oferece dúvidas?

Alargando os seus pensamentos continuados, á noite e no dia seguinte, o Januário da Mota lembrou-se de folhear, como se fôssem livros de consulta, os dois volumes dos versos do abade Paulino, que seria sempre o seu autôr predilecto.

Não perdeu o tempo. O grande poeta afirmava categoricamente que as chamadas setas de Cupido avassalavam o mundo inteiro.

E declamava sentenciosamente êste sonêto do primeiro volume:

Fere egualmente Amôr o rico, o pobre,
o môço, o velho, em fim tudo sujeita;
e, ás vêzes, onde menos se suspeita,
arde mais vivo quanto mais se encobre.

Faz que um heroe ao seu podêr se dobre,
que desvarie um sábio; e não respeita
nem da cabana a esfera mais estreita,
nem do palácio o resplendôr mais nobre.

Nem dentro dos grilhões de uma clausura
contra os tiros crueis do aventureiro,
encontra fraco abrigo a formosura.

Rompe pelo impossivel derradeiro;
combate as honras, a virtude apura;
e alista por vassalo o mundo inteiro.

Não havia nada mais certo, nem escrito com maior justêza, no seu entendèr de homem apaixonado pelas musas.

O abade de Jazente não tinha rival.

O Cupido, como invasòr dos corpos humanos e até deshumanos, estava magistralmente definido.

O amôr não conhecia posições, nem classes, nem edades; podia agora afirmal-o categoricamente, segundo a lição do mestre.

A Gertrudes, que constituia realmente uma formosa mulher, podia sentil-o ardente, firme, verdadeiro. Era uma flôr silvestre, mâs de uma agradabilidade infinita na côr e no feitio.

Ela continuava a cantar:

Ai de mim, que não sabia
que era amar, e têr amôr
isto, que sinto no peito,
que dá gôsto e tambem dôr.

Que dá dôr e tambem gôsto
faltava-me inda sabêr;
agora sei que de amôres
té se pode enlouquecêr.

Não havia que duvidar. E, por cima de tudo, entre as belèzas do campo, que tanto preconizava o professôr, competia-lhe a ela o primeiro e mais vistôso lugar.

Por nossa parte, não nos compete aduzir um juizo seguro, porque só por tradição tivémos conhecimento da Gertrudes.

Alcançaria ela, por sua fortuna, a posição elevada e brilhante da Nize tão necessária á naturêza poética do Januário da Mota?

Responderemos, quando terminar o curso prolongado das nossas informações.

FRAQUÈZA E FÔRÇA

—Adeus, vizinha. Bôas tardes.

—Que bôa tarde nos dê Deus!

—Estás hôje muito janeleira!

—E tu muito cantadeira. Parece que tu e tua irmã viram passarinho nôvo. Dèsde manhã até agora sempre a cantar, devem estar esfalfadas. Nunca vi uma coisa assim!

—Ai, Margarida, fazes-me rir. Não sabia que tu ouves com os olhos.

—Ouvir com os olhos?

—Certamente. Ouviste-me cantar, e dizes que nunca viste coisa assim... Ah! ah! ah!

—Olhem a sabichona! Já a formiga tem catarro. Ora seja tudo pelo amôr de Deus!

—Não te zangues, mulher. O que tu querias era sabêr o motivo de tanta cantiga.

—Sou pouco curiosa...

—Ai, sim? Pois então nada te direi.

—Vae dizendo sempre. Entre vizinhas e amigas...

—Que somos e até parentas, ao que nos dizem, tudo fica em brincadeira.

—Ninguem se zangou ainda, creio eu, diante da tua alegria. Vejo-te, na verdade, muito alegre. Se é segrêdo, não me digas nada.

—Segrêdo? Só se o fôr pâra aquêles, que tiverem inveja.

—Se a coisa é de causar inveja, grande deve ela ser. Estás a aguçar-me o apetite.

—De a saber? E dizes que não és curiosa...

—Tôdas somos filhas de Eva.

—A grande gulosa do fruto prohibido.

—Ora vê se alguem te ouve chamar nomes á mãe de nós tôdas, conforme diz o nosso confessòr...

—Não é por mal. Mâs vamos ao que importa...

—Já não é sem tempo. Vê se desembuchas por uma vêz.

—Estava capaz de te arreliar, deixando-te com água na bôca, como se costuma dizêr.

—Olha: sabes que mais? Vae para o demónio. Não digas nada, que eu de nada preciso sabèr.

—Lá começas a zangar-te. Mau génio tens tu, mulher.

—Pois sim, vae conversando. Tua irmã, ouvel-a? entrou de nôvo a cantarolar. Será bom que lhe vás fazer companhia ao quintal, onde creio que ela está.

—E olha que tem muito que fazêr. Não tardarei a ajudal-a, não. Esfregamento de casa, limpêza e arrumação de tudo... não é serviço, que minha mãe possa fa-

zêr, que não pode. Bastam-lhe a fraquêza e a edade. O resto tem que corrêr por minha conta.

—Ah! Adivinhei agora a novidade, a grande novidade. Qual é de vocês a que se vae casar? Tanta balbúrdia e tanta alegria não devem têr outro motivo.

—Enganas-te, amiga minha. E's fraca adivinhadôra. Há grande novidade na casa, mâs não é essa com certêza.

— Muito me contas! Se não é casamento de nenhuma de vocês, então é herança de grôsso dinheiro.

—Ainda não acertaste. Ora lá vae, que já não é sem tempo. Chega amanhã meu irmão.

—Vá lá, que não andei muito longe, na minha última suposição. Brasileiro na terra é sinal de dinheiro.

—Bem sabemos nós o que êle tem, ou deixa de têr. Há dias que chegou a Lisbôa, e escreveu a dizêr que o esperássemos amanhã.

—Parabens.

—Minha mãe, coitada, deitou-se a chorar de alegria, e meu pae nem foi hôje á fábrica, onde trabalha. Vê tu que alegrão!

—Faço ideia, faço. E' caso para isso e para vos dar a tôdas muitos e muitos parabens.

—Obrigada. E até logo, Margarida, que está a minha velhinha a chamar por mim.

—Dize-lhe que estimo muito o seu contentamento.

—Pois sim. Adeusinho!

O diálogo janeleiro, que acabamos de presenciar, passava-se em rua escusa da devota cidade de Braga, a *Brácara* dos tempos antigos, a que um conhecido nosso

chama avultado viveiro de padres e mulheres feias, e por imitação a cidade dos três *fff*, que se traduzem em sêr uma terra fanática, feia e farta.

As figurantes eram duas raparigas, uma irmã do *Manel da Rita*, que estava para chegar, conhecido na mocidade e na sua vizinhança por êsse nome, visto sêr o único filho varão de sua mãe, que se chamava Rita; e outra, a Margarida, orfã de pae e mãe, recolhida á proteção de uns tios, marido e mulher, que a tratavam como filha, mandando-lhe ensinar as primeiras lêtras e o ofício de costureira, em que ela se empregava, trabalhando para quem queria utilizar-se do seu prsétimo.

Pela bonitèza não parecia oriunda de Braga, segundo diria o nosso afeiçoado de má língua, se a visse muito bem parecida e airosa. Podia chamar-se viçosa flôr de estufa, porque não arejava muito a sua pessôa entretendo-se por ordem expressa dos tios a lèr-lhes as histórias do *Flos Sanctorum*, nas horas feriadas do seu trabalho habitual.

Na opinião generalizada de tôdos, que a conheciam, era o que se chama uma bôa rapariga.

Classificando-a assim, ninguem lhe fazia favôr.

*

* *

Os portuguêses, que emigram para as terras de Santa Cruz, têem a desdita, alem dos riscos de isolamento longínquo e da saüdade, a que se sujeitam, de perdêr o nome patronímico.

De portuguêses passam a sêr *brasileiros*, cognome êste, que entre o vulgo significa sujeito endinheirado, e que só se perde, se o indivíduo voltou possuidôr de três *fff* tambem, isto é, cheio de febre, fadiga e fome, não por mau acolhimento, onde a hospitalidade é magnífica, mâs por má sorte ou por influência do clima.

A chegada do brasileiro bracarense devia constituir acontecimento faustôso pâra a família, cujas cachopas se desfaziam jubilosamente em prévias cantigas, e grande novidade pâra tôda a vizinhança, amigos e conhecidos.

A começar pelos paes, ninguem sabia ao certo se êle voltava apatacado, senhôr de bons pintos; mâs, aos anos da sua estada na terra das patacas e ás suposições, que era dado fazêr por algumas libras, remetidas por vêzes á sua gente, o homem regressava em abastadas circunstâncias.

Entretanto não causou bôa impressão que o Manuel da Rita désse entrada na casa paterna a horas adiantadas da noite; as almas bem intencionadas porêm podiam atribuir o caso a transtôrno de viagem ou a excessos de modéstia, inimiga de espalhafato público e da curiosidade de gente coscuvilheira.

No dia seguinte ao da chegada, chovêram visitas na casa da velha Rita, e espalharam-se boatos de que o brasileiro, orçando pelos seus trinta e tantos anos, vinha possuidôr de largo bigode, cara frêsca, embora um pouco tostada, maneiras afaveis, bom vestuário e bagagem numerosa.

Sim, ao que se via, representava um figuraço o recem-chegado, a quem os mais letrados chegaram apenas

a estranhar a linguagem mestiça do vulgacho brasílico.

Ora adeus! Era um tique, que lhe dava graça.

Ao dar repetidos abraços na mãe, as irmãs advertiram-no de que podia atabafal-a, coitada, que andava dessorada.

—Qui prázer, minha gente! Há qui tempo qui não via, nem abraçava ela!—respondeu risonho.

E virando-se pâra as irmãs, mirando-as, depois de matar a sêde com um *bôrado* di água, que pedira, e abraçando-as:

—Qui môças bonitas qui vós estaes! Mi parece qui não haverá por cá muitas como vós.

As elogiadas riram muito, achando engraçadas a fala e a pessôa do seu rico irmão, que havia de metêr inveja a meio mundo.

—Olha o caipora!—bradou do lado uma voz esganiçada.

Era a de um dos papagaios, que pâra diversão e ornamento da habitação paterna, trouxera comsigo o brasileiro.

—Papagaio... moleiro... pâra o Rio di Janeiro!—dizia outro, povoneando-se na gaiola.

—Olha o caipora!—tornou o primeiro.

—Que diz êste?—perguntou uma das raparigas—Caipora! Tambem já te ouvimos dizêr isso, quando te perguntámos se vinhas rico.

—Te disse qui tinha sido um bocado caipora.

—Isso mêsmo. Caipora, que é? Lá está o papagaio a dizêl-o outra vêz. Que é?

—Quere dizêr sujeito qui não foi ou não é filiz. Ensinou êle a falar assim um caixeiro meu, a quem um freguès da minha loja chamava aquilo, quando caçoava, dizendo:—Olha o caipora!

—E o pagagaio, que fala no Rio de Janeiro?

—Tambem diz:—Papagaio... real... pâra Portugal.

—E' pâra contentar ambos os países—reflexionou o velho dono da casa.

—Tal qual—respondeu o filho, a abrir uma das malas.

O conteüdo, como era de prevêr, desfêz-se em dádivas, que representavam larga generosidade do brasileiro—relógio de prata, cadeia de oiro e um fato completo pâra o pae; brincos e cordões de oiro, meias, lenços e peças de fazenda, destinadas a vestidos, pâra a mãe e irmãs.

Os presentes do Manuel da Rita, que, apesar da sua bôa aparência, vinha a queixar-se muito do estômago, fôram falados, emprestando-lhe situação e fama de homem ricaço, como era próprio de um brasileiro.

Dois dias após a chegada, tendo cumprimentado a vizinha, que avistara á janela, perguntou a uma das irmãs:

—Quem é aquela môça? Eu cumprimentei ela, sem conhecel-a. Me parece agradavel.

—E' uma costureira, nossa amiga.

—Nessi caso convida ela pâra a janta di ámanhã. Iremos tôdos di passeio a Bom Jesus, de que tenho bastantes saüdades.

—Pois sim, eu falarei com ela.

A Margarida, apesar de umas costuras de pressa e mais serviço urgente, foi tomar parte no desejado passeio e no jantar do brasileiro, que folgou muito na ida á poética montanha do Bom Jesus e á maior altitude do Sameiro.

Sentado num degrau do monumento religiôso, que lá se ostenta, e que êle não conhecia ainda por sêr obra moderna, reflexionou, ao dizêrem-lhe que êle tomara uma atitude tristonha:

—Não é isso. Me estou lembrando das Paineiras, do Pão di Assúcar, do Corcovado...

—Que vem a sêr?

—Môrros dos arrabaldes da capital di Brasil. Tem altura prodigiosa, me lembro bem. O Bom Jesus sim, mâs esta ladeira me parece uma tapera.

—Uma quê?

—Uma tapera, um dêserto.

—Pois olhe—disse Margarida, a sorrir-se.—O pico desta montanha, onde estamos, a que chamou nome tão feio, não é pouco invejado pelos mordomos da vizinhança, os que regem o Bom Jesus.

—Ai, sim? E porque?

—Ao que se diz, visto que a senhôra do Sameiro, administrada por outra gente, dentro em pouco, ganhou fama, começando a têr grande rendimento, os homens lá debaixo arreliaram-se com tal fortuna, e votaram-lhe certa zanga.

—Qui coisa tão safada!

—Pois é verdade. Os mesários queixavam-se de que

os rendimentos da sua igreja e capelas tinham diminuido, com a frequência de devotos no lugar, onde nós estamos.

—Ripito. Qui mesquinharia entre vizinhos!

—O' Margarida—acudiu uma das irmãs do brasileiro—lembras-te do dito, que se atribue a um dos mesários lá debaixo?

—Eu... eu... não sei, não... não me lembro.

—Pois ahi vae. Numa reunião, que tiveram, reconhecendo que as espórtulas dos devotos eram menos numerosas, com a concorrência a estas alturas, diz-se que um dos mesários clamara:

—Não há dúvida. A senhôra do Sameiro foi o diabo, que apareceu ao Bom Jesus!

O Manuel da Rita achou muita graça ao disparate, aventado pelo tal mordomo, e só deixou de rir, e comentar o caso, a seu modo, quando voltou aos formosos domínios do Bom Jesus.

Divertiu-se com a sua gente, navegando no pitorêsco lago, percorreu escadórios e capelas, lançou esportulas nas caixas das esmolas, e por fim, atirando comsigo pâra um mimôso relvado, que tapetava a sombra de uma árvore, disse em ar de folga:

—S'tá calòr. Não boto chapéu na cabêça tão cêdo. Tóca a descansar. Já s'tou esbódêgado.

O estranho qualificativo não precisou de explicação; deu a percebêr que o homem já estava fatigado.

*

* *

Do que o Manuel se não descuidava nunca era da sequência de amabilidades, tributadas á gentil costureira, a quem, de volta do passeio, ao jantar, fêz uma saúde rasgada, no meio da algazarra dos papagaios, um dos quaes continuava, sempre que o via, a chamar-lhe caipora.

Dahi a dias, a Margarida recebia uma carta do brasileiro, na qual se declarava apaixonado por sua pessôa, e a convidava a correspondêr-lhe; o que seria a sua felicidade suprema.

Era isto pelo menos o que queria dizêr a mascavada linguagem da missiva amatória.

A costureira, mulher pobre e falha de pretendentes de bôas intenções, achou-se lisongeada, sentiu palpitar o coração, viu que o sujeito lhe agradava, e deixou-se rendêr a pouco e pouco.

Começando a sêr íntima da família vizinha, tôdos ali a tratavam por prima, em razão do parentêsco, que se dizia existir entre ela e a gente da Rita.

Era mais uma valiosa tangente pâra que as relações amorosas se estreitassem progressivamente.

De viva voz, o namorado brasileiro afirmava que não era *pachola*, isto é, que não tinha costumes de peralta, vaidôso ou farçola; que tratava seriamente dos seus negócios, fôssem quaes fôssem.

Em indivíduos do comércio, que, em certo número, só

são perfeitos, quando tem alma de se vendêr a si próprios, a gíria mercadejadôra chega a denominar negócio um acto de coração ou de intimidade familiar.

Por isso o Manuel certificava no palavriado, dito particularmente á Margarida, que a sua paixão constituia um sério negócio.

Como, de ordinário, onde há fôgo há fumo, dentro em pouco, a côrte assídua do brasileiro, dilatada em entrevistas perigosas e menos mal aprovadas por sua família, chegava ao conhecimento dos tios de Margarida, a quem deram sensatos e paternaes consêlhos.

As aparências iludem. O homem aparentemente possuidôr de certa riquéza, bem podia não tèr nada de seu. Ninguem podia adivinhar as suas intenções. Palavras leva-as o vento. Os hipócritas sabem mascarar-se, quando se julga que êles falam verdade. Nos seus gabos, expressões de galanteio e finêzas, consagradas ao belo sexo, os homens mentem quasi sempre. Por isso o mundo encerra tantas mulheres perdidas.

A paixão finalmente é muito má conselheira. Nas suas explosões tôda a cautela é pouca.

Nêstes dizères de bôa doutrina e larga experiência fundavam os velhos tios da costureira tôdas as suas considerações e advertências; e ela, no decorrêr de algumas imprudências, que já cometêra, a podêr de rogos e amavios, instava pelo casamento.

O Manuel da Rita, nestas ocasiões, como é de estilo, alargava-se em promessas constantes e adiamentos, que pareciam justificados.

Um grôsso e luzidio cordão de oiro e medalha corres-

pondente, uns brincos cravejados de pérolas e um anel com brilhante ostentava-os a Margarida, como dádivas do seu apaixonado, ao cabo de três mêses, á volta de uma viajata, que êle fizera ao Pôrto.

Não era lícito duvidar da riquêza atribuida ao brasileiro.

*

* *

Passado pouco tempo mais, o Manuel começou a mostrar-se muito preocupado em vista das notícias, que houvera do Rio de Janeiro, onde deixara o seu estabelecimento entregue a caixeiros, que, segundo lhe narrava um amigo, não cumpriam os seus devêres, como era de esperar.

Uma nova carta transtornava-lhe completamente o gôso, que estava a desfrutar contente, em terras da pátria, no seio da sua família, e obrigava-o a partir sem demora, visto que o desandamento dos seus negócios se tornava evidente.

O papagaio tinha instintos racionaes, quando, ao vêl-o, lhe chamava caipora, uma vêz por outra.

—E o nosso casamento? Deve sêr já. E' natural que tua mulher vá comtigo—disse a Margarida aflicta, ao sabêr do caso.

—Tendo qui tirar dispensa, como temos, di parentêsco, coisa qui dêmora mêses, segundo informação, qui tirei, não é possivel efectuar êle em antes da minha partida.

—Que me dizes, Manuel?

—A vérdade. Eu sou até capaz di dar um tiro na cabêça só em pensar que hei-de deixar-te. Socega, môça, que tudo se pode remediar. Eu não quero nem posso ti deixar. Já ti considero minha dona. Tu virás comigo.

—Que? Ir comtigo? De que modo? Estás doido, homem. Entra em ti, que estás doido.

—Caipora sou, mâs doido não. O que se não faz agora faz-se logo. Eu não posso adiar viagem. Seguirei a tomar vapòr, que por êstes dias chega a barra do Pôrto. Embarcarás comigo; e no Rio, de que hás-de gostar muito por sêr grande e bonita cidade, faremos nosso casamento.

—E meus tios? Nunca consentirão em semelhante disparate, que iria confirmar e aumentar a minha deshonra.

—Histórias da vida. Mi parece que tudo si pode arranjar facilmente, dêsde que não podemos passar um sem o outro.

—Mâs... como? Não me dirás?

—Partindo, sem ninguem o sabêr; fugindo.

—Fugir eu? abandonar meus tios?

A importante conversa prolongou-se por dilatado tempo, seguindo os trâmites, que não é dificil prevêr.

Dúvidas e queixas de um lado, protestos de ventura e belas afirmações do outro; hesitações e lágrimas da costureira, rogos apaixonados e promessas refulgentes do brasileiro.

A êste colóquio seguiram-se outros de idêntica natu-

rêza, desfazendo-se embaraços, planeando-se resoluções finaes.

Os laços contraídos e estreitados pela Margarida feriram-lhe a alma, decidiram da sua sorte, entregando-a ás peripécias de uma complicada e incerta aventura.

A sua fuga clandestina efectuou-se, não sabendo ninguem se a estrêla do seu destino velou a face já escassamente alumiada.

*

* *

Emquanto o escândalo corria de bôca em bôca no círculo modesto das relações afectas á casa da Rita e á dos pobres e desconsolados tios da fugitiva, esta, depois de têr atravessado a cidade do Pôrto, em companhia do amante, ia entrar á doca de Leixões, no paquête, que, fazendo escala por Lisbôa, havia de conduzil-a á capital brasileira.

O formôso panorama da cidade de Ulisses, cujas ruas principaes visitou, o próprio andamento do vapôr, que era pâra Margarida uma completa novidade, a vida de bordo, passado o período do enjôo, onde ela e o Manuel ocupavam alojamentos de segunda classe, e eram tidos por marido e mulher; a miraculosa amplidão do mar, em que só se avistavam água e céu, o fosforescente marulhar das ondas em noites de luar—tudo significava verdadeiras maravilhas, que se não davam um completo esquecimento, suavizavam saüdades e máguas.

Chegada ao têrmo da sua viagem, a Margarida, se-

gundo pensava, não tardaria a santificar os seus amôres, dando aos tios conta exacta do seu procedimento, e pedindo-lhes perdão das lágrimas, que lhes fizera chorar.

O casamento, que ia seguir-se, modificaria as agruras da sua grande leviandade.

O amôr do primo Manuel da Rita, os seus cuidados e disvelos diziam-lhe que a verdadeira felicidade já não estava longe.

A chegada ao Rio de Janeiro, cidade comercial por excelência, onde formigavam opulentamente várias classes nacionaes e estranjeiras, deu-lhe um grande alívio, prejudicado um tanto pela moradia e estabelecimento do Manuel numa rua escusa e de somenos importância.

Ele nunca lhe dissera de que naturèza se compunha o seu negócio, que afinal girava numa simples mercearia, a que lá se chama taberna, em casa pouco espaçosa, cujo pequeno andar servia de residência ao patrão e aos caixeiros, um pequeno e outro de maior edade.

Ordens antecipadas fizeram que a Margarida encontrasse um quarto e uma salêta bem guarnecidos de trastes; e uns passeios ao Andarahi, ao Rio Comprido, ás Paineiras, ao poético Botafôgo e a Nicteroi desfizeram-lhe um tanto a má impressão, que lhe causaram o género, em que o amante traficava, e o sítio da sua habitação.

Os vapôres-salões, que navegam de hora a hora pâra a cidade fronteira, Nicteroi, em plena bahia, e atracam a pontes, cuja extremidade é volante, erguendo-se ou abaixando-se, conforme o fluxo e refluxo das marés, e estabelecendo plano ininterrupto entre elas e o tablado

das barcas, e dando lugar a que bêstas de carga, carroças e trens de tôdo o género, com os cocheiros ou guiadôres nos seus lugares, tomem lugar em sítio respectivo, ao lado dos salões, indo e vindo, em serviço ou simples passeio—causaram grande admiração á costureira.

Tomada uma serva prêta pâra cozinhar, a Margarida chamou a si o govêrno da casa, frequentando a mercearia, quando o Manuel se ausentava na labutação diária, e chegando, com o andar do tempo, a conhecêr que a sua vinda tão apressada não fôra movida por transtôrno nem prejuizo havidos no estabelecimento.

Ao instar pelo cumprimento das promessas, tão convincentemente feitas, o primo objectava:

—Eu ainda não esqueci elas. Não pudemos casar sem virem papeis do reino, que referem-se ao parentêsco.

—E' certo isso?

—Ti digo qui falo vérdade.

*

* *

Ao ouvir a mêsma resposta, ao fim de um semestre, a Margarida começou a desconfiar da seriedade do primo, a quem se queixou amargamente, e de quem ouviu novas razões, que a desgostaram até ás lágrimas.

Em certo dia, quando ela desceu á loja, a limpar mais lágrimas, apressadamente, por sentir um falatório desusado, interrogou o caixeiro, que respondeu:

—Eram os homens da justiça, a procurar o patrão, que vinham intimar...

—Justiça? intimação? De que se trata pois?

—E' a mulher, que move o desquite, há muito tempo já.

—A mulher? o desquite? Que demónio vem a sèr tudo isso?—bradou a Margarida meio sufocada.

—Ai! o que eu fui dizèr! Não... não é nada, minha senhôra. Eu... eu enganei-me. Não é nada.

—Enganou-se? Agora é que está mentindo com quantos dentes tem na bôca. Fale-me a verdade inteira, ou eu não respondo por mim!

—Mâs... senhôra...

—Vamos; não se demore; diga-me o que há, em quanto não vem por ahi alguem. Eu tambem sei guardar um segrêdo. Vamos: fale.

—O' minha senhôra, não me comprométa, que eu tinha prometido ao snr. Manuel de nada lhe dizèr, conforme êle me recomendou.

—Diga, diga tudo.

—O patrão é casado com uma senhôra de edade, que o estabeleceu aqui. Estão separados, há bastante tempo: e ela agora trata do desquite judicialmente...

—E porque se separaram?—perguntou a Margarida, ofegante, após um grito dolorôso, que lhe estancou as lágrimas, como em certas naturêzas acontece, no maior auge da aflição.

—Porque a patrôa se negava a vendêr o resto das propriedades, que possue, pois o snr. Manuel queria aumentar o negócio, aumentando o capital. Isto, verdade

verdade, aqui, nêste sítio não dá bons lucros a ninguem.

A costureira de Braga, subindo aos seu aposêntos, têve ímpetos de corrêr á amurada do caes e precipitar-se no mar, que ela atravessara, cheia de esperanças, impelida pelas mentiras de um patife, cuja perfídia era justo, mâs demasiado castigo pâra o seu crime.

O afecto extrèmo de seus tios, a quem tão cruamente pagava o carinho de uma meninice bem mantida e de uma juventude coberta de afágos paternaes, lembrava-lhe nitidamente agora, quando estava perdido.

A sua falta de são juizo recebia o prémio, que merecia.

Deus era justo: punia-a pela grandèza da sua culpa, que ela podia bem têr evitado.

Depois destas e doutras considerações amargas, sobreveio-lhe uma explosão de chôro benéfico.

Foi nesta situação que a veio encontrar o merceeiro, seu patrício.

Não é facil descrevêr a scena, que se seguiu.

Margarida, sentindo em si uma fôrça desconhecida, hirta, de punhos cerrados, já sem lágrimas, invectivou o biltre, cobrindo-o de insultos.

— Não lhe esbofeteio a cara estanhada, sô desvergonhado, sem alma, nem consciência, porque tenho nôjo de o fazèr — bradou ela por fim, esfalfada, arquejante.

O Manuel da Rita arranjou desculpas fundadas na violência do seu afecto, que era sempre o mêsmo.

Ele tornar-se-ia o mais infeliz dos homens, se a prima o não acompanhasse, e por isso ocultara tôda a verdade. Ainda podiam sèr muito felizes.

Era natural que a mulher, por sua edade, não vivêsse muito, podendo êle, após o seu falecimento, realizar um enlace, que tanto desejava.

O decorrêr destas e doutras frases, na costumada linguagem, própria da prêta, que o servia, deu ao merceeiro, se não um tom de verdadeira sinceridade, pelo menos uma aparência de cordeal arrependimento, fazendo-o exclamar no final, ao abrir os braços:

—Ti deixa disso, môça. Nada di choradeira. Um abraço e o teu pérdão. Ora vamos lá.

Margarida, com os olhos dilatados, as narinas fumegantes, em atitude de Megera, furiosa, afastou-o de si com violento empurrão, e gritou:

—Nunca, traidôr... nunca te perdoarei, infame! Tu julgavas, por me vêr deshonrada, desvalida e pobre, a mil e tantas léguas de distância da casa, onde me criei, que podias continuar a zombar de mim, reduzindo-me á condição de escrava. Enganaste te. Eu tenho lido alguma coisa mais do que tu, que não passas de um bruto, e sei por isso que há brio e honra na própria deshonra. Não morrerei de fome, porque tenho dois braços pâra trabalhar, e porque sei que estou em terra hospitaleira. Tudo acabou entre nós.

*

*   *

O Manuel da Rita, enfiado, mâs sorrindo incrédulo, desandou escada abaixo, acreditando firmemente em que a zanga da Margarida não passaria de simples arrufo, e que, descendo do seu auge, se tornaria em nada.

A necessidade era negra, modificava, e destruia zangas e caprichos.

Depois de algumas horas, ou dias, de descontentamento, tudo voltaria ao estado normal.

O Manuel, nèstes raciocínios, julgava os sentimentos da prima pelos seus, e confiava na má situação, em que ela se encontrava, e na fraquèza do seu sexo.

No entanto, depois de meio dia, a hora, em que èle costumava saír pâra comprar os arranjos do seu negócio, a Margarida, sobraçando um pequeno embrulho, abandonava-lhe a casa, encaminhando-se pâra a rua do Ouvidôr, que é o Chiado fluminense, e que percorreu de alto a baixo.

Depois disso, guiada pelos letreiros, entrou em algumas casas de modas, onde ofereceu os serviços de uma pessôa, recem-chegada, que era costureira, e sabia regularmente do seu ofício.

Numa delas, e felizmente na que mais lhe agradou, por sèr dirigida por mulher, que lhe pareceu respeitavel, depois de sofrèr um largo interrogatório, ao declarar que era ela a pretendente a emprègo, foi admitida, com moradia interna, condição principal, que fazia parte do seu pedido.



O Manuel da Rita gastou um ano em indagações pâra conhecèr o paradeiro da prima, que, passado èsse prazo, mudando de situação por seu procedimento e serviços, que entraram a sêr bem pagos, estabeleceu me-

saúa aos tios, a quem, nas suas cartas pediu perdão, e ocultou o seu estado, dizendo-se muito feliz.

Estes rejubilavam com tão gratas notícias e com o auxílio pecuniário; e ela declarava terminantemente ao primo, que conseguira falar-lhe uma véz, e lhe perguntava quaes eram, ao presente, os seus desejos, pois que a tudo satisfaria na medida das suas fôrças:

—O que eu mais desejo é comprar um revólver pàra saciar o meu ódio, dando-lhe um tiro. Se tiver o atrevimento de voltar a encontrar-se comigo, satisfarei êsse grande desejo.

Quando, mais tarde, um caixeiro da vizinhança, namorado da sua pessôa e prendas, lhe oferecia afectos e tálamo conjugal, a costureira retrucava-lhe com firme e inabalavel resolução:

—Encaminhe as suas vistas pàra outro sítio, que eu por mim já estou curada. Quero vivêr como vivo.

E a gentil Margarida, cujo pensamento principal era ajuntar um pecúlio pàra voltar remediada de tèrès á terra do seu nascimento, dahi a pouco, com os olhos fitos na costura e a tesoura na mão, cantava, a meia vóz, êste modilho popular:

Tive um amôr malfadado,
tive dois; não quero mais.
P'ra que quero eu mais amôres,
se êles não me são leaes?

E, com o andar do tempo, com trabalho aturado e com seguro critério, satisfêz o seu ardente desèjo; e ainda pôde, no regresso a Braga, estreitar nos braços saüdosos os velhos tios, aos quaes devia carinhos paternaes.

O ZÉ DA ROCHA

Era um minhôto ambarcadiço, côrpo atarracado, de altura regular e fôrça leonina, pescôço de tôiro, de ordinário a sair refegado da camisola usual, a emergir do amplo jaquetão, que êle só vestia em ocasiões solenes, ou quando vinha a terra em missão especial do seu ofício.

O carão polpudo, crestado do ar salino e alumiado por dois olhos bogalhudos, mostrava-se ornado por compridas suissas e cabeleira mal cuidada, cujas farripas lhe vinham á testa acanhada, por vêzes, em pontas indiscretas como minhocas estripadas, que escorregavam d'entre a carapuça de bordo ou do largo chapéu braguêz.

Entre os homens incultos, casca grossa, teima ingénita, cabêça dura, que temos conhecido, ocupa o nosso homem, o primeiro lugar.

A sua prosódia e mais requisitos da linguagem falada seriam suficientes para matar de indignação e pasmo o nosso amigo, sonoro poeta, fecundo escritôr e abalisado filólogo doutôr Candido de Figueirêdo.

—Bodes nun crendes algúa coisa pras bossas familas?—perguntava açodado aos rapazes e mais indivíduos da colónia portuguêsa do Pará, seus conterrâneos, amigos ou conhecidos, nas vésperas de voltar á barra do Pôrto, comandando a barca, de que se tornara sócio.

A sua história cifrava-se em têr sido sempre marinheiro de navio mercante e de vela; em conquistar, por sua constância, probidade e serviços, as posições sucessivas de primeira praça, chefe do pessoal menor, imediato do comando, e na época, em que o conhecemos, interessado nos lucros e capitão da barca *Linda*, que, havia anos, navegava entre a barra do Pôrto e a de Belem, capital paraense.

Serviçal, bonacheirão, chalaceadôr, de riso facil, o Zé da Rocha, como êle próprio se apelidava, fechando a segunda sílaba do sôbrenome, como um galêgo, ao pronunciar *charuto*, dizendo *Rocha* e não Roxa, tornara-se um tipo popular, despertando simpatias geraes, especialmente no meio comercial, onde as suas relações, por via das mercadorias, de que se tornara portadôr, eram largas e frequentes.

Quem pretendêsse da terra lusitana encomenda portátil, por favôr, lembrança, miudêza de uso comum, tinha sempre nêle um condutôr fiel, solícito, infatigavel.

—Vem a entrar a barca *Linda*—dizia-se.

Os interessados, amigos e conhecidos sentiam certo alvorôço, e folgavam sempre com a bôa nova.

*
* *

Corriam os tempos. Zé da Rocha sempre o mêsmo, prestavel, cumpridôr, risonho, bonacheirão.

Uma praça cheia, no dizêr vulgar. A sua linguagem tambem não mudava, nem mudaria nunca até á hora da sua morte.

Era linguagem clássica e unigénita, para seu uso especial.

Um dia, o Zé da Rocha gritava da extremidade do caes para bordo da *Linda*, ancorada a pequena distância, ao alcance de voz forte:

—O' Toino! Oibes, home? O' Toino?

—Nhôre!—respondeu alguem, seu émulo em lêtras, ao fim de pouco tempo.

—Traz de lá as patoilas, que nacitam concêrto. Oibistes?

—Oibi, sim senhôre. Lá bou! lá bou.

—Um empregado do fisco, que se achava então na guarita respectiva, e que já estava a rir do Zé, perguntou:

—O' sô Rocha, que diabo vem a sêr isso de patoilas?

—Cá, em língua de marítego é um ferro d'alingare; agora, lá na sua, ba bêr ó doçanairo—respondeu, com uma risada extensa, muito do seu costume.

O interrogante nada aproveitou da explicação; julgou porêm que o homem se referia, como é provavel, ás rol-

danas de ferro, prêsas ás extremidades das cordas ou correntes de ferro, que servem para lingar fardos.

Se assim era, não o soube o empregado fiscal, nem o soubémos nós tambem.

Nas vésperas da partida, como já ligeiramente se apontou, o capitão da *Linda*, procedia a uma peregrinação patriótica, de porta em porta, abordando os emigrados, seus vizinhos, conhecidos, compatriotas e amigos, caixeiros, comerciantes e outros, perguntando-lhes, como sempre:

— Antão hôje, bodes nun crendes algúa coisa pras bossas familas?

Noutras vêzes, acrescentava:

— Oibistes? Olhae que ê sou amigo... das bossas mães e das bossas irmãs. Venha de lá uma livrasita pras desgraçadas, home! Bamos: calquer coisa prá prove gente!

E o caso era que o Zé da Rocha angariava assim diferentes donativos em objectos e dinheiro, que religiosamente distribuia pelas pessôas, a quem eram destinados, acudindo dèste modo a verdadeiras necessidades.

A gratidão dos presenteados, os louvôres dos mandantes, que lhe admiravam a probidade e o trabalho beneficente e desinteressado, cobriam-no merecidamente de gabos incessantes, promotôres de uma popularidade invejavel.

Para refôrço da sua bôa fé, prestígio e honradêz, contava-se até que, um dia, acossado o navio por medonha tempestade, e julgando-o perdido, o que felizmente não aconteceu, êle, preparando-se para saltar com o resto da

marinhagem, na baleeira salvadôra, como chamava ao melhor dos seus botes, só levava comsigo, metidas no seu cinto de côiro, as quantias destinadas pelos emigrados ás respetivas famílias.

—Homem de bem, a tôda a prova!—elogiavam os seus numerosos apologistas.

Não falavam dêste modo alguns empregados aduaneiros, que o tinham como reincidente sonegadôr de objectos furtados aos direitos, dispondo de uma perícia inegualavel.

Esta pecha de contrabandista, baida tão conveniente aos seus interesses e aos das pessôas, que êle favorecia, era verdadeira.

Contavam-se casos extraordinários de abordadas noturnas a sítios escusos, de despachos fictícios, feitos êstes de acôrdo, ao que se murmurava, com um ou mais conferentes alfandegários, figurando entre os principais um, que se referia a trinta barricas de farinha de trigo.

Desembarcadas as barricas, que trouxera a barca *Linda,* metidas a despacho pelo negociante, a quem vinham consignadas, a alfândega mandou um conferente verificar se era verdadeiro o conteúdo, dado a despacho.

Acompanhado do serviçal inferiôr, munido de escôpro e martelo, o empregado verificadôr mandou arrancar o tampo a uma das barricas, escolhida ao acaso, como era de supôr.

As pessôas, que estadeavam no terreiro, por curiosidade ou serviço, pois os volumes jaziam espalhados ao ar livre, sôbre o caes, fronteiro á alfândega, viram bem que a barrica só continha a substância farinácea. A va-

rêta indicadôra, manejada habilmente, ia do cimo ao fundo, sem embaraço de espécie alguma.

Outra barrica, a certa distância, têve o mêsmo destino, e deu idêntico resultado.

Destampada ainda terceira barrica, que continuou a mostrar excelente farinha de trigo, o empregado superiôr da aduana, virou-se para o consignatário, que o acompanhava, e disse:

—Estou satisfeito. Pode mandar retirar a farinha.

Tôdos os circunstantes apoiaram o acto, que era naturalíssimo.

As más línguas porêm, a seu tempo, asseveraram que as restantes vinte e sete barricas, que deram entrada em casa do afortunado logista, vinham completamente pejadas de chitas e lans, sêdas e calçado!

Um ou outro funcionário do fisco, quando aparecia na alfândega o Zé da Rocha, em ar de brincadeira, dizia-lhe, uma vêz por outra:

—Cuidado, sr. Rocha! Olhe que um dia... você é apanhado com a bôca na botija! Cautela!

—Saibam bossinhorias qu'isso de voatos num merecem dé reis de crédito. Cum raio! Um home é um home! e cá eu...

—Que diabo está você a escarafunchar na cabêça? Isso é sarna, ou tinha?—notou, numa dessas ocasiões, um amanuense.

—Num é nada disso, cum vem o diguemos. São estas rêpas do mê cabêlo, que me stão a cair prá testa. Um demónio as leve!

E o capitão da *Linda* carregou mais no chapéu, que

lhe ficou próximo dos olhos, e riu com tôda a simplicidade, despedindo-se logo.

O caso, de que o amanuense ignorou sempre a causa, estêve a ponto de comprometêr o bom do Zé da Rocha, quando êste sentiu um frio desusado a querêr-lhe invadir a testa, vindo de baixo do chapéu, e se lembrou do que era, levando logo as mãos á cabêça, em movimento agitado de quem compõe o cabêlo, que se desgrenha.

Um embrulho de belos cordões da ourivesaria portuense, que êle trazia ocultos sôb o chapéu, rompêra-se; e alguns dêles procuravam o ar livre, começando a escorregar-lhe pela testa.

A risota apoderou-se em breve do curiôso episódio, quando êste se enfileirou ao lado dos outros, que se contavam á bôca pequena.



Um dia, em que o tão falado capitão foi ao gabinête do inspectôr da alfândega, a quem por vèzes já trouxera lembranças européas de sua encomenda, já se vê, ás claras, pagando direitos, quando os deviam, êste, a sorrir-se, em tom amigavel, admoestou:

— Ah! mestre Rocha, mestre Rocha, você está a crear fama de contrabandista. Olhe que eu, apesar de amigo, um dia, castigo-o severamente, se o vejo culpado. Acautele-se. Deixe-se disso; vá pelo seguro.

— Ora, senhôr spetôre, isso bem de gente, que nan

tem vôa língua. Má raios partam quem tal préga! Ê cá sempre fui home dereito.

—Contam-se muitos casos.

—E inté se podia contar mais um.

—Ai, sim? E qual?

—E' qu'eu, sem sêr contrabandista, que nunca fui, graças a Deus, era capaz de fazêr com que bossinhoria me passasse um contrabandito, coisa pequena, já se bê...

—Ai, Rocha, Rocha! Com coisas sérias não se brinca. Nunca ouviu dizêr?

—Oibi, oibi; mâs... o dito, dito. Olhe lá: eu stou de partida. Bossinhoria num quere nada iá da minha terra? Um criado ás ordes, cando calhar.

—Adeus. Bôa viagem e volta breve! Veja se ganha juizo. Olhe que eu...

O mestre da *Linda* gargalhou mais uma graçola, e despediu-se, seguindo o seu caminho.

*

* *

Ao fim de três mêzes, a barca veleira chegava novamente ao ancoradôiro paraense carregada de mercadorias, destinadas ao comércio local, como de costume.

Na sua visita á alfândega, o capitão tôdo cumprimentadôr e rísonho, ia visitar o inspectôr, ao conhecido gabinête, e presenteava-o com um farto embrulho de bôas pêras sêcas do reino, coisa, que èle muito apreciava e que o Rocha conduzia debaixo de um braço.

Apertado no outro trazia èle volumôso maço de jor-

naes, cujo título indicava o velho *Comércio do Pôrto.* Aliviou-se dêle, colocando-o, com prévia licença, ao chegar, sôbre uma ponta da larga mèsa, a que se sentava o directôr, que foi prolongando a conversa, muito entretido, ao que se via, com a linguagem rústica do farfalhudo marinheiro.

Êste, a certa altura, bateu na testa com a mão polpuda, assinalada nas costas com a tatuagem dum sino saimão, e disse com mostras de sobresalto:

—Oh! cos diabos! Eu aqui a parolar e o mè cão sabe Deus por onde! Já deve tèr voltado do cemetério. Oh! cum raio!

—Cão a voltar do cemitério! O' Rocha, isso que vem a sêr?

—Não oibiu bossinhoria dezêr, haverá, Zé... Zé... deve havêr prá hi... dois anos e meio, que morreu um marítego a bordo da minha *Linda.*

—Sim... tenho ideia disso.

E o capitão contou a história, que era verdadeira, muito sabida e admirada por tôda a cidade.

Descido ao bote, que devia conduzil-o a terra, o côrpo do homem, môrto de um desastre, ocorrido no porão do navio, e feito o primeiro impulso dos remos, despenhou-se da amurada um vulto, que, ao cair no rio, levantou fortes espadanas de água.

Era o cão, que pertencèra ao falecido, e, como símbolo de fidelidade e de amôr seguia, ululando aflictíssimo, o bote condutôr do cadáver.

Chegado a terra, e ganindo sempre, acompanhou o préstito funerário, que se organizava, até o cemitério, onde

quis lançar-se na cova, destinada ao caixão, que encerrava o seu senhôr e amigo; donde finalmente custou a trazêl-o.

—Ê cá—concluiu o Zé da Rocha—ê cá abracei o cadêlo, como se fôra uma alma chrestã, e disse: Perdêste o amigo, pois olha que tens aqui oitro. Dito e feito. E' hôje o cão de bordo, mê amigo e companhêro. O bonito é que, sempre cà barca dá fundo, o animalejo começa a grunhir, e não descansa o alma de Deus, em canto o nan pranto no bote, á minha beira. Chegado a terra, eil-o ahi bae de vesita a cemetério.

—E volta de lá, sem que o vão buscar?

—Sim, senhôr. Vae têr comigo ás escadas do caes. E olhe, senhôr doitôre, stou com grande cudado, nan vá o cadêlo perdêr-se por hi a nan me encontrar no sítio costumado. Já gora nan posso entregar ao dono êste maço de jornaes. Cando o criado de bossinhoria vier, qu'ê sei que vem aqui tôdas as tardes, faça-me fabôr de lhe dar o demo dos jornaes, que eu por manhão, vou buscal-os a casa de bossinhoria.

—Màs... sô José da Rocha, eu posso mandal-os pelo meu criado ao destinatário, quando me disser quem é, pois que não estão sobrescritados.

—Nan, senhôr. Munto aguardecido. Ê tenho que averiguar várias coisas, e depressa, co tal sujeito.

—Então o maço pode ficar aqui e o capitão amanhã...

—Tamem nan senhôr. A alfândega abre tarde, a horas, que me não convem. Tenha paciência, senhôr doitôre, màs faça-me o fabôr, que lhe peço.

—Bem, bem. E' coisa facil satisfazêr-lhe o pedido. Vá descansado, que eu não me esquecerei.

—Pois antão munto obrigado.

O mestre da *Linda* deitou a corrêr, em procura do celebrado cão, segundo as razões, que dera.

A história do cão e a sua visita ao cemitério eram conhecidas e verídicas; a ocasião, marcada pelo seu nôvo dono, é que suscitaria dúvidas a quem lhe prescrutasse as intenções ocultas.

Na manhã do dia seguinte, como prometêra, ás horas, em que o inspectôr ainda dormia socegado, o Zé da Rocha recebia em sua casa e das mãos do seu criado prêto o volumôso maço dos jornaes.

Pela tarde, no gabinête aduaneiro já nosso conhecido, ajoelhava êle de rompante, com sorriso mal disfarçado, burlêscamente, de cabêça baixa, aos pés do condescendente directôr, e dizia, em resposta ao espanto, que a sua postura acabava de causar:

—Quêra perdoar, mê vom senhôre. Ê nan torno mais. Haja de perdoar. Ê cumpri o mê dito.

—Levante-se, José da Rocha. Então que é isto?

—Ê nan me alebanto d'aqui, nem á mão de Deus padre, sem que bossinhor'a me perdôe. Perdôa?

—Mâs... que tenho eu a perdoar-lhe, homem de Deus?

—Perdôa, ou não? Cum raio!

—Perdôo, sim. Levante-se.

—Ora pois. Ê cá sou home de palabra. E cumpri. Ê nan disse na oitra biage que inté bossinhoria era capaz de me passar um contrabandito, sem ê sêr, como nunca fui, contrabandista? Alembra-se?

— Sim, lembra-me. E então?

— Antão... antão... passou-m'o, que nem um catita! Oh! meu Deus! perdôe áquela, com que stou, mâs deixe me rir. Passou... lá isso passou. Ora o diabo!

— José, você está abusando da confiança, que eu lhe dou.

— Ê sou munto respêtadôr e amigo de bossinhoria. Já me perdoou; por isso nan tanho crime plo que fiz. E olhe que nan torno mais, já disse. Home de palavra aqui!

— Mâs... que fêz você? Explique-se.

— Fui por manhão recebêr a casa de bossinhoria o contrabandito, que fêz fabôr de me passar.

— O maço dos jornaes?

— Tal qual. Traziam dentro munto vem arranjadinhos nâs dobras uma dúzia de finos e bonitos lenços de sêda.

— E ainda vem dizêr-m'o?

— Já perdoou... já perdoou. Nan se zangue, senhôr doitôre, que já perdoou.

E o Zé da Rocha ria de satisfação e orgulho, fazendo rir o chefe da alfândega, que, mau grado seu, não deixava de achar graça á ousadia e maroteira do capitão da *Linda*.

— E o caso é — disse o inspectôr por fim — que o desenlace do seu atrevimento vem provar-me o que eu de há muito penso.

— E que bem a sêr, senhôr doitôre?

— Que não há sabedoria contra as artimanhas dos contrabandistas. Tôdos os países, sejam quaes fôrem o

regime e a vigilância das alfândegas, hão-de sofrèr o enorme prejuizo do contrabando.

—Assim parece. Lá isso...

—Quanto ao amigo Zé da Rocha, vou recomendar a tòdos os meus subordinados que o tragam de òlho, por sèr um homem perigôso e ousado, como não há outro.

—Nan faça caso bossinhoria duma brincadera. Olhe que um home de providade... aqui!

Se o característico, estimado, risonho e serviçal capitão da barca *Linda* continuou a pecar em matéria de contrabando, em que era tido por insigne e afortunado, não o sabemos nós, assim como ignoramos se vive ainda.

Constou-nos apenas, ultimamente, e há anos já, que um alentado rapagão, seu discípulo e sobrinho, por sua reforma voluntária, lhe herdara o comando da barca, assim como esperava herdar-lhe os avultados bens.

QUEM SEMÊA... COLHE

O desêjo de melhorar é próprio de tôda a gente, e dahi a ambição de largos têres, aspiração suprema, que ataca tôdas as categorias, dêsde as cidades mais populosas ás aldeias mais insignificantes.

Sêr rico ou pelo menos amplamente remediado é o lema da emigração constante, que se exerce sôbremaneira entre a gente rústica das nossas províncias, e que dizima populações inteiras, em muitas das quaes só se encontram hôje velhos, mulheres e crianças.

E' um mal, que só tem, como atenuante e estímulo, a volta de um ou outro indivíduo, que consegue regressar do Brasil ou da A'frica enriquecido, sem que ninguem se lembre das centenas e milhares de emigrantes, que não progrediram em têres, ou por lá se finaram de penúria e febres.

Como tantos, um rapaz aldeão, o José Pinto, movido mais pela ambição dos paes do que pela sua própria, mal sabendo assinar o seu nome, largou o cabo da en-

xada, que manejava ao lado de mais dois irmãos e de uma irmã, que Deus lhe dera, e foi-se a corrêr terras, com dinheiro emprestado pâra a viagem, em busca da riquêza, tão apregoada pelo autôr dos seus dias; o qual á despedida lhe disse ainda, em tom menos mal descaroado:

—Vae, rapaz. Olha que é preciso multiplicar milhões de vèzes o pinto do nosso apelido. Sem uns alqueires de bôs pintos não aparèças cá.

—E se a saüde o não ajudar?—ponderou a camponêsa Genoveva, a irmã, única pessôa da casa, a quem as lágrimas inundavam o rôsto.

—Lá, nêsses Brasis, ao que tanho oibìsto dizer, há muntos climas. Cando a gente se num dá bem num, vae pro oitro. Haja dinheiro qu'é o qu'é nassairo.

Esta alma de lama não desdizia de tantas, que fervilham por èsse mundo alem, nos campos e fóra dêles, mâs especialmente nas famílias campesinas, que outrora eram modèlos de candura e amôr, no dizèr de poetas e sonhadôres.

O Manuel Pinto, pequeno lavradôr da sua aldeia minhôta, viu partir o filho, que andava pelos dezoito de edade, sem confrangimento de coração; no que foi acompanhado pela Gertrudes, sua mulher, que creara os filhos sãos e escorreitos, porque a naturêza os fizera assim, e não porque os extremos de mãe concorrêssem pâra isso.

Filhos, porcos e mais animaes domésticos, alimentados a tempo e a horas, no meio da sua labutação cons-

tante, quase que não tinham distinção, afóra a alma, no seu dizêr christão.

Os filhos, logo dêsde pequenos, forneciam trabalho necessário, os porcos gôrdo conducto e as ovêlhas bôa lã.

Tudo era preciso ao bem govêrno de uma casa.

Era pois a tia Gertrudes uma digna companheira de Manuel Pinto, que começara a sua vida, em quanto não foi herdado, por simples trabalhadôr rural.

O José, que dispunha de uma certa sensibilidade de coração, chorou copiosamente á despedida; e, quando se viu entre gente desconhecida, a bordo de um ronceiro navio de vela, julgou que chegara o fim da sua amargurada vida.

Entre as recordações mais salientes da sua terra, avultavam a irmã, o arvorêdo frutífero do quintal paterno, as descamisadas e os serões ao luar, onde rapazes e raparigas do seu tempo cantavam ao desafio, dando e recebendo abraços.

Quem, dispondo de certos dotes de alma, nunca abandonou o lugar do seu nascimento, e no mar alto só avistou céus e água, embora uma robusta mocidade o acompanhe, em demanda de terras estranhas e sorte desconhecida, não pode fazêr ideia do que sentia o José Pinto, na sua rusticidade de homem inculto.

*

* *

Chegado ao local, aonde se destinava, entregou uma carta de recomendação, que levava pâra um negociante,

natural de uma freguesia, vizinha da sua, começou por empregar-se na cultura de um jardim, màs sentiu dêsde logo ímpetos de mudar de vida, frequentando uma escola noturna, com licença do amo, que servia.

Passados dois anos, o camponês, por instinto próprio, por acurada diligência, tornara-se um rapaz menos mal cultivado, tendo como ambição invencivel mudar de situação, e entrar no comércio, na qualidade de caixeiro, modo de vida, que o seduzia constantemente.

O próprio amo, que tinha armazem de víveres, entrou a admitil-o no tráfego mercantil, onde o rapaz deu provas de grande aptidão, e foi instalado definitivamente.

A' família, que, ao recebêr as suas cartas, duvidava que fôssem escritas por sua mão, o José não denunciava a mudança de vida.

Notava com desgôsto que, nas respostas, o pae nunca lhe inquerisse da saúde, falando-lhe constantemente em necessidades de dinheiro, e aconselhando-o a que mandasse algum, sempre que pudesse.

Entre os seus compatriotas o José Pinto encontrava mais queixosos de tal procedimento, que importava falta de carinho e exploração degradante.

Desejando, apesar de tudo, sêr prestavel á casa, onde nascêra, logo que as suas economias lh'o permitiram, mandou pagar uma dívida, que a onerava, e foi enviando, uma vêz por outra, algumas pequenas quantias ao pae, sem prazo estipulado, que lhe imposesse obrigação de mesada.

Era uma precaução necessária, a pezar seu, contra as interesseiras solicitações do pae, que na friêza das suas

missivas mostrava sempre, claramente, nenhuma solicitude afectuosa, votada ao filho ausente.

De uma vêz, e decorridos mais dois anos, o José Pinto escreveu á irmã, por sentir necessidade extrema de que alguem o acariciasse, em meia dúzia de línhas, lá da terra do seu nascimento, a que o ligavam tão vivas lembranças e tão profundas saüdades.

Nada há como a ausência longinqua pâra nos fazêr sentir ao vivo o intenso amôr da pátria.

A Genoveva, que, havia pouco, tomara estado, respondeu ao irmão, por lêtra muito emaranhada e longa do marido, umas garatujas quase indecifraveis, como as que o José traçara em outro tempo; mandava-lhe notícias do seu homem, trabalhadôr camponês da sua estôfa, ou antes da sua *ugalha*, segundo rezava a carta; falava ao de leve nos paes, que iam bons, louvado Deus, e concluia, dando conta das sementeiras e dos gados, onde entravam uns leitões recem-nascidos, e dizendo carinhosamente que nunca se esquecêra do seu querido irmão, que bôa sorte fadasse, que brevemente pudesse vêr, e mandando uma carrada de saüdades, que só á vista teriam fim.

Depois das visitas do marido, a carta fechava assim:

—Ao fazêr desta, canto a mim, fico bôa, pra em tudo te dar gôsto, sustifação e maior aquela.

O José Pinto, a dobrar lentamente a carta, depois de a lêr, sorria-se, não tanto dos modos de dizêr muito do seu conhecimento, como do prazêr, que sentia, por sabêr que alguem da família lhe escrevia caricicsamente, sem lhe pedir dinheiro.

*

* *

O tempo foi correndo, e a prosperidade do nosso emigrante, quanto a havêres do comércio, em que se estabelecêra, correu tambem veloz, dando-lhe alguns contos de reis, que o habilitavam a voltar á pátria, senhôr de uma abastança, que se podia julgar superiôr ás suas aspirações, e de um cultivo social e intelectual muito recomendavel.

Em tôdo o largo território brasileiro, são notaveis e bastos os institutos de ensino e leitura erectos e sustentados pela colónia portuguêsa.

Num dêles adquirira o Pinto algumas noções de bôa instrução, que o converteu num homem, sofrivelmente limado e apresentavel.

No seio da familia representaria uma verdadeira sumidade.

Ao lembrar-se dela, especialmente dos paes, que ainda viviam, o José Pinto sentia apêrtos de coração pelo descaroamento, com que fôra tratado presente e ausente; mâs... no fundo da sua bondade inata, custava-lhe a incluir na rusticidade dos seus progenitôres a parte desamoravel, que lhe parecia existir através de provas constantes.

Sem dinheiro, o filho seria um ente desprezivel.

Voltando á terra do seu nascimento, aos 35 anos de edade, por desêjo e necessidade, em razão da sua saüde, que requeria tratamento em clima diverso, o José Pinto, depois de muito imaginar, resolveu procedêr a uma ex-

periência comprobativa, cuja execução, embora lhe custasse, não representava grandes dificuldades.

Radicada a ideia dessa experiência, que incidia sôbre a afectuosidade familiar, havia tempos já, em que êle, nas cartas distanciadas remetidas ao pae, se queixava da má sorte quanto á saüde e meios pecuniários.

O pae, do seu lado resmungava penúria, lastimando-se egualmente, e estranhando que o filho lhe não acudisse.

Chegado ao Pôrto, o brasileiro, como seria cognominado entre os seus patrícios, depois de alguns dias de descanso em hotel bem montado, vestiu-se com um traje de extremo uso, que de propósito trouxera, e, desacompanhado de bagagem, tomou lugar na diligência, que fazia carreira para as imediações da sua aldeia, e foi batêr, lusco-fusco, á porta da casa, onde nascêra.

O estado da sua alma representava sobresalto.

A mãe, que acabara de recolhêr as galinhas e mais animalêjos domésticos, já um tanto curvada pelos anos, veio abrir a porta, e, fazendo pala com a mão direita sôbre a testa, esêtve a ponto de soltar um grito, ao vêr aquêle homem de bigode largo, que não era pessôa do seu conhecimento.

—Não se assuste, que eu trago-lhe novas do seu filho ausente—bradou o recem-chegado.

—Quem deu lá! Bem me fio eu nisso!

—O' minha mãe—tornou ele, com os olhos cheios de lágrimas, e abraçando-se convulsivamente á velhinha—Olhe que sou eu... o seu filho! Não se assuste,

não fuja. Pois já me não conhece? Olhe que eu sou o José!

—Ora vejam o Barzabú do home! Sim, lá pela fala... a modos que... Oitra vêz a apertar-me? Cautela, que êste arcabòiço já nâ presta, pode partir-se. Ora quem tal havera de dizêr! Vens tostado e magro, rapaz!

—E o pae que é dêle?

—Espera, que eu vou chamal-o. Anda ali, no quintal a moirejar, como sempre.

—Não, não, minha mãe. Eu vou têr com êle. Quero matar saüdades.

—Isto é quase noite fechada. Êle não tardará. Se nã queres ir...

—Vou, vou, minha mãe.

E o José Pinto, depois de sabêr que os irmãos estavam de saüde, atravessou a casa, tremente, de ânimo descoroçoado, pois mal sentira um ligeiro apêrto dos braços da mãe; e foi têr com o pae, que já encontrou no caminho, de enxada ás costas, regressando a casa.

Deu-se a conhecêr, provocou maviosidades e abraços, perante a admiração do Manuel Pinto, que lhe dizia, mirando-o dos pés á cabêça:

—Tu pareces um pedinte, home de Deus! Nunca por cá apareceu brasileiro tão desconchavado e tão mal vestido. Antão em que stado vens tu?

—Venho pobre e doente. Precalços da sorte, meu pae! Preciso tratar da saüde, pâra novamente voltar em busca da fortuna. Os ares da nossa terra, os ares pátrios, devem fazêr-me bem.

—Sim, sim. Nan te hão-de fazêr mal, não. Com que

antão a respeito de loiça, nem um pires; a respeito de pintos...

—Para chegar até cá, ainda tive que pedir dinheiro emprestado.

—Bonito! E que contas tu fazêr com tôdo èsse arranjo?

—Recuperar a saüde em nossa casa, nos ares da nossa terra, como já disse, e voltar de nòvo a trabalhar.

O Manuel Pinto bambeou a cabêça, e meteu casa dentro, com modo escarninho, atirando com a enxada pâra um lado, e dirigindo-se á lareira, pois que anoitecêra, e o frio já se fazia sentir.

Nisto, os dois irmãos do José, que recolhiam do trabalho, e já sabiam da sua chegada, por comunicação da mãe, encontravam-se com èle, e dirigiam-lhe saüdações tão simples e frias, como se deixassem de o avistar durante uns oito dias apenas.

A mãe já os avisara de que o Zé voltava tísico da bôlsa e do côrpo, ao que vira, e ouvira.

E desandava pâra a cozinha a acrescentar as sôpas da ceia, por causa de mais uma bòca, que o demo lhe trouxera.

—E a Genoveva?—perguntou o José, quase sem podèr falar, ao sentar-se á lareira da sua infância, que èle voltava a vêr de um modo tão estranho.

—Essa stá lá pro fim do lugar, em companhia do seu home—respondeu um dos irmãos.

Continuaram êstes uma conversa largamente indagadôra dos motivos, que haviam causado a penúria e mau estado da saüde do irmão.

—Isto é que se chama um brasileiro de truz!—disse por fim o pae, depois da ceia, cujas sôpas souberam a verdadeira triaga ao recem-vindo, que as não pôde engulir inteiramente—Sim, senhôres! Ninguem duvida dos gabos, que por hi se hão-de ouvir a respêto do mê rico filho. Pois olha, mê menino, isto de fedalgos num é pras nossas posses. O teu alvião doutros tempos, se já num existir, pode sêr substituido por um meu ou de tês irmões. Quem quizer comêr tem que trabalhar. E adeusinho inté amanhem.

E Manuel Pinto, de candeia na mão, seguiu pâra a cama, sem que as suas palavras provocassem reparo ou simples dulcificação da parte de sua mãe ou dos irmãos.

Sabendo que teria que dormir com um dêstes, mostrou vontade de só se deitar mais tarde, afirmando que muito gôsto sentia, ao calôr do borralho.

Quando se viu sozinho, debruçado sôbre os joêlhos, verteu sentidas lágrimas, que, por tal motivo, seriam as últimas, no seu dizêr de justíssima indignação.

E assim passou a noite, em claro, a peor de tôda a sua vida.

*

* *

De madrugada, antes que a família e a povoação despertassem, calmo e sereno, como que acordado de um máu sonho, saiu da casa paterna, e foi-se a dar largo passeio, a matar saüdades pelos lugares, de que melhores recordações alimentava.

A horas convenientes, foi batêr á porta da irmã, que, ao reconhecêl-o, se lhe abraçou atabalhoadamente, a seu modo, revelando porèm uma ternura fraternal, muito para estimar, orvalho reparadôr e suave sôbre a aridèz de um coração profundamente maguado.

O marido havia saído para o trabalho.

O José Pinto disse que passara a noite em casa dos paes, e não se referiu nem de leve ao acolhimento, que tivera.

Continuando a fazêr uso da experiência, que concebêra, lastimava-se, como já fizera, da falta de saúde e de bons meios, terminando por afirmar que, restaurada aquela, tencionava voltar á sua peregrinação, a vêr se a sorte lhe seria mais propícia.

—Pois olha, Zé, eu creio qu'o mè home não irá fóra disso. A nossa casa, com sêr fraquita, está ás tuas ordes. Inda cabes cá. Dá-me mais um abraço. Assim. Coitadinho! E vens magro, vens! acabadito! Mê prove irmão! O tê cunhado vem almoçar daqui a pouco. Anda cá. Has de almoçar câ gente, e jantar, se quizeres; e ficar tôdo o tempo, em que precisares tratar-te.

—Não, Genoveva, não. Seria uma bòca a mais. Se eu ao menos pudesse fazèr serviço, mâs assim... doente...

—Quem stá doente trata-se; nã trabalha. Graças a Deus, nã havemos de empobrecêr com a tua stada em nossa casa. Ahi vem o mè Jaquim.

O marido da Genoveva, que nela via a menina dos seus olhos, como dizia, deu ao cunhado um acolhimento risonho, obsequiadòr, ainda depois de sabêr que a fortuna lhe fòra adversa, e que voltava doente.

Dahi a pouco, umas sôpas bem adubadas e cheirosas, uma abundante fritada de excelente chouriço cazeiro e uma picheira de bom vinho compunham um vasto almôço, com que o Zé Pinto se regalou entre o cunhado e a irmã, que muito alegre e palradôra lhe dirigia palavras de animação e confôrto.

O brasileiro, pelo seu lado, indagava dos havêres e situação de ambos, disfarçadamente, a título de simples curiosidade.

—Ai, José—dizia a irmã.—Stá pra se vendêr o grande quintalão, que pega câ gente. Qu'arranjo, que nos fazia, se tivéssemos dinheiro! Ora adeus! leve o diabo paixões! Nã é assim, ó Jaquim? Olha, rapaz: ê nã deixo sair mê irmão daqui, em canto stiver doente. Que dizes tu, home?

—Qu-heide ê dizêr? Qu'ele mê irmão é tamem, e que stou por isso. Olé se stou!

—Obrigado, Genoveva! muito obrigado, Joaquim! Eu seguirei, hôje ainda, daqui a pouco, a tomar a diligência do Pôrto, onde deixei um amigo e companheiro de viagem, com quem passarei algum tempo, a convite seu. Eu voltarei a vêr-vos, logo que possa.

—Olha, Zé. O dito, dito. Vê lá se stás com ceremoinas...

—Não estou. Acredita-me.

—Pois antão trata da tua saüde; e volta pra nós, se precizares.

—Não me esquecerei, Genoveva. E adeus, bôa irmã.

José Pinto, muito comovido, ao reconhecêr que da sua

infância nem tudo se perdêra, abraçou estreitamente a irmã e o cunhado, e recolheu-se ao hotel portuense, onde deixara a bagagem.

*

* *

—Home—dizia a mãe, no dia seguinte, ao bom do marido—a modos que num fizeste lá munto bem em escorraçar o rapaz. Vê tu como êle desapareceu, sem nos comêr nem mais uma côdea! Uma coisa assim!

—Inda bem que tal assucedeu. De valdevinos stá o mundo cheio. Pra miséria bem basta a que nós temos.

E dito isto, com a alma tranquila e satisfeita, os dois esposos, dignos um do outro, fôram-se a batafustar no amanho da sua casa e terras.

Dahi a dias, porêm, constava na povoação, com pasmo de tôda a gente, que o Joaquim e a Geneveva tinham comprado o vasto quintalão adjacente á sua moradia, pela quantia de vinte e cinco moedas, dinheiro de contado, que lhes dera, e mandara seu irmão José, chegado, havia pouco, das terras de além-mar, como brasileiro de grande riquêza.

O estalido de uma bomba danificadôra não causaria maior impressão na caza do Manuel Pinto do que a que produziu a formidavel notícia, que era inteiramente verdadeira, segundo indagações directas.

Decorridos mais dois dias, um dos criados do hotel portuense batia á porta do quarto de José Pinto, e dizia-lhe que duas creaturas, homem e mulher, que pare-

ciam gente do campo, lhe desejavam falar, com a máxima instância.

Estavam ao fundo da escada, por se negarem a subir mais alto, naturalmente por acanhamento.

—Quem são?—perguntou o Pinto.

—Não sei, meu senhôr.

—Pois vae perguntar-lh'o. Não recêbo pessôas desconhecidas, como sabes.

O criado desandou corredôr fóra, seguido a certa distância por José Pinto, cujo coração lhe deu estranho rebate.

Chegado ao alto da escada, o criado fêz a pergunta conveniente sôbre a identidade dos visitantes.

—Diga-le que é o pae amaila mãe, que munto querem vêl-o.

José Pinto, com a voz segura e pausada, de modo que fôsse ouvido e não visto, clamou:

—Dize a essas bôas almas que as não recêbo, nem receberei nunca, por que faltam á verdade. Eu não tenho pae nem mãe. Sou orfão.

E o José Pinto, recolhido ao seu quarto, com os olhos orvalhados de lágrimas ardentes, murmurou:

—O direito de progenitura é comum a cães, a porcos, a cavalos e a tôda a mais animalidade. Por nos darem á luz, nenhuma obrigação devemos a nossos paes. O nosso amôr e respeito só lhes são devidos, e se tornam obrigatórios, quando, dêsde o nascimento, nos ampararam, protegêram e amaram.

E tinha sobrada razão o bom do José Pinto.

UM CASO SINGULAR

Entre tantas coisas más, que tem a vida, haverá situações, em que a oferta da afeição e do carinho de um irmão não nos consolem, nem nos agradem?

Vamos dar uma prova afirmativa do que parece uma anomalia, que toca as raias do contrasenso e até do inverosimil.

Eduardo de Sequeira, um literataço de anos vigorosos, bôa figura, muito amante de assuntos teatraes, frequentava a casa de uma actriz, que constituira família legítima, e vivia no estado de viuvêz, já retirada da scena, por sua edade e abundância de recursos.

O Sequeira, prêso no seu emprêgo, durante o dia, só tinha as noites por suas, e dedicava pelo menos duas destas por semana aos serões da actriz, sendo êle nessas ocasiões, quase sempre, visitante único.

Era curiôso observar o que então se passava em casa da actriz por sua simplicidade habitual. Parece pouco crivel, e até fóra do natural, que um homem, ainda môço, e elegante, pudesse gastar umas poucas de horas, por

noite, sentado numa cadeira de braços defronte de uma mulher velha.

Era preciso que predominasse ali um interesse oculto, ou que essa mulher valêsse muito.

Reinava, de facto, a última das hipóteses.

Mafalda, fôra uma comediante de elevada graduação, e ainda sentia á roda de si a densa turibulação da glória, comemorada nos objectos, que haviam resistido ao tempo, quadros, bordados, retratos e moveis, e que coalhavam parêdes e pavimento da sala de receção, como recordações vivas dos seus triunfos scénicos.

Apesar da sua edade e achaques, era ainda uma mulher de grande valôr pela argúcia do seu espírito e pela vivacidade da sua conversação.

O Sequeira, que detestava o balôfo tiroteio de palavras ôcas ou pedantêscas, usado em salas de muita gente, que afecta predicados de bom tom, deliciava-se com a conversa de quem, por sua graça, instrução ou bom senso, bem sabia conversar.

Depois de um espectáculo de puro dramático ou de música, que lhe falasse ao coração, nada o entretinha melhor do que uma palestra variada e fina com quem soubesse sustental-a, fôsse qual fôsse a sua edade, condição ou sexo.

A conversa de Mafalda, que tinha excelente memória, e narrava casos, anedotas e episódios da sua extensa vida de artista, de personalidades, que conhecêra, de leituras, que saboreara, encantava por sua variedade, animação e conceito.

Quem de longe observasse os dois conversadôres, po-

deria dizêr que se tratava de mãe e filho. Quem de parte os ouvisse, formando revista pitorêsca de acontecimentos passados e presentes, da literatura dramática e seus intérpretes, de crítica e costumes, notaria o desinteresse pessoal, a naturalidade desafectada e familiar, os ditos caústicos ou alegres, a apreciação libérrima de uns colóquios interessantes e inexgotaveis.

Uma terceira pessôa, por momentos, uma hora por outra, descuidosamente, assistia ao falar dos dois conversadôres, que, afóra o cumprimento respeitòso do Sequeira, nem pareciam dar por ela, no calôr da peroração.

Era a Ernestina, a filha da actriz, bôa rapariga de vinte anos, côrpo esbelto, rôsto trigueiro e vulgar, poucas falas e modos concentrados, formando contraste frisante com os que brilhavam na mãe.

Raríssimas vêzes tomava parte no serão completo e menos ainda em polémicas, sempre convenientes, que surgissem da conversa; ia e vinha, sentando-se numa ou noutra ocasião a costurar; e, como braço direito da mãe, entretendo-se a dirigir as criadas até á hora do chá.

A par da sua delicadêza e bons modos, parecia indiferente ás visitas do Sequeira e ao seu entretenimento com a mãe, cujas relações se haviam originado num folhetim, que êle escrevêra sôbre matéria teatral.

Frequentadòr de bastidòres, revisteiro do género, colaboradôr de jornaes, o literato amadôr fizera nêsse escrito biográfico-crítico substanciòso e largo estendal dos merecimentos artísticos de Mafalda, a propósito da sua

saída da scena activa, e do estado decadente, a que chegara a formosa arte de representar.

Dahi o já longo estreitamento das relações entre o Sequeira e a gloriosa actriz e o originalissimo cultivo de uma inalteravel e sincera amizade, que já datava de alguns anos.

*

* *

No período, em que começa esta singela narrativa, Mafalda, atacada, havia muito, de uma renitente afeção cardíaca, recolhèra-se ao leito, onde entreveceu por alguns mèses, até á solução final, um falecimento, como era de esperar, muito falado na imprensa, especialmente naquela, a que o nosso literato prestava gratuitos e importantes serviços.

Em Portugal, a gratituidade da lètra impressa é endémica e por isso muito sabida.

Em certa época antiga, escrevèr com talento significava têr bòas manhas! Hòje em dia ainda não chegou sequer a sèr uma profissão respeitavel e digna de remuneração.

Ninguem pode adotal-a como simples ganha-pão; quando muito fornece glória, de que se pode morrèr de fome, se alguem confiàr nela.

Dos escrevedòres, que se distinguem na imprensa, onde enxamea copiosa legião de tòlos e pretenciosos, ou no livro dificultado pela inundadòra aluvião do jornalismo, raríssimos poderão vivèr da pena, instrumento,

por vêzes, bem mais pesado do que o alvião, com que se rompe a terra bruta.

O manejo frequente das faculdades cerebraes tem custado a vida a muitos trabalhadôres das lètras.

Eduardo de Sequeira sabia tudo isso, não se deixara levar por sua propensão natural; cultivava o estudo e a escrita, que dêle resultava, por extrema distração, em horas feriadas do seu emprègo remuneradòr.

Gratuitos eram pois, como fica dito, tòdos os seus trabalhos de escrita literária ou noticiosa.

A doença de Mafalda preocupou-o extraordinariamente; gastou muitas horas do dia e noite á sua cabeceira, dando alívios e prestando serviços de amigo tão dedicado como incansavel.

A sua morte, apesar de esperada, havia mèses, consternou-o profundamente, cobrindo-o de saüdades, ao escrêver lembranças de uma convivència tanto do seu agrado.

A falta dos serões Mafaldinos deu choque violento á sua bondosa compleição de delicado sentimentalista.

Ernestina, agarrada ao côrpo da mãe, soltava gritos, que ainda ecoavam no seu dolorido espírito.

*

*   *

Triste e desolada rapariga a Ernestina!

Cumpridas as visitas de pèzames, o Sequeira nunca mais a vira.

O seu modo de pensar, que nos não parece muito

discutivel, aconselhava-lhe, se não inteira quebra de relações, o espaçamento prolongado de visitas, que podiam comprometêl-a aos olhos da gente murmuradôra, tão prejudicial e numerosa, se fôssem amiudadas.

Por cima de tudo, custava-lhe entrar num sítio, onde tivera bastíssimas horas de grata recordação, perdidas pâra todo o sempre.

Dois mêses depois do fatal acontecimento, o Sequeira, dado o meio dia, em diligência do seu emprêgo, passava descuidadamente, ou antes com a ideia fixa no que pretendia fazêr, por defronte da casa, a que o prendiam recordações tão vivas.

Antes de dar por isso, impedia-lhe o passo a mais velha das criadas, que serviram a falecida actriz, e, depois de leve cumprimento, dizia-lhe:

— A menina pede ao sr. Eduardo o obséquio de lhe falar.

Surprêso e alheado, o homem perguntou vivamente:

— A menina! Que menina?

— A senhôra D. Ernestina.

— Ah!

— Suba... suba, senhôr.

E o Sequeira galgou os degraus tão seus conhecidos, sobresaltado, caminhando adeante da velha emissária.

Ernestina, carregada de luto, como era natural, tranças da sua abundante cabeleira caídas nas costas, feição triste e acanhada, esperava ao cimo da escada e estendia a mão trémula e fria ao recem-chegado, a quem indicou a salêta de espera, onde êle, como era de vêr, foi o último a entrar.

Ao oferecêr uma cadeira e ao servir-se de outra, a rapariga, que pareceu ao bom do literato a verdadeira estátua da dôr, rompeu num pranto angustiôso e soluçante, que não era dificil de explicar, dadas as circunstâncias lutuosas, que ficam expostas.

Assim pensava êle comovidamente, não se apressando a interrompêr tão volumosa extravasão de sentimento e considerando-a alívio extremo de grande conveniência.

Serenado um tanto o chôro dilacerante, a que assistia confuso, aventurou algumas palavras de consolação, referentes ao luto deploravel, que êle tambem sentia.

Ernestina, afastando, num movimento enérgico, as tranças do cabêlo, que lhe haviam descido ao peito, com o repetido gesto de limpar as lágrimas, e, erguendo o rôsto, tomou uma atitude desconhecida, e falou, cravando um férvido olhar nos olhos do seu hóspede.

—Sim, a morte da minha querida mãe é uma desgraça irreparavel, votando-me a um desamparo, não falto de meios de subsistência, mâs êrmo de carinhos, que só nos pode dar uma dôce mãe, como era a minha. Entretanto fique o sr. Eduardo de Sequeira sabendo que, embora lhe cause estranhèza, há presentemente um sentimento, que sobreleva a tôdas as minhas penas, causadas pelo perdimento de minha saüdosa mãe, e me subjuga, e me enche o coração.

—Estou realmente pasmado, minha senhôra.

—E mais terá que pasmar, quando eu lhe disser, como agora lhe digo, que é o sr. Eduardo o culpado principal do que me acontece.

—Eu, senhôra D. Ernestina? eu?

— O sr. Eduardo, sim. Por Deus, pela alma de minha mãe lhe peço, que se não ria desta desgraçada, que pode enlouquecêr, se louca não é já.

Ernestina voltou a chorar copiosamente, e estêve algum tempo sem podêr articular uma palavra.

O pasmo e a consternação do Sequeira eram visiveis.

— Senhòra, desabafe, dê curso ao aflictivo sentimento, que a punge, mâs... explique-se, logo que possa fazel-o, visto que me acusa de culpas, que deconhêço.

Dominada a nova crise de lágrimas, Ernestina proseguiu resolutamente:

— Antes disso, permita-me que eu lhe pergunte: — Porque desertou desta casa?

— Não sei se poderá chamar deserção a um propósito, que me parece devêr.

— E chama devêr ao esquecimento de um passado tão longo, afectuòso e digno de memória?

— Peço perdão de a contrariar, minha senhòra, mâs eu não esqueci, nem esquecerei nunca o agrado e mimos, com que, por tão dilatado tempo, aqui fui tratado.

— A sua ausència não justifica o que está a dizêr.

— Que queria que eu fizesse, D. Ernestina, dêsde que desaparecèra do scenário a figura principal e dominadôra?

— Que continuasse a frequental-o, que as figuras não tinham desaparecido completamente.

— E a sociedade malévola? e o mundo, senhôra?

— Volto a implorar-lhe que se não ria de uma doida, porque eu sinto-o em mim, julgo-me louca.

—Vejo-a simplesmente aflicta em alto grau. Uma aflição, embora violenta, está longe de sêr loucura.

—Vae julgar-me em breve, e então verá se é certo ou não o estado, de que me acuso. Que me importaria a sociedade, o mundo, como lhe chama, se èle, por simples aparências, me caluniasse, ao sabêr que o sr. Eduardo vinha a esta casa, não com a frequência e demora do tempo de minha mãe, convenho, mâs com a solicitude de um bom amigo?

—Não a julgava tão destemida. Escrupulizei por isso, e, verdade, verdade, não me crimino muito...

—Pois fêz mal em procedêr assim: acendeu a chama de fògo latente. A feia e desgraciosa rapariga, que conheceu, talvêz bisonha e insensivel no seu conceito, essa creatura, que parecia indiferente ao que se passava, tinha coração. Sentiu atravez dos anos, ao vêr de tão perto um homem, intima visita de sua mãe, sentiu a pouco e pouco que êsse homem era o eleito da sua alma.

—Que díz, senhôra?

—Não me interrompa. O que pode é começar a rir-se, porque a estranha aventura dá para tanto. Além de bom alimento para riso, o bom e correcto folhetinista, o literato festejado tem aqui um assunto de pouco visto romancismo. Não é assim? Não me interrompa, que vou concluir. A rapariga, que ninguem julgaria um tanto instruida, apesar de lêr muito; que parecia excêntrica ou bisonha; que não tinha dotes físicos para agradar, ao sentir-se prêsa de tão funda impressão, assustou-se em demasia, mâs redobrou de precaução, para que nem

de leve se pudesse ajuizar do tristíssimo estado da sua alma. Decorrêram noites, dias, anos, e a infeliz recalcava no coração sentimentos vibrantes, e não se denunciou, como agora sabe. Quebrada porêm a corrente dos acontecimentos normaes, desaparecido o vulto dessa personagem, cuja simples vista causava brandura e correspondente tranquilidade, o rescaldo do incêndio ateou-se, vieram a impaciência, a exaltação, o desespêro, que arrastaram essa pobre e desamparada mulher ao colóquio, a que está assistindo. Não é isto ultra-romântico?

—O' minha senhôra, eu...

—Não tem vontade de rir? Serei eu a iniciadôra de uma inversão imprópria do meu sexo? E' para rir, é. Que poderá esperar um amôr como o meu do sr. Eduardo de Sequeira? Compaixão, não é assim? Antes o riso, castigo de uma louca. A compaixão despreso-a.

—Não é de estranhar que eu lastime semelhante situação, de que sou réu involuntário. Eu posso, no entanto, oferecêr sentimento superiôr, e muito, ao do compadecimento.

—E qual? qual?

—O afecto profundo, sincero e puro de um irmão. Aceita-m'o?

E Eduardo de Sequeira pòs-se de pé, porque Ernestina se erguêra de salto.

—Aceito, com uma condição.

—Qual é a condição, senhôra?

—A de vir á presença da irmã, de quando em quando, como é natural e preciso.

—Cumprirei, quanto em mim couber.

*

* *

Ao achar-se na rua, para seguir o seu destino, o Sequeira ia atordoado, confuso, receôso; parecia-lhe têr acordado de um sonho muito emaranhado.

O amôr daquela mulher, tão digna de dó, se não constituia uma raridade, compendiava uma palpitante e memoravel originalidade.

*

* *

Volvidos dois dias, o Sequeira realizou a sua primeira visita fraternal a Ernestina.

Achou-a afavel, mâs pálida em demasia, pouco comunicativa, denunciando pesado sofrimento.

Procurou entretêl-a, contando anedotas, episódios alegres, notícias palpitantes; aduziu consolações de ajuizado alcance, apelando para melhor tempo; o que pareceu dar-lhe alívio real ou aparente; e prometeu voltar em breve.

Exgotado nôvo prazo, partiu o Sequeira a cumprir o prometido, e foi batêr á porta de Ernestina.

A porta porêm não se abriu. Um logista vizinho informou que a senhôra, precedida de larga bagagem, saíra na véspera, dando ordens terminantes para que a mobília fôsse vendida em leilão.

Regressando a casa, preocupado e surprehendido, en-

controu, a meio da escada, o correio, que lhe entregou, dentro de sobrescrito bem lacrado as linhas seguintes:

—«Senhôr Eduardo de Sequeira. No meio da minha desolação, tive por melhor recolhêr-me a um asilo, aonde não chegará a sua pessôa, nem o seu nome. Recuso o afecto, que me ofereceu. E' muito para os meus merecimentos, mâs pouco ou nada para as necessidades do meu coração. Seja feliz, como não pode sêl-o—a *Ernestina.*»

Próxima indagação deu a Eduardo a certêza de que a nossa triste heroina passara a um convento de Espanha, onde tencionava professar.

Ahi fica exarada a prova frisante, que prometemos em começo, de como, entre as coisas más desta vida, há casos, em que a afeição e o carinho de um irmão nos não agradam, nem satisfazem.

O CIGANO

Escreveu alguem, a meio da sua filosofia estoica, ou talvêz á fôrça de muito sofrêr, que a entidade humana, despida do atributo anatómico, que se denomina coração, chegaria a tocar o ápice da felicidade, e provavelmente duplicaria a edade, visto que, na opinião dos sentimentalistas, èsse orgão é fornalha dessecadôra da nossa nervosidade.

Adotando, sem esfôrço, o dizêr do nosso irmão em lêtras, certificaremos, porêm, que a muitíssima gente falta, parcial ou completamente, êsse apendículo, embora os entendidos afirmem que é, na circulação do nosso sangue, o seu único reguladôr.

Êste pensamento, que vamos radicar, escapou, sem dúvida, no momento psicológico, á mentalidade do nosso erudito colega.

Os revolucionários, sedentos de saque e matança, os sincofantas da moralidade particular e pública, os facínoras de ofício e índole, os assassinos, que premeditam

crimes, os cínicos, os próprios alarves e os tôlos—devem têr apenas uma parte ínfima do tal reguladòr, ou a sua supressão completa, substituida por cartilagem esburacada e óssea.

Bem sabemos que o escritòr, a que nos referimos, classifica o coração na ordem moral, visto que êste é centro complexo de tòdas as faculdades afectivas; entretanto, mèsmo na ordem corporal, física, anatómica, apraz-nos asseverar que as personalidades, acima apontadas, não possuem essa víscera, ou a conservam corruptamente desnaturada.

Um orgão corrupto é orgão incompleto, avariado, mais ou menos próximo da supressão.

Os antropólogos, que fornecem modernamente aos criminalistas dados craneanos, ás vêzes caricatamente, para classificação, outras tantas vêzes inutil, dos réus, melhor fariam se, aplicado um rádio claro, infalivel, procurassem estudar os escaninnos e refègos peliculares da esponja vital, chamada coração.

*

* *

Assim pensa tambem o nosso melhor amigo, que é poeta e ainda idealista, que poeta vem a sêr.

Sendo a sensibilidade a maior e melhor partícula do coração, ela gasta uma parte da vida de tòdas as pessôas, que se impressionam facilmente.

Por isso a doutrina dos estoicos, requerendo no homem a insensibilidade para tòdos os males e para todas

as prosperidades e somente a prática do bem, seria o melhor dos estados corporaes, e representaria a mais elevada riquêza social, a existir completa a originalíssima doutrina.

A ela se reportava certamente o citado homem de lêtras, quando preconizava a ausência do coração humano, com o nosso aplauso e com o do nosso melhor amigo.

Êste, o poeta, que há muito considera o homem como o peor animal da creação, é de uma sensibilidade extraordinária, disfarçada a custo pela sua figura de altivo Ferrabrás e pela sua experiência da vida, que lhe tem sido demasiadamente crua, especialmente no perdimento de família e bens.

Para lhe definir o sentimento afectivo, basta-nos apontar um facto da sua existência doméstica.

Servindo-se, de há muito, na sua sala de honra, de moveis já usados por outrem e comprados em parcelas e ocasiões diversas, intentou melhorar êsse estado um tanto cahótico, mandando fazêr mobília nova, segundo o seu desenho e gôsto.

Chegada esta, de feitio caro e nobre, faltando compradôr ocasional para os objectos, que iam sêr substituídos, forçôso foi envial-os á casa de um leiloeiro, para sêrem vendidos, segundo o costume usual.

O homem recomendou ao nosso poeta que, no dia da hasta pública, se apresentasse no salão das vendas, para que a mobília não fôsse vendida ao desbarato.

Momentos antes de começar o leilão, a sensivel personagem, de facto, entrava no lugar aprazado, e pu-

nha se a contemplar os trastes, que iam deixar de lhe pertencêr, e estavam disseminados em meio de outros de vários donos e categorias.

Logo ao comêço da sua contemplação, de repente, sentiu na tal víscera, de que falámos, uma impressão violenta, que o fèz retrocedèr, e tomar sem demora a escada de saída, onde o foi surprehendêr o afadigado leiloeiro.

—Então retira-se, meu caro senhôr?

—Sim: vou-me embora, vou.

—Mâs... porquê? E o seu negócio?

—Deixo-o entregue á sua experiência e probidade.

—Mâs... vejo-o um tanto contrariado. Alguem melindrou-o? algum empregado meu?

—Não, senhôr. Embora me atribua pieguices, que não costumo praticar, eu retiro-me, porque me entristecí, ao olhar para os meus moveis. Pareceu-me que èles me acusavam de ingrato, pelo abandono, a que os votava, depois de me tèrem servido por tanto tempo. E adeus.

O leiloeiro encolheu os hombros, sorriu boçalmente, parecendo-lhe talvèz que acabava de tratar com um pataratа, pouco menos de doido.

Êste episódio define, com a máxima clarêza, a que ponto se estende a sentimentalidade do nosso heroe, atreito, como vemos, a votar dedicação a uma cadeira ou mêsa, a um tinteiro ou banco, a um objecto qualquer material ou artístico do seu uso doméstico.

*
* *

Quem dedica pronunciada afeição a um movel, naturalissimo é que a consagre ainda mais intensa a criaturas viventes da sua casa, embora irracionaes e vulgares.

O nosso melhor amigo, que, apesar da sua moradia lisboêta, faz longa estada em terras da sua aldeia, onde é proprietário, maguado pela pèrda sucessiva de dois cavalos, a que dedicava estima, resolveu, depois de justa hesitação, adquirir mais um animal dessa especie.

Como a exploração negociadôra do género dá ocasião a grandes lôgros, lançou inculcas, incumbindo por último do assunto um afeiçoado homem de bem, que por seu turno transferiu a incumbència para um informadôr e negociante experimentado.

—Quem é èsse indivíduo?—perguntou o pretendente, por sua vêz.

—É um cigano.

—O' meu caro, um cigano deve sèr homem suspeito.

—Respondo por èle. Não professa o bandoleirismo da casta. E' tido e havido por pessôa séria. Respondo por êle.

Isto passava-se em Lisbôa.

Decorrida uma quinzena, pouco mais ou menos, o nosso melhor amigo recebia aviso para, a certa hora, se

dirigir ao pequeno largo do Jardim do Regedôr, que fica por detraz do teatro *D. Maria,* onde encontraria um objecto, que desejava.

Chegado ali, depararam-se-lhe o seu afeiçoado e o cigano, apresentado por êle, homem alto, cara expressiva com abundantes suissas, jaquêta curta com alamares e chapéu de aba larga, tipo de picadôr e mestre em ofício cavalariano.

Depois dos cumprimentos, o cigano apontou para o meio do largo, onde um cavalo prêto, de marca, bem conformado, aparatôso, se achava atrelado a um *faëtonte,* palavra usada nos versos de Filinto, para significar a carruagem mitológica, guiada pelo cocheiro dêsse nome, filho e serviçal de Júpiter, o moderno *faeton,* por demais conhecido e usado.

—Está ali uma joia—falou o cigano—com tôdos os requisitos, por V. Ex.ª exigidos: manso, bonito, são, perfeitamente são, dando cavalaria, e puxando carro, sozinho ou acompanhado.

—Homem, eu preferia um animal de côr, que não fôsse a prêta, pois é a que menos aprecio no gado cavalar.

—São gôstos. O que lhe afirma, e diz a minha experiência é que não se encontra facilmente uma bêsta, que melhor satisfaça os seus desejos.

—De mais a mais é inteiro...

—Nada faz ao caso, em razão de passar já da meia edade.

—Hum! cavalo velho!

—Pode fazêr serviço ainda por muitos e largos anos, dèsde que tenha bôa mantença e trato.

—Lá por isso...

—Pois, meu caro senhôr, não desperdice a ocasião, que se lhe oferece. O cavalo pertence ao estroina, que está sentado na almofada, e o sustem de rédeas. Tem a marca da coudelaria de uma gente fidalga, onde nasceu de bom sangue, e foi ensinado. Depois do serviço de alguns anos, abundando o gado, foi, haverá um ano, vendido, no meio de outros, áquèle sujeito, filho-família de vida airada, que por milagre não tem dado cabo do pobre animal, com os maus tratos, que lhe aplica, fazendo-o estar atrelado diariamente á carruagem, tardes e noites inteiras, em plena rua, durante as suas estroinices, sem alimento nem comodidade.

—E por que o vende?

—Por falta de dinheiro para a extravagância, deve sêr, embora êle dê como razão a corpulência do animal, que deseja substituir por outro mais pequeno.

—Quem sabe lá?

—Responsabilizo-me pelo cavalo. Êste senhôr, que recebeu a incumbência de V. Ex.ª conhece-me muito bem. Não sendo o animal aquilo, que eu afirmo, pode devolvêr-m'o, e receberá o seu custo.

Não era lícito conservar mais dúvidas, dêsde que se davam tão claras garantias por pessôa competente e sisuda.

Concluido o negócio por quantia, com que na aldeia do nosso amigo se compra uma junta de bôis, foi o ca-

valo para ela remetido, na ocasião, em que o dono, com o mêsmo destino, se retirava de Lisbôa.

Os animaes de serviço urbano ou agrícola são, no tocante a bom ou mau destino, como os animaes da nossa espécie. O tratamento, que lhes proporciona o dono, a quem a sorte os entregou, determina-lhes a felicidade, como a nós o tirocínio casual da vida nos torna ditosos ou infelizes.

O cavalo lisboêta melhorava muito de situação. Se fôra desditôso no seu passado, a fortuna do acaso dava-lhe um vivêr tranquilo e farto.

A sua obrigação limitava-se a espaçadas doses de cavalaria recreativa e a passeios do mêsmo género, tambem pouco frequentes, puxando um breque de excelentes molas.

Quanto ao mais... comêr bem, e dormir regaladamente.

Estando as suas qualidades em perfeito paralelo com as minuciosas informações do negociadôr, pâra comemorar o fausto acontecimento, e como sinal evidente de bem entendida gratidão, recebeu o cavalo o nome de Cigano.

A mansidão, de que era dotado, a sua corpulência e perfeição de membros e o garbo, com que tirava a carruagem, eram assunto de merecidos gabos e estreitas simpatias.

Fôsse qual fôsse o sêr vivo, que por êle se roçasse, ou estivesse na sua vizinhança, nunca ninguem lhe viu fazêr sequer a menção de um côice.

Na ocasião do atrelamento á carruagem, era preciso

muito cuidado, porque a sua impaciência e vontade de caminhar tornavam-se excessivas.

Êsse pequeno defeito explicava-se pelo entusiasmo, com que queria encetar o trabalho, que raras vêzes lhe era dado; o que o fazia partir a galope, garbosamente, de cabêça alta e as ventas dilatadas e fumegantes.

Demonstração de excessiva folga.

—E' um pimpão!—dizia a gente, que parava pâra o vêr e admirar.

Parecia porêm que má estrêla lhe presidira ao nascimento. Mau destino, sem dúvida.

Um criado de menos inteligência que a dêle, o qual costumava leval-o a bebêr a certa distância, como passeio higiénico, um dia impeliu-o para um despenhadeiro até que o animal, desprevenido e assustado, porque de costas não via o precipício, despenhou-se de grande altura pâra uma barroca, donde custou a tiral-o felizmente sem ferimento ou mácula.

Dahi a tempos, o mêsmo selvagem, montando-o em pêlo, em vêz de sêr montado por êle, não tendo mão de rédea, em caiçada lamacenta e brutamente pedregosa, ao sentil-o escorregar, porque as ferraduras estavam gastas, deixou-o ferir num joêlho desta vêz, de uma maneira grave.

Consultados os maus peritos da freguesia, veio por fim um veterinário de Coimbra, pessôa habilitada, cujas prescrições morosas e dificeis fôram seguidas á risca.

Como o animal começara a sêr tratado por mulheres, criadas do nosso melhor amigo, a mais antiga, que já é olhada, por sua dedicação e feitos, como pertença da

família, velara, espontaneamente, na qualidade de enfermeira, amorosa e incançavel, quarenta noites ao pé do *cavalito,* como ela, por antonomásia, denominava o Cigano, em tom cariciôso, cá, na aldeia, ou em Lisbôa, quando pedia notícias dêle.

O animal tão estimado, a quem se prognosticava aleijão inutilizadôr, á fôrça de meticulôso e constante tratamento, resurgiu da prolongada doença, recuperou a saüde do membro afectado, onde apenas se divisava, em resumida cicatriz, uma falta insignificante de perfeita cabeladura.

O Cigano voltou festejadamente ao suavíssimo trabalho, que o não molestava, á robustêz e pimponice do seu privilegiado organismo, por anos, figurando ainda no penúltimo carnaval, a arrastar magestaticamente o seu carro, enfeitado com pompa, de cabêça alta e côrpo airôso, engalanados com flôres e fitas multicôres.

Os alindados e fogosos cavalos das quadrigas triunfaes dos famosos circos da Roma imperial deviam têr o aspecto e a garridice do Cigano.

O dono da casa e a menina, sua filha, tão desvelada por êle, montavam-no por vêzes.

Continuando sempre sôb o trato e cuidados de mãos femininas, a Libânia, na continuada sucessão de serviçáes, a primeira do trabalho externo, cavalgava-o diariamente, a caminho da ribeira distante, aonde ia dessedental-o, achando graça no afastamento e tregeitos, com que êle, ás vêzes, por brincadeira, fingia dificultar-lhe a montagem.

Não o fazia por maldade. A prova tinha-a a corpulenta rapariga, havia pouco ainda, quando escorregara dêle abaixo, porque o montara em pêlo, caindo, e o viu parar, olhando-a com interesse, como que a perguntar-lhe o que fôra aquilo.

Bom e generôso Cigano!

*

* *

A sua má estrêla, para não chamar ao caso a do dono, espreitava-o sinistra.

Há dias, ao voltar da ribeira, conduzindo no dôrso, muito encarapitada, a costumada amiga e conductôra, sentiu-se mal.

Agua frígida, por têr saraivado granizo, ou áspide absorvida na beberagem ou na erva, de que era muito golôso, produziram-lhe contorções violentas, fastio absoluto, sofrimento excruciante, que resistiram a tratamento vário, dèsde as fricções e medicamentos internos até ao rigorôso agazalho e caldos de galinha.

A Josefa e a Libânia, suas amigas e principaes tratadôras, velando, duas noites e outros tantos dias, junto do querido Cigano, prantearam-no sentidamente, quando êle soltou o último arranco de vida.

Para os donos da casa o brutal acontecimento equivaleu a um dia de luto.

*

* *

Avocamos a nós a história do Cigano, pois que o nosso melhor amigo é o que estrêa o nosso vestuário, somos nós.

A nossa nêgra experiência faz inteira justiça ao pessimismo de Schopenhauer.

Riam-se os parvos e os empedernidos da alma.

Era bem melhor, como disse outro, que pudéssemos prescindir do coração.

Se o pôvo inglês, reputado de génio frio, espremido dos gêlos, que o circumdam, edifica, e sustenta vastos cemitérios de cães, que muito é que nós, creatura do meio dia da Europa, onde a temperatura suave e odorífera se torna mais propensa ao amôr, que muito é que nós consagremos, nêste escrito, uma lápide comemorativa ao bom e prestimôso Cigano?

E' que deixou penas e saüdades, não pelo seu valôr pecuniário, que se perdeu, mâs pelo seu procedimento e préstimo, que o tornavam querido.

O cavalo e o cão, como de há muito se conhece, valem, entre os melhores irracionaes, o símbolo da fidelidade e do afecto.

Comprehendemos pois a piedade inglêsa.

O Cigano não terá substituto: fechou, para nós, o ciclo desventurado dos animaes da sua raça.

Não lutemos mais com a adversidade!

Cá nos fica o belo *Fusco*, o companheiro do Cigano, o belo cão, cego do ôlho esquêrdo pela pedrada de um malvado, o guarda de pequeno côrpo, mâs de agigantado génio, cujas qualidades valem mais do que as de muita gente do nosso conhecimento, dêsde o campo á cidade.

Êste, ao menos, não desconhece o bem, que lhe prestam: defende a casa, onde come o pão, encarniçadamente, em atitude de ferocidade.

Entre as saüdosas amigas do Cigano, disfruta uma elevadíssima categoria: é, na galhofa caseira, o *filho* de uma, que o farta de bons bocados, e *sobrinho* da outra, que o enche de mimos e o disputa, querendo sempre trazêl-o ao pé de si.

A Josefa, a *mãe*, comenta a tristêza do cão, o que é visivel; e acaba de nos dizêr, com os olhos rasos de água, que êle se nega a comêr; que hontem farejava doridamente o sítio da ribeira, em que o *cavalito* costumava bebêr; e que, hôje, sabendo-o no páteo, contíguo á cozinha, e não lhe sentindo o guizo, fôra encontral-o deitado no espaço da córte, onde o falecido expirara.

Testemunho notavel de amôr e saüdade!

Tinha môios de razão o scético, quando, na sua severidade analítica, bradava convicto:

— Quanto mais conhêço os homens, mais e mais adoro os cães.

Sobra de razões assiste ao pôvo britânico, quando lhes consagra monumentos.

Êste, o Fusco, por sua morte, bem merece um mausuleu, como memória significativa.

Acima dos meritos, que o distinguem, possue o que falta a meio mundo—o dom da gratidão.

Le cheval est mort! vive le chien!

Morreu o Cigano!

Viva o Fusco!

Pombeiro, 24 de fevereiro de 1910.

FORMOSURA PORTUGUÊSA

ROMANCE HISTÓRICO DO TEMPO DOS FRANCÊSES

As hostes aguerridas de Napoleão, o maior e mais extraordinário ambiciôso do mundo, nem sempre se cobriram de gloria marcial.

Vencêram, ás vêzes e bastas vêzes, pelo prestígio da sua fama, que era a fama altisonante do seu chefe supremo, Argus de cem olhos, que viam para tôda a parte, gigante de cem membros, que se estendiam miraculosamente, assolando aldeias, cidades e países.

Ao soar das tubas guerreiras, ao contar da lenda, rezadôra de um podêr, que tôdos supunham mais forte, entibiavam-se os ânimos, vergava-se a diplomacia, sucumbiam, abstracta e por vêzes cobardemente, governantes e governados.

Portugal, pela imprevidência da sua política exteriôr, pela falta de vigilância fronteiriça e pela cobardia execravel da sua côrte, deu de tudo isso uma amostra tão deploravel como funesta.

Na travessia de Espanha, como é sabido, em 1807, época da primeira invasão, Junot, o manhôso e elegante ex-embaixadôr de França, em Lisbôa, para tornar menos onerosa á população a passagem das suas tropas, retalhou-as em frações, dando-lhes, como ponto de junção, uma parte da Beira.

Algumas delas, porêm, extraviaram-se, sofrendo numerosas privações, tanto de esperar em época invernosa, por caminhos mal indicados e peormente conhecidos.

Junot, ao transpôr a fronteira, por serranias e despenhadeiros, não esperou os transviados, tamanha pressa tinha de chegar a Lisbôa, meteu imediatamente as tropas nessa direção, obrigou-as a marchas forçadas, e não se importou sequer de que novas frações se extraviassem, em virtude do estropiamento, má alimentação e outros sofrimentos, devidos ao rigôr da estação.

Ao entrar, portanto, em Abrantes, a 25 de novembro, vinha apenas á frente de uns cinco mil homens, exhaustos e desmantelados, semelhando mais uma guerrilha fugitiva do que uma hoste invasôra.

Testemunhas oculares asseveraram que muitíssimos soldados, abordoando se ás armas inutilizadas, como se estas fôram cajados, mal se podiam mexêr; que o maior número vinha faminto e descalço; e que, por esta última penúria, uma das primeiras resoluções do general Junot foi ordenar que os moradôres da cidade, de que mais ao diante Napoleão o havia de tornar duque, se despojassem do calçado em favôr da soldadêsca francêsa.

Entretanto, diante dêste núcleo de gente cansada, faminta e esfarrapada, que demais a mais se anunciara como amiga e pacificadôra, porque apenas nos vinha *livrar dos inglêses,* ninguem se apresentou a tempo de lhe embargar o passo, quando, a simples pau e pedra, um pouco á maneira pastoril da extrema antiguidade, á Viriato, se podia expulsar esta horda de aventureiros enfraquecidos e desirmanados.

Muito ao contrário, dois dias depois da sua chegada a Abrantes, a 27 de novembro, el-rei e a sua côrte fugiam cobarde e vergonhosamente para o Brasil, afirmando pelo egoismo pessoal e pelo desânimo poltrão, que êste bêrço de heroes já não infantava senão vilões e liliputianos, que taes eram os conselheiros cortezãos, que, desasada e criminosamente, a tanto aconselharam e resolvêram o regente.

O caso era tão deprimente, que até uma creatura, nefasta para as simpatias e para o bem do país, se erguêra trovejante, num arranco espontâneo de vibrante e justificada indignação, para o maldizêr e condenar.

—Isto é uma cobardia inaudita! De que fugimos e para que fugimos?—gritava enraivecida a rainha Carlota Joaquina, com sêr o que era, ao pôr pé no navio, que ia conduzil-a ao Rio de Janeiro.

—De que fugimos e para que fugimos?

Êste brado de indignação classifica perfeitamente o acontecimento e os homens, que o promoveram.

Com a fugida de D. João IV, o briòso e velho Portugal velava a face; os cofres públicos ficavam exhaustos; consideraveis riquêzas em oiro, prata e pedras pre-

ciosas do erário da côrte portuguêsa, raridades e relíquias artísticas de príncipes e fidalgos; quadros, objectos numerosos de altíssimo valôr histórico, real e estimativo, e vários tesouros públicos e particulares saíam do país, na máxima parte, para não voltarem a êle, como não voltaram.

Afirma-o até, bem categoricamente, a insuspeita palavra de Pereira da Silva, conhecido historiadôr brasileiro, quando se refere ao facto nefando, que levemente esboçamos.

Grandes e numerosas telas, profuso e rico mobiliário dos palácios de Mafra, Cintra, Queluz e Bemposta e de outras moradias régias, que actualmente acusam uma entristecedôra penúria, fôram joias, que se alienaram e perdêram, e que figuram nas memórias da época e no critério da gente de bom senso e no sentimento ultrajado de bom patriotismo como elementos ornamentaes dessa calamitosa vergonha histórica.

II

Uma das frações tresmalhadas do exército francês, por um imprudente desvio e falta de guia, realizando uma viagem tormentosa, foi dar comsigo aos despenhadeiros da serra da Estrêla, com surprêsa do comando, que não soubera talvêz consultar o mapa, de que se fazia acompanhar.

O chefe, portanto, resolveu retrocedêr imediatamente, más têve por melhor mandar um correio caminho de Lisbôa, onde era de supôr que já funcionasse o quartel general; e, a pequenas marchas, em razão do estado da soldadêsca, contornou a margem esquérda do rio Alva, e tomou a direcção de Coimbra, um dos pontos centraes e estratégicos, que Junot resolvêra guarnecêr sem demora.

Dessa pequena legião, que se compunha de uns mil e duzentos soldados, quando muito, fazia parte, como adjunto e secretário do respectivo comandante, um joven capitão, que denominaremos Adòlfe de Juvat.

Oriundo da Bretanha, essa região de maravilhosas tradições cavalheirôscas, território que ainda hôje atesta o seu brilhante passado feudal nas ameias dos vetustos castelos alcandorados á beira-mar ou nas ribas do Loire, tão povoado de lendas doiradas e romanêscas, o mancêbo descendia de uma familia nobre e aristocrática, que ao colorido dos pergaminhos juntara sempre, desde longuíssimas datas, como timbre heráldico, o brilho da espada, ou da lança e adaga, conforme os tempos.

Atraídos prodigiosamente pelos vôos fenomenaes da aguia gigantêsca da Córsega, que pretendia abrangêr sob as suas colossaes azas tôdos os exercitos do mundo, muitos mancêbos de egual estirpe tomavam parte nas hostes francêsas.

E' que Napoleão realizava nos tempos modernos o valôr e a fama dos invictos conquistadôres da antiguidade; e o seu exemplo era para seguir e imitar.

— A minha familia começa em mim! — escreveram que

êle, erguendo muito a cabêça sugestôra, respondêra sobranceiramente um dia aos que se fizeram eco de detractôres, que lhe farejavam nas origens rebentos humildes e nada régios.

—A minha família começa em mim!

Sobèrba resposta de um homem tão magnífico! Nunca das alturas de um trono imperial se pronunciou frase de maior sonoridade, nem de mais austera e nobre fidalguia!

Efectivamente, entre os rebentos de um longo sangue, donde nasceu um tôlo, e as origens obscuras, que produziràm um heroe, a preferência racional e única é bem manifesta.

—A minha família começa em mim!

Dá-nos vontade de estreitar num eterno abraço a sombra hercúlea de tamanho vulto!

E' que a heráldica dos tempos modernos vae buscar a sua estirpe ao valôr pessoal, ao mérito literário, industrial, scientifico, comercial e humanitário, como a dos tempos antigos, tão respeitavel como esta, a tomava dos campos de batalha ou do convívio principêsco.

Aos olhos de Napoleão, o grande, vê-se, pois, que nobres e plebeus só eram grandes, quando os merecimentos próprios os exalçavam á grandêza.

Por isso o acusavam de sobejamente discrecionário na distribuição de posições, emprêgos e honras!

Por isso a fidalguia francêsa, deslumbrada e pressurosa, corria a alistar-se nas fileiras dos seus exércitos, para progredir e engrandecèr-se, ou para tornar-se simplesmente notada.

Adolfo de Juvat era um galhardo mancêbo de bigode e cabêlos aloirados, olhos brilhantes e incisivos, testa espaçosa e cortada a meio por duas pequenas rugas, que denunciavam, quando crispadas ou entumecidas, um carácter enérgico e cavalheirôso, barba fendida, nariz aquilino, rôsto oval e ar distinto, realçado pela elegância do uniforme.

Moralmente, sem deixar de sêr um tanto folgasão, reunia aos brios de homem de bem um encarniçado afecto ao seu país, que êle julgava superiôr a tôdos os países, como Napoleão era, no seu conceito, superiôr a tôdos os homens natos.

Digno filho da sua amada Bretanha, se vivêsse no passado, no tempo, em que se formaram as epopêas, mencionadas nos pergaminhos da antiga fidalguia, êle, môço e briôso, enérgico e ambiciôso, daria um óptimo paladino.

Ao atravessar os diferentes povoados da peninsula, que a soldadêsca francêsa devastava, como epidemia assoladôra, profanando até os edifícios, consagrados ao culto da religião, que era a sua, de Juvat confrangia-se sempre que o comandante da legião fazia vista grossa a depredações e ultrajes, que seria facil evitar.

Êstes sentimentos, que tão bem lhe ficavam na sua edade e na sua posição, anunciam-lhe claramente as qualidades de caracter, e põem-lhe a descoberto uma parte do seu belo coração.

III

Seguindo sempre a margem esquêrda da nascente do Alva, e trazendo diante de si o alarma, que afugentava tôda a gente, as tropas francêsas vieram têr a Arganil, onde acamparam por dois dias.

Parecendo ao comando que a margem direita, seria, como era, a linha recta para Coimbra, mâs não podendo transpôr o volume das águas, entumecidas pelas chuvas do comêço do mês, perguntou se haveria por aquêles sítios ponte ou viaducto, que favorecêsse a passagem sôbre o rio.

Indicaram-lhe as vizinhanças de Pombeiro, onde existia uma ponte romana (1) já bastante deteriorada, conhecida por a ponte do Vale do Espinho, em razão de estar colocada no sopé da aldeia dêste nome.

O lingua era um antigo criado francês, que em 1805

(1) [illegible]

estivera em Lisbôa, ao serviço do embaixadôr Junot, um mau intérprete por sinal, com grande descontentamento do môço capitão, por onde corria o expediente, como secretário, que era, do comando.

Juvat, como não tinha contacto com a gente das povoações, a qual fugia espavorida, não conseguira ainda entendêr duas palavras juntas do português bárbaro do seu compatriota.

—Eu não percêbo nada disto, mas creio que tu só pronuncias tolices—dizia Juvat ao seu língua, mandando-o para o diabo em óptimo francês, quando qualquer negócio de aboletamento ou víveres redundava em disparate.

—Um dia, mando-te fuzilar, meu trapalhão—gritou-lhe êle na ocasião da sua chegada a Pombeiro, ao sabêr que as tropas escusariam de ali têr ido para encontrar a ponte do Vale do Espinho, se o língua percebêsse melhor o que lhe dissera o guia, tomado em Arganil.

E bom sería para Pombeiro e até para o autôr destas linhas que os francêses tomassem o caminho mais curto, pela povoação da Roda, e não acertassem com a terra de Pombeiro, que ainda hoje conserva um sinal indelevel da sua passagem!

A marcha vagarosa, o extropiamento da soldadêsca e as horas adiantadas da tarde aconselharam a paragem ali, procedendo-se pela nôite a um aboletamento dos oficiaes pelas poucas casas do povoado, e amontoando-se os soldados nos páteos, nos curraes, nos palheiros e no próprio adro da igreja.

Os principaes habitantes, que receavam perdêr vida e havêres domésticos, haviam fugido, acarretando comsigo ou ocultando em esconderijos tudo o que de melhor possuiam.

Fôra dêste número o nosso bisavô paterno, José Manuel Corrêa de Araujo, que, apesar da sua ilustração, pois era insigne poliglota e o homem mais sabedôr e abastado da terra, se deixara amedrontar por uma extraordinária impressão.

Logo que a notícia da chegada dos francêses a Arganil se espalhou sinistra, Corrêa de Araujo chamou a ocultas um pedreiro, que julgava de sua confiança, mandou desladrilhar a sua vasta lareira, e fazêr-lhe a meio profunda cavidade, onde em pequenas arcas e caixotes se lançaram os principaes objectos, que formavam uma grande parte da abastança da epoca — dinheiro em metal preciôso, loiças da India, pratas, alfáias e tôdas as miudêzas valiosas do seu erário doméstico.

Coberto o esconderijo e cuidadosamente recompôsto o ladrilhamento da cozinha, formado de largas e pesadas louzas do granito da serra da Sabouga, fèz-se-lhe em cima uma enorme fogueira, cujo brazido e cinzas deram ás cizuras frêscas das juntas a velha aparencia anteriôr.

Pelas exterioridades, ainda depois de tirado o borralho, ninguem poderia adivinhar a operação, que se fizera, muito a contento do dono da casa, o qual, sem pêrda de tempo e nessa mêsma nôite, por horas mortas, acompanhado da familia e de um criado fiel, com duas bêstas bagageiras, jornadeou para as bandas da Cerdeira, donde era natural, no propósito de se guindar ás esca-

brosidades da serra da Estrêla, se na sua própria terra não pudesse socegar.

Em caminho, ao lembrar-se do seu tesouro, arrependeu-se de não têr trazido comsigo o pedreiro ocultadôr, acusando-se intimamente de um procedêr leviano.

—Agora, caluda, Antonio! Vê lá. Vê lá—dissera êle ao obreiro, no fim do serviço.

—Nem falar nisso é bom, patrão.

—Olha lá. Queres tu vir commôsco? Sim... parece que seria melhor...

—Nada, não, senhôr. Eu cá não tenho mêdo.

—E porque, homem? porque?

—Porque, ó que dizem, os malditos dos francêses—Má raios os partam!—o que querem é comêr e roubar, que são ladrões como ratos. Vae daím, a gente da minha *ragalha* de côisa, que, sirva, pouco ou nada tem. As territas... êles.—Uma peste venha que os coma, nosso Senhôr me perdoe—... as territas não as levam ás costas; e vaė então como não matam...

—Detraz de uma côisa poderá vir a outra, Antonio.

—Nada, meu amo. Já agora, como ó oitro que diz... quem não tem mal não tem penas. Vossa Senhoria e outros fazem bem em se ausentar. Os demais...

E o pedreiro concluiu, dizendo que muitos do pôvo tinham resolvido não sair da terra, mêsmo porque as casas não deviam ficar de tôdo sem ninguem, pois os negregados dos estranjeiros, de desesperados, bem podiam deitar fôgo a tudo; e lá se ia o povoado com Belzebú,

O nosso visavô, talvêz por um estranho presentimento, ao lembrar-se disto, começou a achar o obreiro de-

masiadamente corajôso, mâs seguiu o seu caminho, aspirando sómente a colocar-se e á família em plena segurança.

Conforme afirmára o pedreiro, a gente humilde deixára-se ficar em consideravel maioria, ao avistar a legião francêsa, que descia em cardume pela encosta fronteira, uns peados de surprêsa e outros realmente animados e receiosos de que a fuga completa désse azo a devastações.

A' bôca da nôite, por imposição do aboletamento, os fornos e cozinhas da terra, em plena elaboração, reduziam a pão tôda a farinha de trigo e milho, encontrada nos sarrões e taleigos.

Emquanto os rancheiros esquadrinhavam adêgas e celeiros, apropriando-se do que lhes parecia, e a soldadêsca insofrida, mal trajada e suja, era contida pelo estropiamento de tantas marchas forçadas, alguns oficiaes, no louvavel costume de depredação, com que assolavam ou deixavam assolar a península, despojando-a de numerosas riquêzas, faziam abrir a igreja de S. Salvadôr, em busca dos vasos sagrados e alfáias de prata e oiro; e mandavam quebrar ao meio a pedra tumular de Mateus da Cunha, 6.º senhôr de Pombeiro, lá sepultado, em jazigo especial, nos fins do século XVI, pâra o despojar dos enfeites, aderêços e joias, com que era costume sepultar os fidalgos. [1]

---

[1] Éste túmulo figura em estampa a pag. 114 e é descrito a pag. 94 do nosso livro *Pombeiro da Beira*, memória histórica descritiva e crítica, segunda edição.

A profanação espoliadôra realizára-se cabalmente, más outro tanto não acontecêra felizmente aos raros objectos do culto, que o priôr da época, padre Osorio Pessôa, ao fugir, têve a patriótica ideia de ocultar em sítio seguro a 2 kilometros de distância, na caverna escura de uma fraga, á borda do rio Alva.

Êstes preciosos objectos, mandados á exposição de Arte Ornamental, há anos, fôram muito apreciados, merecendo o melhor dêles, pelo valôr estimativo e forma artística, um magnífico turíbulo gótico, as honras do desenho, concedidas sómente ao que lá se apresentou de raro e melhor. [1]

O pedreiro Antonio, interrogado pelo língua dos francêses ácerca do sacristão, que desaparecêra de manhã, levando comsigo as chaves da igreja, prestara-se com outros a arrombar uma porta lateral pâra a entrada no templo pombeirense; e, depois do arrombamento do túmulo, seguiu com olhos cubiçosos tôda a operação do latrocínio.

Alma vil e interesseira, incapaz da gratidão e menos da lealdade, têve por fim uma ideia satânica, que lhe lavrou rapidamente no cérebro.

Êle... Antonio estava senhôr do segrêdo de um valiôso tesouro, cuja denúncia lhe poderia valêr a independência da sua vida, pois os francêses pareciam bôas pessôas, e com certêza lhe dariam por isso choruda espórtula.

---

[1] Dado em estampa a pag. 146 e descrito a pag. 126 do *Pombeiro da Beira*, 2.ª edição, já dita.

A especialidade da situação tudo desculparia; os malditos dos homens tinham faro de cão rafeiro; penetrando em tôdas as casas, haviam entrado, como era natural, na de Corrêa de Araujo, e, ao examinar com atenção todos os cantos, depararam-se-lhes na cozinha uns restos de barro mole nas juntas de duas pedras, suspeitando dèsde logo que havia ali um esconderijo.

O pedreiro, que acudira, para vêr se a residência de seu amo era respeitada, fôra agarrado e ameaçado de morte, vendo-se o desgraçado na triste necessidade de ajudar a descobrir as preciosidades escondidas, a cujo levantamento pretendeu obstar, lutando valentemente, e tanto que chegára a apoderar-se da espada de um dos oficiaes.

E apresentaria êsse testemunho autêntico, pois mais tarde se salvara, quando ia sucumbir ao número de inimigos, saltando para o quintal pela própria janela da cozinha.

A narrativa não era mal engendrada; e o vilão, falando por meias palavras ao lingua, obtève promessa formal dos oficiaes francèses de que, se o achado as compensasse, lhe dariam cincoenta peças em bom oiro, tiradas do próprio tesouro denunciado, por prémio, e a espada, que devia figurar na historiêta.

—Quando o nosso visavô se recolheu a sua casa, e se achou perfidamente roubado, quis no auge da sua mágua havêr ás mãos o pedreiro, de quem suspeitou imediatamente; más o biribante espicaçado pela consciência, e não ousando afrontar a indignação do amo, mudara de terra, fugindo, á última hora, ao que se di-

zia, com os francêses, em cuja companhia somente se julgara seguro.

A espada requerida, que êle com efeito chegara a obtêr, foi deixada, talvèz por esquecimento, detraz de uma porta, e ali encontrada pelo nosso desditôso avoengo, que pouco sobreviveu ao desastre, que lhe levou o melhor dos seus havères, o recheio da sua casa, um valôr extraordinariamente superiôr ao das suas propriedades ruraes, mais tarde tambem desbaratadas por herdeiros vorazes e desasisados.

Ainda conhecemos nessa casa, no tempo da nossa criancice, alguns magníficos contadôres, bufétes e escabêlos, que os rebuscadôres assalariados de antiguidades preciosas compraram, ao desbarato, a gente cegamente boçal.

Dêsses tempos e dessa abastada casa, o autôr destas linhas possue apenas o grosseiro e pesado punho da espada, que devia servir á fraude do pedreiro, e está marcado com o nome, em lètras invertidas, de *Boutet*, ao que parece, afamado fabricante da época.

Como pertença de familia, cujos restos de habitação tambem já hôje mal existem, pela ignorância e mau gôsto de uma parentela desleixada e brutal — respresenta èsse objecto uma tristíssima tradição.

Como antigalha histórica, êle e o túmulo de Mateus da Cunha formam as duas coisas únicas, que atestam a passagem dos francêses pela aldeia de Pombeiro.

IV

Passada a legião estranjeira á margem direita do rio Alva pela já dita ponte do Vale do Espinho, endireitou pâra a povoação dêste nome, onde se não detêve, torneou a encosta até meio da montanha, deixou o caminho da Urgueira, e tomou pâra a esquèrda, na intenção, segundo o guia, de ir encontrar em S. Martinho da Cortiça a estrada principal, que a levasse a Coimbra.

Ao encarar o vaieiro, que defronta com o lugarêjo do Vale do Matouco, o comandante mandou fazêr alto, porque avistara, á esquêrda, a alguns metros de distância apenas, por entre carvalhos frondosos, uma aldeia, que, áquela hora, lhe serviria de grande utilidade.

Era a aldeia de Sahil.

Destacou alguma gente pàra cercar a povoação e evitar dèste modo a completa fuga dos moradôres, que podiam prestar serviços no que fôsse preciso, fornecendo-lhe pâra o almôço da tropa, com vontade ou sem ela, agua potavel e alguns víveres.

A aldeia, pitorêscamente erguida na lombada do monte, que sobe das margens do rio, e poeticamente envolvida nas frondosas ramarias do velho arvorèdo de carvalhos e castanheiros, por sua pequena extensão, foi facilmente cercada.

O capitão Juvat, que fôra o incumbido da diligência, mandou guarnecêr exteriôrmente os viçosos quinchôsos,

que comunicavam com a humilde casaria do lugar; e êle próprio tomou posição junto á cancela, que fechava um quintal, ficando-se a contemplar a rudêza característica do sítio.

Pelo que respeita aos moradóres, os homens, saídos de manhã pára os trabalhos do campo, estavam quase tôdos ausentes; e as mulheres, espantadas da surprêsa, formaram grande alarido, que o lingua tratava de apaziguar, encarecendo-lhes as intenções pacíficas dos francêses.

O aparecimento do pedreiro acabou de incutir ânimo aos mais timoratos, mas não sem que algumas pessôas, e em especial a gente nova, procurassem fugir, como se fôram rêses perseguidas por lôbos cervaes, saltando sebes e muros, precipitada e loucamente.

No momento, em que o capitão analisava, a pequena distância, as traseiras de uma casa avarandada, com olhos de estudiôso, sentiu uma pesada porta rangêr nos quícios, e viu saír por ela, com as feições transtornadas e os cabêlos desgrenhados, alvoroçada, aflita, uma rapariga de talhe esbelto, e corrêr na direcção da cancela, formada de ripas de castanho, por cujos interstícios presenciava a scena.

Para gosar certamente, que não por outra intenção, justiça seja feita aos seus sentimentos, pára simplesmente tirar partido cómico da situação, ocultou-se rapidamente com a esquina da parede, construída de ardósia enegrecida, e que [illegible] [illegible]; e, quando a rapariga escancarava precipitadamente a cancela, pára se escapar por ali, saíu-lhe á [illegible], e, abrindo os braços,

recebeu nêles o côrpo ofegante da camponêsa, que, terrivelmente surprehendida, não podera contêr o movimento impetuôso, que lhe acelerava a fuga, e a precipitou nos braços do francês.

A réz montesinha, ao presentir a aproximação das feras, que lhe cercam o rebanho, procurando, por atalhos e desvios ínvios, furtar-se ao perigo, embora deixando entre sarçaes e silvêdos algumas partículas do seu côrpo, ao sentir-se prêsa de repente, inesperadamente, nas garras do inimigo cruento, deve, por instinto de conservação, por derradeiro recurso, deve formar o empuxão, relativamente violento, com que a rapariga, embora o susto lhe tomasse a fala, procurou libertar-se dos braços, que a cingiam.

Pára quem conhece êste género de mulheres, sadias de côrpo e de espirito, mais ou menos acostumadas a trabalhos violentos, a suportar fadigas e a fazêr uso masculino das suas fôrças, facil será comprehendêr o estôrço, que o môço oficial precisaria empregar, e a demora, que teria em cantar victória.

Êste porèm era môço e valente, e, por isso, fazendo cadeia vigorosa em roda do côrpo da fugitiva, còrpo admiravel de correctíssimos contornos, sem pretendêr magoal-o, segurava-o fortemente, achando imensa graça na luta, que se estabelecêra.

O capitão porèm não podera ainda atentar no rôsto da lutadôra, embora o tentasse por vêzes.

A cativa, sufocada de ira e susto, é de crêr tambem que não tivesse tempo nem vontade de encarar bem o francês, que só se denunciava pelo fardamento, pois,

por sabêr que era inutil falar, não pronunciara uma só palavra.

As fôrças no entanto iam-lhe diminuindo, verdade verdade; e ela, tentando um último esfôrço de animal bravio, quizera levar as mãos aos cabêlos do mancêbo, pâra se agarrar a êles, e até pâra lhe esgadanhar a cara com as unhas.

Juvat, que deixara cair a banetina, no fervôr da luta, percebendo-lhe os movimentos, desfez a cadeia, que formava com os braços, lançou-lhe as mãos repentinamente aos pulsos, e, sentindo-a já quebrantada, desviou-a um pouco de si, impelindo-a brandamente, e desviando-se êle, por sua vêz, pâra a vêr bem, pâra a contemplar, se tanto pudesse.

—Socôrro, Mãe Santíssima!—dizia a rapariga, já desalentada, deixando descair a cabêça, e, cerrando os olhos, pâra não vêr o malvado do estranjeiro.—Socôrro, mãe do céu!

—*Oh, mon Dieu! Quelle jolie femme!* Ai, meu Deus! Que formosa mulher!—clamou o jovem capitão, estupefacto, deslumbrado.

—Ai, senhôr francês, não me mate! por piedade! não me mate—suplicou a desgraçada, ainda sem se atrevêr a abrir os olhos, como se adiante de si estivesse a voragem de um abismo inevitavel.

—*Mais... c'est une déesse, parbleu! Quelle femme! quelle jolie femme!*

—Más é que é uma divindade! Que mulher! que mulher!—tornou sincera e convictamente o estranjeiro, caindo de joêlhos, mau grado seu, como se efectiva-

mente o fizera diante da santa da sua maior devoção.

Filho nativo da poética Bretanha, sedento de aventuras, impressionavel mâs sempre cavalheirôso, êle, na travessia por Espanha, onde uma tia sua era superiôra de um convento, achara realmente exacta a apologia, que lhe haviam feito das mulheres espanholas, mâs nunca vira nem sonhara um rôsto assim, sombreado de opulentos cabêlos castanho-claros, mixto de madona e anjo, ondina do Alva e fada seductôra das florestas verdejantes, visão de um conto de fadas, ente palpavel ou ficção divina, que lhe entrara inteiramente no coração, e lh'o avassalara, exclusiva e completamente.

E esqueceu-se da Bretanha e da intenção fogosa e engrandecedôra, que o trouxera a Portugal; esqueceu-se da sua nacionalidade e dos seus brios de militar, e ficou-se de joêlhos, a apertar nas suas as mãos daquela imagem fulgurante, que no próprio quebrantamento de fôrças, de olhos cerrados e trémula, lhe oferecia novos encantos e excelentes, irresistiveis predicados de sedução.

E dizia-lhe ternuras, e falava-lhe arrebatadamente, chamando-a à vida, encorajando-a, oferecendo-lhe a sua alma e a ventura de tôda a sua existência.

E não era entendido!

— Deixe-me, senhôr francês; ai, não me mate. Por piedade lh'o peço. Não me mate, não me mate — clamava a desvairada, pela décima vez, já sem procurar resistir, sentindo-se desfalecêr.

Parecia-lhe que já tinha sôbre o pescoço a lâmina fria e cortante da espada do seu feroz vencedôr.

Alguem lhe dissera que os francêses comiam gente viva. Imagine-se, no seu pensar, em que mãos de antropófago tinha caído a desventurada!

Ao sentir porêm que o militar lhe abandonara os pulsos, pâra se lhe apoderar das mãos, que êle lhe apertava trémula e dòcemente; ao ouvir-lhe uma voz, que lhe pareceu sentida e maviosa, atreveu-se a abrir os olhos, e fixou-o por seu turno, embaraçada, estupefacta.

Aquêle homem, que ela agora via bem, não apresentava um aspecto repelente, nem sinaes de ferocidade; era, ao contrário um rapaz lòiro, galhardo de feições e modos, e estava de joêlhos... Mãe Santíssima!... em postura de adoração... de joêlhos!

Que quereria dizêr aquilo?

O môço oficial, tão garrido, tão... tão... bonito até... de joêlhos diante dela, que nunca tal vira!

Tremeu tôda, com um tremêr, que já lhe não parecia susto; e ficou se enleada, confusa, tremente, muito desconfiada, de olhos no chão.

Êle porêm obrigou-a novamente a encará-lo, e falou-lhe com muita doçura, com mais doçura ainda, levou uma das mãos ao coração num acionado dramático, que ela não sabia que se chamava assim, mas que ela comprehendeu muito melhor que as palavras apaixonadas.

Fugiria o homem, que tão de repente a agarrara?

Não seria o mêsmo?

E mais tranquila, embora cercada de milhares de dúvidas, que a sua comprehensão não abrangia, começou a experimentar a reação do abalo enorme, que sofrêra: invadiu-a uma comoção extraordinária, e desatou a cho-

rar copiosamente, por entre soluços violentos e enternecedôres, que ela, já com as mãos libertas, procurava abafar nas dobras do seu avental garrido.

Entretanto Juvat deliberava rapidamente, convencido de que lhe seria impossivel abandonar aquela aparição celeste, formosa quando o susto a envolvia, formosíssima agora que as lágrimas lhe aljofravam as faces, onde êle as quizera bebêr, uma por uma, com a sofreguidão e o êxtasi do extraordinário sentimento, em que tôdo se abrasava.

Tomando uma deliberação rápida, e por cautela assenhoreando-se novamente de uma das mãos da esbelta camponêsa, soltou um assobio de um modo particular, sem dúvida um sinal de chamamento, a que acudiu rapidamente um soldado dos que, a distância, guarneciam o cêrco.

Era o camarada do capitão, rapaz espadaúdo, rôsto gordanchudo e bonacheirão, onde se espelhavam a lealdade e a dedicação.

—Prompto, meu capitão!—disse o militar num francês de Marselha, mal soante e pouco escorreito, perfilando-se, e fazendo a continência.

—Traze-me aqui o língua e já—ordenou-lhe o capitão.

—Já nós lá vamos! Andou depressa!—monologou o soldado comsigo, sorrindo maliciosamente, ao dar meia volta, com a máxima rapidêz.

Ao vêr os dois soldados, que não se demoraram em aparecêr, a rapariga voltou a assustar-se, e lembrou-se de tentar nova fuga.

Ao encontrar porèm os olhos tranquilisadôres de Juvat, e sentindo nas suas a pressão das mãos do mancèbo, que lh'as levara á altura do peito, onde significativamente lh'as comprimiu, resolveu-se a esperar a sua sentença.

O língua, habilitado pelas rápidas e concludentes instruções do oficial, acercou-se da prisioneira, e afirmou-lhe que ninguem lhe faria mal; ao contrário disso, aquêle gentil mancèbo prometia guardar-lhe um afectuôso respeito, como se ela fôra sua irmã.

—Então, se assim é, deixem-me voltar pâra casa, onde meus paes estão talvèz bastante aflictos. Sim... então... deixem-me ir.

—Eso non—algaraviava o língua—esto senhore es una grrande persona, e star mui gostosa de minina. Vae fica muita feliz, minina. Il est... si... querro dizerrê star paxonada. Va levarre minina.

—Que? que?

—Digo elo va levarre minina.

—Levar-me? e pâra onde? Levar-me!

—Parra sua casa delo.

Juvat, calculando o que o língua estava a dizêr, fazia com a cabêça largos acionados de aprovação, e, apesar da sua situação pouco disciplinadóra diante de subalternos, lançava ternissimos olhares á sua gentilíssima cativa.

—Mâs isto não é bem feito, vá que não é—clamava ela.—Eu não quero ir; deixem-me, deixem-me, e vão-se.

O língua retorquiu-lhe que, por vontade ou sem ela, teria que acompanhal-os, e, mentindo desfaçadamente,

asseverava que aquêle senhôr era um verdadeiro príncipe encantado, e que ela ia sêr uma princêza, possuidôra de grande nomeada, servida por um cento de criados em palácio de pórfiro e oiro.

Rita, que assim se chamava a rapariga, sentiu que a vista se lhe turvava, ao ouvir aquilo e ao lembrar-se que nos serões da sua aldeia fôra acalentada por histórias de moiras e príncipes encantados, e que sempre as ouvira repetir, aquelas encantadôras histórias, onde príncipes e reis chegavam por vèzes a casar com simples pastôras.

Não havia inverosimilhança no que lhe estava acontecendo.

Porque não seria aquèle formôso rapaz uma grande e misteriosa personagem, um poderôso senhôr, que surgira de alguma das cavernas insondaveis dos vizinhos fraguêdos do rio Alva, porque a vira, e a reconhecôra como a própria pessôa, que lhe havia de quebrar o encanto?

Por Deus ou por arte magica tudo poderia sêr; lá isso podia.

Ir-se d'ali porèm sem tèr a certêza do que lhe aconteceria, entregar a sua reputação ao pasto das más línguas, deixar-se levar sem vêr seus paes e irmã, a irmã mais nova, que ela ajudara a crear, e a quem tanto queria — isso seria um crime, uma grande culpa, um desvergonhamento.

E, dando um violento empuxão, conseguiu libertar-se, transpôr a cancela, e fugir em direção ao povoado.

Nisto, ouviu-se, no acampamento, formado ao longe

sôb a ramada dos grandes carvalhos, o toque de reunir.

—Agarrem-na, e tragam-m'a—gritou o capitão—mas com o respeito devido a uma dama, que está sôb a minha proteção .Percebêram?

—Sim, meu capitão.

—Ai daquêle, que, sem necessidade, lhe tocar num só dos seus cabêlos!

E, correndo para um grupo, que formavam um alferes e dois sargentos, indagou apressadamente, sem bôa consciência do que praticavam, se a aguada se fizera, e se a aldeia fornecêra alguns víveres.

Ao obtêr bôas e afirmativas declarações, mandou ao alferes que desfizesse o cêrco, e voltasse com a gente para o acampamento, onde ia realizar-se o almôço.

E feito isto em menos tempo que o preciso para se contar, o capitão Juvat retrogradou ofegante, e viu, com grande aprazimento seu, que os dois soldados lhe traziam Rita, mâs desta vèz, como verificou mais de perto, sem dar acôrdo de si... desmaiada.

—Que é isto, Martinau?—gritou èle, alvoroçado, de punhos cerrados, crescendo pâra o grupo.

—Desmaiou, meu capitão—respondeu o camarada, rubicundo, comprometido, mâs com tôda a firmèza.—Desmaiou... não é nada; mal que lhe tocámos... ficou desmaiada.

Os dòis homens haviam dado as mãos, fazendo cadeira dos braços direitos e recòsto dos esquèrdos; e dêste modo conduziam a desmaiada.

A situação era deveras embaraçosa.

Desfeito o cêrco, a gente da povoação começaria a afoutar-se, e a enxamear pelos arredores, podendo surprehendêr aquela scena, que daria origem a graves consequências.

Terminado o almôço, as tropas seguiriam o seu caminho, e Juvat teria que partir com elas inevitavelmente.

Partir! E aquela mulher?... mulher não, que ela, sób a sua rústica aparência era a viva imagem de uma divindade. Sim... e ela?

Deixai-a... e partir... era impossivel, a menos que lhe não tirassem a vida; leval-a comsigo e contra vontade... á fôrça... tornava-se quase impraticavel.

E Juvat, levando as mãos á cabêça freneticamente, ficou-se por momentos a reflectir.

A indecisão foi passageira.

Olhando pára o meio declive da ladeira, que descia do lugar do acampamento, apontando para um tufo de carvalhiços rasteiros, que poderiam oferecêr facil esconderijo, disse, virando-se para o grupo:

—Levem-na para acolá, seguindo a meio da ladeira, por baixo daquela parêde divisória, de modo que não possam sêr vistos pela nossa gente; escondam-se, escondam-na, e esperem-me.

—Mâs... meu capitão... se dá licença...

—Dize.

—Assim... sem sentidos!

—Pois que se ha-de fazêr? Não tenho cabêça para deliberar. Que queres tu? Vamos... levem-na... despachem-se!

E deitou a corrêr para o acampamento, onde a sua falta começava a sêr notada.

Chegado ahi, dirigiu-se ao comandante, pediu dispensa do almôço e permissão para uma ausência de meia hora, quando muito.

—Bravo, capitão! Temos campanha nos arraiaes femininos?—chasqueou o comandante, rindo.—Cautela, homem. Olhe que as mulheres do sítio devem sêr bravias como bêstas-feras.

—Nada do que supõe, general. Um pagamento de víveres a ultimar é que...

—Bom! bom! Está servido.

—Muito obrigado, comandante.

E Juvat, dirigindo-se a uma das mulas bagageiras, remexeu num volume, que lhe pertencia, fêz um embrulho de objetos, que tirou, e foi-se em direção ao povoado, para desnortear a curiosidade do general.

Em poucos minutos, ajoelhava aos pés de Rita, que, pelos cuidados de Martinau, voltara a si, com grande regosijo dêste, que tivera a lembrança de lhe banhar a testa e as fontes, ligeiramente, com agua límpida de um regato próximo.

Emquanto o camarada do capitão se devotava a êste profícuo serviço, o língua, amparando a desmaiada, mirava-a, e remirava-a, resmoneando:

—Uma dama... isto! Hum! Só se anda a viajar incógnita, como me dizem que grandes senhôras costumam fazêr. Sapatos grossos de coiro branco, meias grossas de lã de ovêlha, sáia de chita azulada, corpête de saragôça prêta, avental de tear rústico, muito rajado de

tintas de côres, arrecadas abertas... nas orelhas... Hum!... Uma dama isto! Que dizes tu, ó Martinau?

—Eu digo que não sejas abelhudo, se tens amôr ao espinhaço.

—Sim, mâs cá um homem...

—Vê, e cala-se. Ora esta! Porque não ha-de sêr uma dama *incólita*, ou que diabo é? Olha-me p'ra essa cara.

—Com seiscentos... arcabuzes. . lá bonita... isso... é-o a valêr.

—Parece uma *umage*.

—Tem bem bom ôlho o capitão. Olha, Martinau... Lá volta a si!...

—Onde estou eu?—balbuciou a rapariga, passando as mãos pela testa.

—Longe, muito longe da sua terra, mas protegida por aquêle grande senhòr, que lhe quere muito, que a vae tornar rainha—fêz-lhe comprehendêr no seu português bárbaro o língua, que a amparava.

—Ai, meu Deus! meu Deus!—suspirou ela.

E os seus olhares circumvagavam em tòdas as direções.

—E' mentira! Não estou longe; bem conhêço o sítio, que é o Carrascal... Ora se conhêço!. .

—Pois seja como fôr. O que sei é que vae sêr muito feliz. Tomaram tòdas as mòças da sua terra a têr sorte egual. Que inveja, com que elas veriam a sua ventura, minha menina. Se presenciasse como o capitão chorou há bocado! ..

—Êle é capitão?

—Capitão... e e... muito mais.

—E chorou?

—Lá isso chorou, quando a viu desmaiada. O meu companheiro que diga... E olhe que até, de aflicto, dava cada murro na cabêça!

Martinau estava pasmado da lábia e do chorrilho de mentiras, arquitetadas pelo camarada.

Nisto chegava o capitão.

Desta vêz, Rita, vendo aquêle galhardo mancêbo de joêlhos na terra dura, ofegante de comoção e carinho, a pedir-lhe, por intermédio do lingua, que acreditasse na sua sinceridade, e que se deixasse levar, porque êle já não podia passar sem a sua companhia, cravou nêle os seus formosíssimos olhos nêgros, fatidicamente debruados de pestanas espessas e sedosas, e ficou-se sem dizêr palavra, a torcêr entre os dêdos a ponta do avental, que momentos depois começou a derriçar.

Óptimo síntoma êste em raparigas do campo! belo sinal de acquiescência ou de benévola esperança... o derriçamento do avental ou da ponta do lenço... ação tanto de vêr, entre o pudôr e o acanhamento, em pessôas ingénuas, ainda não corrompidas pelos atritos da civilisação!

—E não me fazem mal?—perguntou Rita, com a maior simplicidade dos seus 18 annos incompletos.

—Mal? O' menina... mal? Se o sr. capitão lhe quere mais que á vida... como é que...

—Mâs... vocemecês são francêzes.

—Lá isso que tem? Então não nos parecemos com os portuguêses? Têmos cara e côrpo diferentes?

—Sim... êle é verdade que... Lá parecerem-se... isso parecem...

—Veja... olhe para o sr. capitão, que está doido pela menina... Veja.. até os olhos se lhe riem!

—Mâs... eu não o entendo.

—Brevemente o entenderá, deixe estar. Lá por isso...

—E para onde me levam?

Não era preciso mais. Esta pergunta denunciava que a partida estava ganha.

—Vae ao povoado—acudiu imediatamente o capitão ao língua, vendo que o tempo era preciôso—toma lá dinheiro, e compra-me uma alimária qualquer, que possa conduzir a Coimbra esta menina, que há-de partir, por caminho diverso, antes de nós.

—E quem há-de acompanhal-a?

—Tu e o Martinau.

—Mâs, capitão, eu não sei o caminho, e, como língua, não poderei separar-me das tropas.

—Tens razão; não me lembrava. E agora? sim porque...

E quedou-se, a pensar na dificuldade.

—Uma ideia, meu capitão—falou Martinau—se dá licença.

—Qual é? Dize... depressa.

—Êsse pedreiro português, que nos segue, pode acompanhar-me...

—Lembras bem. Vae-te—ordenou Juvat novamente ao guia—traze-me uma cavalgadura, um macho, um burro, seja o que fôr, mâs recomendo que ninguem te siga, porque... porque... Dirás o que quiseres, com

tanto que se respeite esta ordem, porque se dão com a rapariga...

—Entendo, entendo, meu capitão.

E o guia retrocedeu, a correr.

—Agora, Martinau: aqui tens êste embrulho, onde está um fato á paisana, vae para traz daquêle matagal, e troca-o pela farda.

O fiel camarada correu a mudar de roupa, e o ditôso oficial, falando por acionados, conseguiu descortinar um sorriso nos lábios carminados de Rita, cuja mão direita levou respeitosamente aos lábios, como se o fizera a uma joven distinta, no palácio senhorial dos seus antepassados.

A camponêsa acabou de capacitar-se de que estava destinada para desencantar aquela personagem, um grão-senhôr, que por sinal fazia coisas diferentes de tôdos os homens.

Ela, afóra a paes e padrinhos, nunca vira beijar a mão de ninguem, a não sêr a dos santos.

Ora o mancêbo francês, pondo muitas vêzes a mão no peito, como ela tambem nunca vira fazêr a outro homem, ajoelhando-se-lhe aos pés, e beijando-lhe as mãos, obedecia com certêza a fadário, porque a tomava por uma santa, quando não passava de uma pobre rapariga de aldeia.

O quebramento do encanto estava perto.

Provavelmente tôdas as coisas, que o rapaz fazia, eram as últimas experiências para lhe conquistar o agrado, e.... desencantar-se.

E, conquistado êste agrado, quebrado estava o encantamento.

Que aconteceria depois?

Apesar de muito envergonhada, entrou a sorrir-se ao de leve, entre alegre e pezarosa, e sentiu que aquela figura lhe atraía o pensar e o gôsto, mau grado seu.

E não seria ela, por seu turno, uma princêsa encantada, e aquêle rei tão môço e galhardo não teria vindo de longes terras, por arte mágica a buscal-a?

Assediavam-na êstes pensamentos, quando o pedreiro, chamado por Martinau, se acercava do lugar, e o guia se fazia acompanhar de um forte jumento, aparelhado com grosseira mâs cómoda albarda.

A terra, em alimárias, só produzia jumentos, a bôrra das bêstas, como lhe chamava Martinau.

Interrogado o pedreiro, respondeu que conhecia caminhos e atalhos, e que chegaria a Coimbra muito antes das tropas; e, fiado na bôa espórtula e na necessidade, que tinha, de se afastar de Pombeiro, onde cometêra uma traição abominavel, cujo saldo de contas lhe não seria favoravel, ofereceu tôda a sua pessôa e habilitações, e prometeu largos e ponderosos serviços.

—Toma cuidado com êste patife, Martinau. Cesteiro que faz um cêsto...

—Descance, meu capitão.

—Aqui tens um bom par de pistolas. A' primeira falta de respeito para com esta dama, ou ao primeiro sinal de deserção ou de má companhia, quebra-lhe uma perna, ou tira-lhe os miolos, se tanto fôr preciso. E depois... Quem tem bôca vae a Roma...

—E tôdos os caminhos lá vão dar, capitão, segundo tenho ouvido dizêr; màs .. mâs... nèste país, quando falo... a minha bôca é como se não existisse... Com certèza não me levava a Coimbra e muito menos a Roma.

Juvat sorriu-se da espirituosa e acertada observação do camarada, e lembrou-se com orgulho da graça gaulèza, uma graça especial, atribuida ao seu país.

O indivíduo, que nao entende uma linguagem, e não pode fazêr comprehendèr a sua, tem com efeito na bôca um orgão completamente inutil.

O Martinau tinha razão.

O lingua explicou a Rita que já indicara o seu nome, a necessidade, que havia, de partir imediatamente, em direção a Coimbra, aonde se lhe iria reunir o capitão Juvat.

—E levam-me para muito longe... para o país dos francèses? Olhe que eu não quero ir para lá.

E Rita, ao dizêr isto, gesticulava muito, e fitava interrogativamente o oficial francès, que perguntou a razão de tudo aquilo, e mandou respondèr que, de uma vêz para sempre, Rita podia confiar na sua lealdade e subido afecto; e que nada temèsse, porque o soldado Martinau era o seu camarada, homem corajôso, que a defenderia de tôdo e qualquer perigo.

E virando-se para o camarada:

—Martinau, a tua vida responde-me por esta mulher, a quem dedicarás tôdas as atenções, que me são devidas. Toma dinheiro. Chegados a Coimbra, instala-te numa bôa hospedaria da terra, e espera-me.

E, dando as últimas ordens, colocou Rita, por suas próprias mãos, sôbre o tôsco aparêlho do jumento.

Quando delicadamente lhe compunha as dobras da sáia, sentiu que algumas lágrimas ardentes lhe caíam nas mãos.

Era o tributo de despedida, consagrado pela camponêsa ás terras do seu nascimento; era a oblação daquela alma singela, lançada nas aras sacrosantas da pátria.

Que futuro seria o seu? que sorte lhe prepararia o destino?

As poéticas romarias á lombada das serras, onde alvejavam as capelas de santa Eufemia, santa Quitéria e Senhôra do Monte Alto, as dansas de roda nas assentadas campestres, os bailaricos no adro da igreja de S. Martinho da Cortiça, os serões em rancho de rapazes e raparigas alegres, nas noites de poético luar, as descamisadas, os descantes, rosmaninho odorífero, estevaes floridos, papoilas, alecrins e craveiros do seu quintal — tudo lhe lembrara de repente, ao mandar á família o melhor dos seus pensamentos.

Aquêle mancêbo aloirado, aquêle homem tão extraordinário, que, outra vêz, por despedida, lhe estava novamente a beijar as mãos, cortou-lhe o fio emaranhado dos tumultuosos pensamentos, e enraizou-lhe ainda mais a fantástica convicção de que a sua sorte estava ligada a um encantamento qualquer.

E decidiu-se afinal a seguir o seu destino; foi a primeira a incitar o jumento, para que êle caminhasse, e lá partiu escoltada pelo pedreiro, cuja companhia muito lhe agradou na sua dupla qualidade de patrício e intér-

prete, com quem poderia conversar, e por Martinau, delegado fiel das ordens do seu príncipe encantado.

Oh! santa ingenuidade... a da gente puramente campesina!

Mal haja a chamada civilisação, que tão bôas almas malsina e perverte!

Quando Rita se virou a distância para Juvat, que só ficou tranquilo, quando a viu desaparecêr na sombra dos pinheiraes, notou que êste lhe mandava um beijo na ponta dos dêdos e correspondeu-lhe, acenando-lhe com a mão, um tanto desageitada màs significativamente.

Dahi a instantes, o môço capitão entrava no acampamento, a tomar uma ligeira refeição e o seu lugar, já quando as tropas se preparavam para a nova marcha.

V

A gente de Sahll, levemente prejudicada nos têres pela passagem da hoste francêsa, sentiu-se aliviada com a partida dessa soldadêsca, que ela, com razão, pressupunha nefasta; e, respirando largamente de um grande susto, começou a dar balanço ás consequências do extraordinário acontecimento.

A família de Rita inquietou-se um tanto pela ausência da rapariga, que era tida por corajosa, màs supôz fundadamente que ela estaria escondida, como outras pessôas, em sítio retirado, e só pela nôite dentro é que sofreu um triste desengano, e desesperou da sua volta.

Pôs-se em alvorôço a povoação, e mêsmo áquela hora saíu gente a esquadrinhar os arredores, sem nenhum resultado.

No dia seguinte, tôdas as pesquizas fôram egualmente infrutíferas.

A imaginação inventiva e crédula dos coscuvilheiros começou a crear uma lenda trágica, uma partilha da honra e côrpo da formosa aldeã entre os canibaes francèses, que a tinham esquartejado por fim, atirando para as arestas do lagêdo anfractuôso e juxta-fluvial os pedaços sangrentos da malfadada, cuja alma penada já fôra ouvida, por horas mortas, em pios dolorosos, ao pôr-se o sete-estrêlo.

—Cruzes! anjo bento!—murmurava a maior beata da terra, uma vizinha, parêdes meias com a casa de Rita, revolvendo entre os dôdos sêcos e enrugados as pesadas ave-marias das suas camândulas, muito encebadas do repetido contacto das suas bentas e sujas mãos. Cruzes! sume-te p'ro inferno, pôrco sujo! t'arrenego, diabo! Por isso o *mê Zé* teimava *honte* em dizêr que á meia noite *oivira* em riba do telhado dos vizinhos uma coruja. Ora vejam, vocemecês! Aquilo *antão*.. Cruzes, Barzabú... aquilo era o *sprito* da cachopa.

—E não va'sem resposta, tia *Getrudes*, que o meu *home*, ao saltar o marachão da ínsua grande, *oiviu* uma zurrada nos medronheiros da costa, que pareciam o demo sôito. Era ao alpardecêr. *Despôis* alevantou-se um *belborinho* nêgro em riba das areias do rio, como se fôra uma fumaceira... uma fumaceira muito grande, donde a modos que saíam uns ais ternos, que cortavam o coração.

—Santíssimo nome de Jesus!—acudiu logo, muito encolhido a gosar uma réstea de sol, um velhito reumático, que nos seus tempos áureos exercêra o gloriôso mister de sacristão, e agora vivia da caridade e das conversas do soalheiro.—Por isso os lôbos, a noite passada, faziam no alto da serra uma cainçada de seiscentos diabos. Êles uivavam, êles mordiam, mastigavam ossos, um inferno, segundo ouvi contar. O que parece é que andavam a espatifar os restos da carne da pobre Rita.

—Pois rezemos-lhe um padre-nosso por alma—tornou a velha Gertrudes.—E que o Redentôr nos livre do pecado.

—E das almas do diabo dos francêses, má raios os partam!

—Pois olhem que Rita, espelhada como era, e estimadita, como os paes a traziam, foi bem mal empregada.

—Lá isso foi. Escorreita até li!

—E bonita, ó Zé.

—Tão cêdo não torna cá outra da láia dela.

—E não vá sem resposta, ó senhôra comadre,—tornou a mulher das camândulas—Olhem que até o piar da coruja, que andou nos telhados dos meus vizinhos, parecia mêsmo a fala da Rita... assim fininha... fininha...

E a êstes alviçareiros da tenebrosa lenda juntaram-se outros, egualmente verdadeiros, e chegou-se no fim de algum tempo ao convencimento absoluto de que a rapariga fôra efectivamente víctima de um misteriôso desastre, que lhe fazia andar a alma errante por pinheiraes e fragas.

Houve até por último quem afirmasse que a desventurada, por sêr bonita e gordinha, fòra assada numas grêlhas, debaixo dos carvalhaes, e comida pelos francêses, á hora do almôço.

E como alguem reflexionasse que ao menos os ossos haviam de ficar, foi-lhe respondido que os restos, não mastigaveis, eram os taes, que o sacristão sentira trincar aos lôbos no alto da serra.

E ficou-se nisto.

E os paes da môça não estalaram de dôr, nem prolongaram muito o seu grande pezar, porque as dòres moraes da pluralidade da gente rústica, ao que temos notado, entram muito já pela civilisação dentro... são de pouca dura.

*

* *

Uns oito dias depois da chegada dos francêses a Coimbra, onde a academia os recebeu com as desconfianças, que mais tarde se haviam de convertêr em hostilidades, dois cavaleiros, uma dama e um mancèbo de fino porte, tendo suportado as nortadas frigidíssimas do caliginôso novembro de então, e atràvessado pelas vizinhanças do Fundão e Penamacôr—seguiam em linha recta para a fronteira, entravam na província espanhola de Cáceres, e apeavam-se diante da vetusta fachada de um convento de Hoios, ao fim de uma tarde benigna e sêca.

O arrieiro, dono das possantes alimárias alugadas e o criado do cavaleiro, que se apeara, tomaram conta delas, segurando-as de rédea; e êste, seguido da companheira,

foi á gradaria do convento, e ficou-se á espera da resposta, que a porteira lhe havia de trazêr da madre priorêza, a quem mandara recado.

Dahi a pouco, o pesado portão abria um dos seus grandes batentes; e os dois viajantes eram introduzidos, passado o vestíbulo, num parlatório, para onde deitavam portas e janelas interiôres, guarnecidas de espessa e forte gradaria de ferro.

A dama, que era formosíssima, ao sentar-se no escabêlo, que o mancêbo lhe indicara, parecia fatigada e muito constrangida entre as magníficas roupas, que a cingiam.

Depois de sentada, ergueu os olhos húmidos, onde se lia uma grande comoção, para o mancêbo, e sorriu com meiguice, ao descalçar a luva da mão direita, que êle lhe acariciou, apertando-a dôcemente entre as suas.

Quase ao mêsmo tempo, abria-se uma janela fronteira, chamada do parlatório, e a ela assomava a figura seráfica de uma freira apessoada, que, pelo aspecto sanguíneo e polpôso, não parecia demasiado provada em jejuns e cilícios.

O mancêbo tomou graciosamente a dama pela mão, e acercou-se com respeito da veneranda matrona, a quem beijou a que ela lhe estendia através da grade; no que foi imitado pela companheira, que ruborizada e comprometida apresentou mostras de um extraordinário acanhamento.

Em óptimo francês começou o mancêbo:

—Aqui me tem, minha querida tia. Venho acobertar-me com a proteção, que se dignou prometêr-me na sua última carta.

—E não será isto uma loucura, meu sobrinho? uma grande loucura?

E, ao dizêr isto, a creatura seráfica da freira desapareceu para dar logar á figura erecta de uma fidalga de sangue e maneiras.

—Não é, minha tia: sinto-o bem no coração.

—O coração é bastas vêzes mau conselheiro, e, mais do que isso, propulsôr de grandes desgraças.

E a superiôra do convento de Hoios refreou a custo um forte suspiro, que ia talvêz denunciar-lhe a prova do que dizia.

—Vossa reverência, tia, bem sabe quanto eu lhe respeito e acato as opiniões e consêlhos, e não desconhece o afecto filial, com que a prézo; por isso me há-de permitir que eu lhe fale francamente.

—Sim, sim, meu sobrinho: fala... fala...

—Esta mulher é um anjo, como vê...

—Não profanes êsse nome. Essa mulher... é... é uma mulher sem nome, meu sobrinho...

—Embora. Deslumbrou-me...

—E uma estranjeira.

—O amôr não tem pátria, e eu amo-a, ou antes adoro-a, que é mais ainda...

—Adoração terrena, pecaminosa...

—O' minha tia!

—Uma mulher, que consente em acompanhar-te sózinha...

—E que eu respeitei, e venho entregar-lhe, como se fôra irmã das minhas irmãs. Creia-me.

—Creio-te, e ainda bem. Nessa parte, não podias dei-

xar de sêr o digno sucessôr da nossa raça de cavalheiros. Aplaudo-te, e fio-me de ti.

—Póde fiar-se, minha querida tia, que lh'o afirmo, ou juro...

—Não precisas jurar... A nossa Bretanha, de que ainda se me não apagaram as saüdades, apesar de eu têr morrido para o mundo, é terna em tôdos os procedimentos de bôa fidalguia. Mâs... afinal tu que queres de mim, sobrinho?

—Que recôlha na sua companhia e no seu afecto, doutrinando-a, preparando-a, a futura mulher de seu sobrinho.

—Tua mulher?

—Que mais, tia? Perante Deus o juro.

E á maneira dos antigos cavaleiros, o brioso rapaz ergueu os olhos ao céu, estendeu a mão com solenidade, e só não beijou a cruz da sua espada porque a não trazia comsigo.

A abadêssa, embora um tanto ferida nos seus sentimentos de puríssima aristocracia, não deixou de admirar a firmêza do sobrinho, e advertiu:

—Continua; pódes continuar.

—Recolhida esta menina á sua companhia e ao seu afecto, como já pedi, a minha bôa tia lhe servirá de instructôra e de mãe, fornecendo-lhe e mandando-lhe fornecêr a educação própria de minha futura espôsa.

—E sabes tu o que me pedes?

—Sei, senhôra; sei-o muito bem. Conhêço que a incumbência é trabalhosa e cheia de responsabilidades, que

eu só solicitaria de minha mãe... ou de minha tia, que eu olho como tal. Pelos dispêndios respondo eu...

— Ninguem te fala em dispêndios, mercê de Deus. Poderá porêm esta rapariga, tão de repente, suportar uma semelhante mudança de vida?

— Pode; afirmo-lh'o eu. E' uma criança ainda, não tem hábitos feitos, e possue, ao que tenho percebido, uma grande bondade nativa e uma inteligência de primeira grandêza...

— Olhos de namorado, meu sobrinho.

— E raciocínios, que não hão de falhar, minha tia. Esta rapariga vale um tesoiro. Imagine que numa convivência de alguns dias incompletos, já aprendeu numerosas frases da nossa língua, fazendo-me percebêr e adotar algumas palavras da sua.

— E dize-me, Adôlfo, que ainda m'o não disseste, e é o principal: Que sentimento te vota esta rapariga, e que afectos te dedicará ela de futuro? Parece-me contrariada; o que não é de admirar, se a sua conquista foi violenta, como me está parecendo. Não vês como ela chora?

De facto, Rita, que era ela, como o leitôr já conheceu, pelo decorrêr da narrativa e ao lembrar-se de que já lhe dissémos que uma tia do capitão Juvat vivia em Espanha, como superiôra de um convento — Rita, conhecendo instinctivamente que se discutia a sua sorte, não levantara os olhos do parapeito da janela, e, mau grado seu, não pôde suster as lágrimas, que irrompiam cálidas e abundantes.

— Pobre anjo! — respondeu Juvat — Estas lágrimas são uma prova excelente dos seus sentimentos de bondade.

Arrancada, de repente, ao seio da família, exhitante sôbre a sorte, que a espera, fatigada de viagens forçadas, teria já sucumbido, se eu lhe não inspirasse confiança, ou pelo menos desesperado e insandecido. Os seus olhos porêm, os seus sorrisos inimitaveis, as claras provas do seu agrado, apesar da falta das provas faladas, dizem-me claramente que sou amado, e que um dia, se Deus me conservar a vida, virei a sêr um homem verdadeiramente feliz.

—Deus te oiça, sobrinho—ajuntou a abadêssa, descendo muito das suas desconfianças e demonstrações de aitivêz, e dirigindo a Rita algumas palavras tranquilizadòras, em espanhol, muito pausadamente, pâra que ela as percebêsse, com a maior doçura e com ar de suprema agradabilidade.

A rapariga encarou então de frente aquela mulher, que lhe tinha parecido de uma grande severidade, sorriu-se ainda por entre lágrimas, recebeu, em troca, novas palavras animadôras, que muito bem fizeram ao seu espírito duvidôso.

—Muito obrigado, minha querida tia—agradeceu Juvat, beijando-lhe as mãos.—Vou partir tranquilo, como se a minha noiva ficasse em terras da pátria.

—E que mais tens que dizêr-me, sobrinho?

—Que me mande notícias suas e dela, e que dê licença a Rita para que m'as dê, quando poder e souber fazêl-o.

—Está bem.

A abadêssa, retirando se da janela, indicou ao sobri-

nho a porta lateral, que se lhe seguia, e, desferrolhando-a, abriu-a de repente, e apareceu no limiar.

—E agora despede-te, e já.

O moço capitão tornou a beijar as mãos da tia, com enternecida gratidão, e, com fidalga reverência, abeirou-se de Rita, e, apoderando-se das dela, osculou-lh'as ardentemente, ao dizêr-lhe simplesmente:

—*Au revoir, mon enfant.*

Rita não pôde pronunciar uma palavra, e fôi cair de joêlhos diante da freira, em posição humilde, num dolorôso arranco de soluços, que o mancêbo recebeu no mais fundo da sua alma apaixonada.

A tia ordenou-lhe por um brusco sinal que se retirasse imediatamente; o que êle fêz logo, não sem se voltar duas vêzes para o magnífico grupo da freira, a apontar-lhe decisivamente para a saída, e de Rita, ajoelhada, a soluçar fortemente, aos pés da religiosa.

Quando se voltava pela terceira vèz, nada mais viu do que a porta deserta e aferrolhada.

Dahi a instantes, cavalgava para a fronteira, seguido pelo seu fiel camarada Martinau; e, em poucos dias, reunia-se em Coimbra ao seu regimento, cujo comandante lhe dera uma licença de quinze dias, a título de grave negócio de família.

VI

São por demais conhecidas as pretenções de poderio, com que Junot se julgou habilitado a governar os portuguêses, que de facto lhe haviam de merecêr fraquíssimo conceito, pelo seu desconjuntado procedêr e pelo enfraquecimento, em que desgraçadamente os deixára a cobardíssima fuga do chefe do Estado, e os entretinha a amolecida regência, sua digna representante.

Por sêrem tão conhecidos portanto tôdos êsses factos, não nos demoraremos a relatal-os, ao tratar simplesmente de um episódio romantico-histórico dessa calamitosa época, convem sabêl-o, verdadeiro nas suas linhas geraes tanto românticas como históricas.

O pôvo começava a vêr claro nas intenções do general estranjeiro, mâs ainda zombava um pouco do assunto, cantando nas romarias:

O *Jinó* mail-o o *Manéta*
andam em Famalicão
ao rebusco do centeio,
que na França não há pão.

O *Jinó* diz que é bravio . . .
bravio sou eu tambem;
lá bravio por bravio
mais bravio é o meu bem.

O fementido general, que se alojara principêscamente em Lisbôa, no palácio do barão de Quintela, á rua do

Alecrim, depois de têr recusado o palácio da Bemposta, que a regência, sua serva obediente, lhe oferecêra, ao pretendêr sufocar os movimentos de manifesta rebelião contra o despotismo intempestivo da sua autoridade, espalhou tropas em toda a parte, aonde pôde mandal-as, no Algarve, no Alemtejo, na Beira, na Extremadura e noutros sítios, onde se cometiam depredações e atrocidades.

Os executôres e mandatários nefandos dessas selvagerias eram Margeron, Keilerman e Loison, a cujas ordens manobravam as diversas fações invasôras.

A academia secundava brilhantemente o movimento revolucionário; e o pôvo cantava já dêste feitio:

O *Jinó* cá nesta terra...
deixem-no dizêr que a leva;
deixem-no tratar do pôrco...
hemos de vêr quem o ceva.

Ai, lé! meu bem! não me fujas,
não me deixes aqui só;
vamos dár cabo do côrpo
e mais da alma do *Jinó*.

As batalhas da Roliça, a 17 de agôsto de 1808, e a do Vimieiro, a 21 do mêsmo mês, comandando Laborde as tropas francêsas e Wellesley, duque de Wellington, o exercito anglo-luso, fôram o golpe fatal para os intrusos da primeira invasão; os quaes deveriam sêr expulsos do país, sôb o vilipêndio de uma derrota vergonhosa e sôb o estigma de despreziveis salteadôres e aventureiros.

A convenção de Cintra, de 30 do sobredito mês e ano, deu-lhes porêm vantagens injustificaveis, denunciadôras de uma benevolência e precipitação, dignas da máxima censura.

Concedêr a invasôres cavilosos, ròtos e famintos, sem fôrça nem recursos ou prestigio de nenhuma espécie, as honras militares, deixando-os de mais a mais sair do reino com armas e roubos de tôdo o gênero sacrilego, particular e público, pode sèr um cúmulo de generosidade, mâs não deixa de constituir um èrro gravíssimo de política e administração, que bôa política é.

Junot, o governadôr de Portugal, em nome de Napoleão, devia orgulhar-se de têr conseguido o que nunca poderia esperar, e ainda menos conseguir.

As duas invasões subsequentes fôram o prémio condigno dessa injustíssima generosidade.

Junot riu-se do caso, com certêza.

*

* *

Nos nove mêses decorridos, dêsde a sua entrada, como educanda, no convento de Hoios, Rita fizera progressos admiraveis em artes e lêtras, correspondendo assim brilhantemente aos intuitos dos mestres e sôbretudo aos desejos de Juvat, que já por duas vêzes recebêra meia duzia de linhas em sofrivel francês e em bilhêtes inclusos nas cartas da priorêza.

Rita pedia a Deus pela saüde do capitão, e, sabendo-o em luta com os seus compatriotas, rogava-lhe in-

genuamente que fôsse cautelôso, e que deixasse a guerra, de uma vêz pâra sempre.

A superiôra do convento, ao escrevêr ao sobrinho, apesar de tôda a sua frièza aparente, relatava-lhe com miudèza os diferentes episódios da educação da môça portuguêsa, a cuja indole, sentimentos e aplicação dedicava encómios, que levavam ao coração de Juvat verdadeiro entusiasmo.

Entretanto, ao terminar a campanha, o galhardo capitão, tendo-se batido com denôdo na batalha do Vimieiro, recebia o pôsto de major e uma ferida de certa gravidade, quem sabe? talvêz ao pensar nas últimas e agradaveis informações, que recebêra do convento de Hoios.

A nova patente fôra-lhe dada em formatura, com palavras honrosíssimas pelo general Thiebault, chefe de estado maior.

Quando, na volta de Portugal, onde se portara excelentemente, como homem e como inimigo, descavalgou de nôvo á portaria daquèle edificio religiôso, levava ao peito o braço esquèrdo, atravessado por uma bala.

A superiòra, acompanhada de Rita, não se fèz esperar, ao sabêr que o sobrinho, de passagem pâra a França, vinha matar ardentes saüdades, e despedir-se.

O coração anciôso de Juvat batia apressado, porque a aparição da joven educanda ia dar-lhe uma prova fiel da sua dedicação.

A sua imagem fôra-lhe companheira assídua, tinha-a sempre presente; o talhe, a maneira de falar e sorrir, o modo de andar, as mais insignificantes minudências do

seu rôsto fatídico—tudo se lhe gravara indelevelmente na memória.

Ao aparecimento das duas senhôras, por tanto, Juvat deixou de vêr a tia, pára só atentar e absorvedôramente fitar os olhos na figura encantadôra de Rita.

E foi de excelente agôiro êsse fitar penetrante de olhos verdadeiramente apaixonados.

A rapariga com uma radiante expressão de alegria pintada no semblante, pudicamente velado pelo natural acanhamento, que ainda não perdêra, e lhe dava realce á formosura, apertava trémula a mão do môço oficial, através da grade da janela, já nossa conhecida, e correspondia plenamente ao olhar afectuôso, que se lhe dirigia.

Depois de beijar filialmente as mãos da madre abadêssa, Juvat quedara-se encantado do que via; parecia-lhe até que Rita redobrara de belêza; no que não se enganava, e pára o que concorria a diferença da vida, que ela vivia.

Os olhos brilhavam com mais fôgo, o rôsto purificara-se, adquirindo o branco-róseo das estirpes de bom e puro sangue aristocrático; o busto endireitara-se-lhe, o riso aumentara de doçura; as formas adquiriram perfeita flexibilidade; o tôdo finalmente tomara o ar distinto das educações aprimoradas.

Fôra-se a camponêsa, e ficara a senhôra.

—As suas mãos, minha bôa tia!—disse o rapaz, ao fim do seu rápido exame—Deixe-me beijar-lhe as mãos novamente.

A abadêssa condescendeu, comprehendendo-o, e en-

vaidecendo-se um pouco, digamos assim, pelo que se estava passando.

—Muito obrigado, querida tia! Deixe-me beijar-lhe as mãos de agradecido.

—Seja. Mâs... porque, sobrinho?

—Porque a melhor das mães não conseguiria maiores resultados.

—Rita é muito inteligente.

—Embora. A naturêza pode muito, a índole é consequência da naturêza, mâs uma e outra, em tudo o que se relaciona com o género humano, se modificam, se ampliam e engrandecem pela civilisação e pela arte.

—Eu já renunciei tôdas as vaidades do mundo. Não queiras tu agora envaidecêr-me...

—Ajude-me, Rita: diga-me que minha tia tem sido pâra comsigo uma verdadeira mãe.

—E tem, senhôr capitão.

—E tem, Adôlfo—dirá, se me faz favôr.

—E tem, senhôr...

—Outra vêz?

—Pois bem, Adôlfo. Que quere que eu diga? Que estou muito grata aos benefícios da educação, que tenho recebido? ao bem, de que sou devedôra? Agora que os comprehendo... dêvo...

—Desculpe-me, se a interrompo. Rita não tem que agradecêr absolutamente, porque nada deve, porque de muito mais é merecedôra. E já que os tempos mudaram, e agora que disfruto a ventura de a comprehendêr, e de sêr comprehendido, peço-lhe que não falemos ainda do passado. Um dia virá, e tome bem nota do

que lhe protesto, um dia virá, em que lhe pedirei perdão do passado, e lhe perguntarei qual poderá sêr a minha punição e a nossa sorte no futuro.

—Não entendo bem. Eu por mim...

—Um dia entenderá tudo, minha filha—interrompeu a freira—O meu sobrinho, colocando-a nesta casa e sôb a minha guarda, deu a maior demonstração, que podia dar, do respeito, que lhe consagra e da purèza das suas intenções dêle. A gente da nossa raça, menina...

—Tia, minha tia!—suplicou Juvat, temendo que a abadêssa dissesse coisa, que, ainda de leve, pudesse referir-se á obscura condição da rapariga; no que dava uma excelente prova da sua finura de carácter.

—Sobrinho, eu quero fazêr comprehendèr á minha pupila...

—Que ela não é nossa cativa, e... Muito bem, minha tia.

—E que um dia, depois de completada a sua educação, poderá livremente...

—O' minha senhôra, eu...

—Bem, bem. Um dia falaremos em tudo o que pensou dizêr-me agora.

—O' meu Deus!—exclamou a rapariga, com verdadeiro sobresalto, apontando pâra o peito do oficial—Olhe, minha senhôra... veja... veja...

Juvat conservara-se até ali envolvido numa capa espanhola, com que fingia preservar-se do frio, tendo de fóra apenas o braço direito, com que gesticulava, e fizera os cumprimentos.

Um brusco movimento porêm fêz-lhe descêr a dobra

da capa, deitada elegantemente pâra o hombro esquèrdo, e o respectivo braço ferido apareceu suspenso de uma ligadura prèta, que lhe descia do pescôço.

Daqui o sobresalto de Rita, que acabou de revelar-se abertamente, com grande júbilo do pundonorôso francès, que se sentiu, por tamanha demonstração de afecto, muito animado, a ponto de julgar que a própria ferida o não pungiu naquêle ditôso instante.

Indagada pelas duas senhóras a causa do que viam, o sobresalto afflictivo diminuiu, e a tranquilidade voltou em razão de uma inofensiva mentira, que apenas denunciou um simples trambulhão do cavalo do regimento, e por èsse motivo uma ligeira arranhadura...

—Dê-me as suas ordens, querida tia.

—Já? E até quando?—perguntou Rita com acento de tristêza.

—Ora esta! Já nós lá vamos?—pensou a priorêza, com um certo e inexplicavel ciume.

—Até um dia breve, segundo penso. Bem vê, Rita, que um militar...

—Não pode dispôr de si, quando quere. Dizes bem, sobrinho.

—Que ordens me dá, e que deseja que eu leve, da sua parte, pâra a nossa amada Bretanha, querida tia?

—Que há-de querêr uma monja retirada do mundo, como eu, uma morta, embora morta-viva? Que hei-de mandar, que hei-de querêr? Lembranças.

—Que direi á nossa família?

—Que me lembro de tôdos, mâs que os anos e a

soledade, porque muitas vèzes me julgo solitária no meio da comunidade, me vão fazendo ensandecêr...

—Ora, ora, minha tia...

—Que mais se deve dizêr de uma religiosa da minha categoria, que se mete em aventuras de rapazes, acobertando-lhes os amòres...

—Bem sei, tia, que está a brincar comigo... que não sente o que está a dizêr...

—Se não te conhecèra, sobrinho, agora seriamente t'o afirmo, se não vira em ti as resoluções inabaláveis, que caracterizam a nossa família, eu com certêza me não envolveria nos episódios dos teus amôres... demasiado românticos...

—Que são a minha vida, pode crê-lo, e que um dia...

—Que é isso, minha filha? Temos novamente lágrimas? Ora vamos. Eu tenho estado a divertir-me, e não estabelêço agora censuras. Então?

E a abadêssa atraíra a si a Rita, que se lhe abraçara, comovida pelo que ouvia e pela próxima partida daquèle homem, que lhe produzia uma impressão tão agradável como desconhecida e difícil de descrevêr.

Ainda a um sinal de mão, que valia por um extremo adeus, a prioréza despediu o sobrinho; e êste, embuçando-se de nôvo, desaparecèra rapidamente, internando-se na amplidão do vestíbulo conventual.

E Rita, a formosa, como a apelidavam, dêsde o comêço?

E' natural que entremos no seu fôro íntimo, e que perguntemos pela qualidade presente dos seus senti-

mentos, pela situação moral, em relação ao país, onde nasceu, e á família, que lá deixou.

Rita, em princípio, como levemente indicámos, procedeu mais por instinto e credulidade infantil do que por indicações de uma razão mal educada e ainda medianamente perfeita.

Ao emprêgo da fôrça, com que lutara valentemente, sucedêram as delicadêzas, o carinho, as homenagens e os atraentes productos de uma educação superiôr, coisas desconhecidas, mâs altamente sedutôras pâra quem, como ela, tinha uma inteligência embrionária, prestes a incendiar-se, e a esclarecêl-a.

A sua situação de donzela, os melindres de mulher casta, as minudências do seu pudôr—tudo fôra delicadamente respeitado.

Que homem era pôis aquêle?

Dizia-se que o comum dos homens não era assim. Seria um príncipe? Deveria sêl-o, porque só príncipes tinham procedimentos eguaes, na ingenuidade da sua crença.

Curiosidade, sugestão e a esbeltêz daquela figura de estranjeiro distinto levaram-na a seguil-o, e a não opôr mais resistência, que por cima de tudo seria inutil.

Via-se constrangida no seu livre arbítrio; e, ás vêzes, ao pensar nisso, não sabia explicar por que não lhe pesava muito o cativeiro, em que se via.

O destino podia tudo; e ela entregara-se ao seu destino.

Internada no convento de Hoios, ao recuperar algumas horas de completo socêgo, virava tôdas as suas

lembranças pâra o passado, e tinha realmente saüdades dos paes e da irmã, da sua terra e das margens e penhascos do rio Alva.

Quando as saüdades eram mais pungentes, porèm, desenhava-se-lhe á vista o cavalheirôso e belo môço francês, muito bem pôsto na sua garrida farda, e sentia outras saüdades de uma nova e diversa naturêza a misturarem-se com as antigas...

Depôis... tocava a sinêta, e ia reunir-se a outras raparigas, filhas de grandes personagens, educandas ou noviças, de cujas maneiras e convivência muito gostava. Vinha o estudo, vinham as benévolas advertências, as sábias lições da priorêza, e lá desaparecia fatalmente a prespectiva da aldeia, e lá se desvaneciam as imagens dos parentes e dos amigos.

Que diferença que Rita achava em si, decorridos alguns mêses, da ocasião, em que lhe fizeram despir em Coimbra os seus trajos de camponêsa, pâra lh'os substituirem por fatos senhoris, de que tão mal sabia servir-se!

Verdade era que a sua família não pertencia ás ínfimas do lugar, e que a sua mantença e situação campesina se distinguiam um tanto entre as mais bem aquinhoadas; mâs diferenças enormes achava ela em tudo o que o ensino e a educação lhe iam fornecendo ao seu côrpo e ao seu espírito.

Quando seria ela uma senhôra, como as que via a seu lado?

E muito ao contrário da gente rústica, que se obstina, as mais das vêzes, nos seus hábitos de bêsta-fera, que se insubordina ao contacto da civilisação, absorvia-se

tôda na assimilação do que via ou lhe ensinavam, e aprimorava-se, e instruia-se, com uma rapidèz quase miraculosa, que lhe conquistou logo a estima das companheiras, a admiração e afecto da priorêza.

A formosura tem uma poderosa influência; e Rita, a lindíssima portuguêsa, sem o querêr, nem o pensar, insinuara-se por ela na afeição da superiôra do convento de Huios, a severa freira, que a olhava já sem preconceitos de raça, e achava na sua extraordinária belêza o salvo-conducto para a extravagância do sobrinho.

Tal era o presente em relação com o passado.

Passou-se um ano. Estava-se em 1809.

As tropas francêsas, que permaneciam em Espanha, ás ordens do general Soult, duque da Dalmácia, invadiam novamente Portugal, passando a fronteira na provincia de Traz os Montes, e entrando no Pôrto, a 29 de março.

Novamente repelidas pelas armas aliadas, dura mâs excelentemente disciplinadas por Beresford e ás ordens dêste e de Wellesley, que acabara de chegar, nomeado pela Inglaterra general chefe do exército de Portugal, dois mêses depois, os francêses eram expulsos pâra alem da fronteira, com sensivel deslustre pára as hostes mal unidas de Napoleão.

A hecatombe, que recorda o terrivel sucesso da ponte fronteira a Villa Nova de Gáia, ponte feita de barcaças, que, pelos alçapões abertos, precipitaram no rio milhares de portuguêses fugitivos, é o maior e mais horrorôso acontecimento dessa época.

Ao regressar da peninsula, um ano antes, o major

Juvat fôra licenciado por algum tempo, e recolheu-se ao seio da família, onde se restabeleceu completamente dos seus ferimentos.

Apagadas as primeiras impressões do regresso, começaram a pungil-o saüdades de Rita, apesar das notícias, que esta e a priorêza lhe davam frequentemente.

Tranquilizavam no apenas os admiraveis progressos da formosa portuguèsa e a esperança risonha de uma felicidade futura, que dela e só dela esperava.

A inquietação porêm e uma vaga tristêza mal disfarçada denunciaram-no á mãe, que viu dêsde logo que nos sentimentos do filho houvera alteração e alguns pontos, que êle lhe ocultava de há muito.

Desassocegou-se por sua vêz a bôa senhôra, e interrogou-o carinhosamente, recebendo a princípio algumas frases de evasiva e por fim a plena confissão do que tanto desejava sabêr.

Esta confissão aterrou-a, visto que as alianças da família se faziam sempre entre eguaes; e contou dêsde logo com a oposição turbulenta e intransigente do marido, que em pontos de limpêza de sangue não admitia controvérsia, e que de há muito planeava pâra o filho um casamento fidalgo e dinheirôso com uma sua sobrinha em segundo grau.

E afligiu-se a pobre mãe, sobresaltando-se pela sorte do filho, a quem, verdade verdade, criticou a levêza do procedimento, que, no seu entendêr, só as verduras de um rapaz leviano podiam desculpar.

E acrescentou:

—O que me admira é a acquiescência de tua tia a

semelhante modo de procedêr. Não estou em mim, Deus do céu!

—Mâs, minha mãe...

—Uma mulher adventícia, que ninguem conhece... uma personagem enigmática, duvidosa, que só Deus sabe o que poderá têr sido...

—Uma criança, minha mãe, tão pura como formosa...

—Uma rapariga de baixa condição, uma...

—Um coração de anjo e uma mulher de rara inteligência. Nada quero sabêr do seu passado. A sua vida começa para mim na educanda do convento de Hoios, considerada por mim como orfã, que eu amo, e que amanhã será uma notabilíssima e adoravel senhòra.

—Nobilitada por ti e só por ti. Tu estás louco, filho.

—Não estou louco, minha bôa mãe; e tenho esperança de que ainda a hei-de vèr nos seus braços, como filha amantíssima, a recebèr o seu carinho.

—Poderá sêr. Creio porêm que...

—Verá um dia se eu tenho razão. Quando vir aquêle anjo...

—Cala-te, meu valdevinos.

Estas palavras já fôram ditas a sorrir, sôb o império do seu grande afecto.

E a mãe de Juvat, continuando a sorrir-se ás carícias do filho, foi cedendo a pouco e pouco, quedando-se mais tranquila, e quase resolvida a indultal-o a êle, que a cobria de rogos e blandícias, coisas estas, a que não podia, nem sabia resistir.

Por descargo da consciência, porêm, e pâra sondar o terreno de uma luta, esperada como certa, declarou ao

marido, nos melhores têrmos possiveis e menos irritantes, tôdo o acontecido, e afrontou pacientemente a explosão geniosa, que se não demorou.

O barão de Juvat, pae do môço major, trovejou larga e rijamente, e, descendo por fim das alturas da sua ira, concluiu:

—E' uma extravagância de pateta. Ora eu lhe porei têrmo ás demasias amatórias. Deixa-o por minha conta.

—Lembra-te de que tambem fôste rapaz...

—Pois sim, sim. Uma rapaziada tolera-se; agora um enxovalho de família... e de uma família, como a nossa, isso...

E o barão chamou o filho á sua presença, alcunhou-o de petulante e desassisado, declarou-lhe terminantemente que não lhe tornaria a dar dinheiro, que pudesse fornecêr mesadas ao convento de Holos, e que não voltaria ás campanhas da peninsula, continuando a sua carreira militar na Itália, pàra onde ia partir com brevidade.

Era uma sentença sem apelação.

De facto, o barão de Juvat, que desfrutava uma certa influência entre os caudilhos de Napoleão, conseguiu rapidamente que o filho fôsse incorporado á guarnição daquêle país, pàra onde o nosso heroe tève que partir sem demora.

E daqui se deprehende a rozão por que o apaixonado de Rita, apesar das suas saüdades e súplicas, não conseguiu fazèr parte da expedição, que, de nòvo e pela segunda vèz, ia invadir Portugal, ás ordens do general Soult.

—Se não fôra a necessidade de esperar o têrmo da educação de Rita, que eu desêjo senhòra de muitas prendas e ilustração, desertaria dèsde já—escrevia êle num trêcho da carta, em que participava á tia o seu nôvo destino.

E á educanda dizia:

—Não posso ir vêl-a tão cêdo, como eu desejava. Conforme se com isso, minha bôa Rita; continue a seguir a brilhante carreira da sua educação, desasombradamente e de ânimo leve, porque, no final desta ausência e dos seus trabalhos, eu antevejo a ventura, uma grande ventura, de que um dia lhe falarei largamente.

Na semana anteriòr, o barão de Juvat dirigira a sua irmã, abadêssa do convento de Hoios, uma larga e aspérrima missiva, que concluia por lhe dizêr que cercearia ao filho os meios necessários pâra a continuação de qualquer mesada.

—Eu não preciso do dinheiro de meu irmão pâra uma coisa tão simples, como é a educação de Rita, que hádе seguir o caminho já traçado por mim—afirmou a altiva religiosa, amarrotando o papel nas mãos.

E sorriu-se depois, já sem contrariedade.

—Tenho o meu sôldo, tia; póde contar com êle—escrevia por seu turno o sobrinho.

—Não preciso tambem de teu sôldo—respondeu a generosa senhôra.—Fica descançado, e cumpre o teu devêr, pois que ainda te não perdoei a referência a uma deserção. Um membro qualquer da nossa família, um Juvat, ainda que môrra, não se deshonra nunca! E en-

tende-o assim de uma vêz pâra sempre, e não deixes de o cumprir.

—Entendo-o, como disse, e não deixarei de o cumprir, minha bôa tia. Desculpe o que em mim foi um simples desabafo—respondeu o sobrinho.

Entretanto uma perigosa doença atacava o barão de Juvat, retinha-o por algumas semanas em dolorôso sofrimento, e matava-o.

O filho, que a êsse tempo estava em Itália, requeria um nôvo e pequeno licenceamento, a pedido da mãe, e vinha colocar-se á frente dos embaraços resultantes da morte de seu pae, a quem pranteou sinceramente, esquecida a dessidência, que entre ambos se estabelecêra.

E na regularização dos negócios domésticos se passou algum tempo, sem que o môço militar pudesse, como ardentemente desejava, dar uma rápida chegada á Espanha, onde deixara o coração.

VIII

Ao tempo, em que Juvat, terminados os negócios de sua casa, de cuja administração se encarregou sua mãe, conseguia transferência dos exércitos de Itália, começava a falar-se na terceira invasão a Portugal, visto que os francêses estavam senhôres de quase tôda a Espanha.

Era isto no comêço de abril de 1810.

Dahi o empenhar-se pâra fazêr parte dessa expedição; o que conseguiu facilmente, em razão das exce-

lentes notas, que lhe acompanhavam a carreira, e lhe conquistavam rápida subida de postos.

Na sua transferência foi galardoado com a patente de tenente-coronel, e, já nesta posição, invejavel na sua edade, recebeu a 3 de maio seguinte ordem ministerial em Paris de partir imediatamente pâra o exército de Portugal, que ia sêr invadido ás ordens do general Massena.

Wellesley, já então lord Wellington, cujas tropas se haviam conservado sempre em Portugal, reorganizava-as, e preparava-se pâra a luta, tanto de temêr, pois que Napoleão concentrava as suas fôrças em Espanha, onde o pôvo, entregue tambem aos seus próprios recursos, as não deixava, felizmente, em muito bom socêgo.

Ao chefe inglês preocupavam-no sempre as linhas de Tôrres Vedras, onde concentrou o melhor dos seus cuidados, e pâra onde as peças de artilharia eram conduzidas por gente portuguêsa, com grandes dificuldades, em pequenos carros puxados a bôis.

Massena, príncipe de Essling, não aceitara de bôa vontade o comando principal, não só porque desejava descânsar, como por desacôrdo entre os seus imediatos, Ney, Reynier e Junot, que comandavam os três corpos do exército invasôr.

Ney, que já era marechal, um ambiciôso irrequieto, aspirava ao mando supremo, e não se resignava de bôa mente a uma posição secundária; Junot, um insubordinado e vaidôso, que já exercêra no nosso país o primeiro pôsto, quase um reinado, dificilmente tambem se sujeitava ás ordens de outrem.

Êstes antagonismos e esta grande irritação de vaidades influiram bastante, fôrça é confessal-o, nos destinos do exército francês.

O cêrco de Ciudad Rodrigo ia entretêl-o até agôsto, mês, em que Almeida seria invadida.

Wellington e Beresford na Beira e o general Hill no Alemtejo esperavam os acontecimentos, e escaramuçavam, ao de leve, á espera da onda.

Não fôi precisa tamanha espera; no comêço de junho, Massena tomava Ciudad Rodrigo, e em seguida assediava Almeida; e a 24 de julho passava a fronteira, tendo que havêr-se com a ligeira divisão do general Crassford.

Retrocedamos porèm, e tomemos o fio cortado desta resumida mâs veridica narrativa.

Na mèsma data, 3 de maio, á noite, e na mèsma cidade de Paris, em que se ordenava ao tenente coronel Juvat que se recolhêsse ao exército de Portugal, era dada egual ordem a Manuel Ignacio Martins Pamplona, general portuguès, que seguia o partido dos francèses. (1)

O desnorteamento político e administrativo, pela ausência da côrte e pelo enfraquecimento dos dirigentes, apesar das duas recentes invasões, cujo triunfo seria a pêrda absoluta da nossa independência, era de tal monta, que levou, alèm do general Pamplona, muitos

(1) *Episódios da terceira invasão.* — Diario do mesmo general, publicado pelo devotado bibliógrafo, Sr. A. Fernandes Thomaz, em 1896.

portuguêses ilustres a bandearem-se com os inimigos da sua pátria, como se fôra gente louca ou pelo menos desvairada.

Pobre pátria! O que os inimigos francêses te não levavam á fôrça, comiam-t'o os amigos inglêses, á vontade, como queriam, porque de tuas portas a dentro o pudôr patriótico não chegava pâra tôdos os teus degenerados filhos!

Desta raça ficaram sementes fecundas, transformadas em comilões insaciaveis, que ainda hôje prometem levar á espinha o descarnado erário da nossa parca moeda e do nosso fraco brio nacional.

O próprio Pamplona no *diario*, abaixo citado, confirma a nossa opinião, quanto á qualidade de muitos portuguêses degenerados.

A deputação portuguêsa, enviada a França, a parlamentar com Napoleão, era, nada mais nem menos, a seguinte:

D. Francisco de Lemos, bispo de Coimbra.

D. José Maria de Mello, bispo inquisidòr geral.

D. José de Almeida, priôr-mór de Aviz.

Fernando Telles da Silva Camarinha Menezes, marquês de Penalva.

D. Pedro José Joaquim Vito de Menezes Coutinho, marquês de Marialva.

D. José Bernardino de Portugal e Castro, marquês de Valença.

D. Pedro Lencastre da Silveira Castello Branco Sá e Menezes, marquès de Abrantes (pae).

D. José da Piedade e Lencastre, marquês de Abrantes (filho).

D. Manuel de Assis Mascarenhas Castello Branco da Costa Lencastre, conde de Sabugal.

Luiz Antonio Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro, visconde de Barbacena.

D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello.

D. Lourenço de Lima.

Joaquim Alberto Jorge, desembargadôr e vereadôr do senado.

Antonio Thomaz da Silva Leitão, idem. (1)

Estas campanudas personagens iam tão fortes de bom senso e meios que o Pamplona, na sua chegada a Bordeaux, expressa-se a respeito delas da seguinte bela maneira:

«Vi os compatriotas, parte da deputação portuguêsa, que ali tinha ficado por *falta de meios* de ir a Paris.

. . . .

«O marquês de Penalva pareceu-me descaído de juizo e da sua graça natural; e o bispo de Coimbra pareceu-me de cabêça enfraquecida»,

Quere dizêr, Portugal e portuguêses, á parte a pleiade de bravos, que hombreavam superiôrmente com as tropas inglêsas, eram um agulheiro de decrépitos, de dessisados e poltrões a boiar, desnorteadamente, á mercê das ondas da corrução e da inércia, que prometiam á terceira invasão um excelente êxito, se não fôra a le-

(1) O citado opúsculo.

gião dos inglêses, tão funestos como os francèses ao bem-estar e á economia do país, que devastavam barbaramente, a título de estratégia militar.

Em verdade, causa verdadeira repugnância que, ao lado de Pamplona, se encontrassem muitos oficiaes portuguêses a assistir ás carnificinas monstruosas de umas tropas de canibaes.

Foi por isso e pela desvirtuadôra causa, a que se votara, que Pamplona, apesar da sua justificação publicada em Paris, na qual avultavam os serviços, que prestara a Coimbra, não a deixando roubar nem assolar, quando Massena o nomeou governadôr dela; foi por èsse antipático motivo que a sua memória não ficou completamente escorreita.

Aludindo aos portuguêses poltrões e degenerados, lá dizia a musa popular numa cantiga da época:

O Jinó mail-o Manêta
Diz que Portugal é seu;
E' o diabo para êle
E mais pâra quem l'o deu.

E satirisando a penúria das tropas francêsas, que não tinham recursos próprios, acrescentava:

O Jinó mail-o Manêta
Ardam em Famalicão,
Ao rebusco do centeio
Que na França não há pão.

O período das invasões francêsas em Portugal lembra as selvagens hecatombes dos povos bárbaros da

antiguidade. Por um lado, a soldadêsca dos aliados, destruindo celeiros e estragando víveres, desmoronando pontes e viadutos e incendiando vilas e aldeias; pelo outro lado os inimigos assassinando gente inerme, por tôda a parte, profanando igrejas, roubando alfáias de valôr e objetos de arte, e levando adiante de si, a ferro e fògo, uma devastação inacreditavel, sem respeito nem escrúpulos de espécie alguma; e por último o bandeamento de alguns portuguèses com os inimigos da pátria —constituiam um assombro de desventura, uma tremenda desgraça.

Grande vitalidade possuia então esta pequena terra de tamanho passado, pâra resistir a semelhante calamidade! restos de grande vitalidade possue ela ainda hôje, pâra não cair de tôdo aos embates da fortuna, que á raça dos seus homens heroicos deu tão lastimavel degeneração, como a que vemos nos seus governantes de tôdos os matizes, dignos sucessôres da regência do tempo dos francêses!

Pobre e nobre pátria! meu Portugal velho de tão assinalada história! malfadada hora, em que a desfortuna te inoculou nas veias o sôro imprestavel de tantos pigmeus, que, chamando-se teus filhos, te desgovernam, governando-te!

IX

Com as consequências da guerra, a Espanha religiosa estava mais sobresaltada e inquieta que a própria Espanha civil.

As freiras em especial temiam profanações e morticínios, atribuidos ás tropas do inquieto conquistadôr, do Atila moderno.

O convento de Hoios não era dos que menos temiam os efeitos de um assalto brutal.

A priorèza, na sua qualidade de francêsa, não deixava de orar pelo triunfo das armas napoleónicas, mâs não atinava com a desculpa e absolvição pàra torpèzas e assolações.

Grande foi o seu contentamento, portanto, ao sabêr que o sobrinho chegara a Ciudad Rodrigo.

Parecia-lhe que èle, generòso e bom, poderia influir de qualquer modo na tranquilidade sua e da casa, que regia, e escrevia-lhe a pedir-lhe que viesse falar-lhe.

Quem procedêsse a profunda indagação acharia facilmente que Adòlfo de Juvat, na sua impaciência de mancêbo excecionalmente enamorado, teria maior vontade de avistar Hoios, na pessôa da educanda do convento, do que a tia de vêl-o a èle próprio.

—Minha querida tia—dizia èle, dias depois, a beijar-lhe as mãos através das grades do convento, mâs sem despegar os olhos do vulto feiticeiro de Rita, que

lhe aparecia debaixo de um nôvo aspecto.—Minha querida tia, como estou contente!

Rita constituia o tipo genuino da formosura portuguêsa, o mixto aperfeiçoado das figuras ideaes da D. Branca e da Joaninha do nosso Garrett.

A cutis aveludada pelas macièzas da reclusão, os olhos scismadôres e brilhantes, levemente húmidos de comoção, as formas completamente desenvolvidas e flexiveis, os cabêlos sedosos, levemente crespados e castamente cingidos pela touca um pouco monacal da educanda, e por cima de tudo um sorriso de modestíssima candura e o arfar sedutôr do seio palpitante—davam a Juvat um estonteamento facil de imaginar numa naturêza impressionavel e exaltada pelas torturas de uma prolongada ausência.

—Como é formosa, minha Rita!—dizia èle extasiado.

—E' escorreita, graças a Deus—emendou a tia, achando tão simples gabo por demais expressivo.

—Ó tia, que eu não posso com tantas saüdades. Deixe-me desabafar, que vae nisso o meu socêgo. Levante o rôsto, Rita. Quero contemplal-a, quero...

—Ora vamos, menino—volveu a priorêza.—E então? Não querem vêr um belo militar, que tôdo se enfraquece diante de uma mulher? Se os teus camaradas te vissem, sobrinho...

—Fraquejavam, como eu, se é fraquejar o curvar-se o joêlho diante da imagem, que se adora...

—Cala-te, que és um profano...

—Sou um apaixonado sincero. Queimo incenso a quem...

—Outra vêz? O meu sobrinho a poetar... um tenente-coronel... quem tal diria?

—Ao menos uma vêz na vida...

—Tôdos sômos poetas. Bem sei. Màs... o senhôr barão deve...

—Barão?—interrogou Rita, com ingenuidade, julgando êste título uma nova graduação militar.

—Barão de Juvat, título antiquíssimo da nossa casa, e que Adòlfo herdou de seu pae—explicou a priorèza, com a ênfaze, com que, apesar da sua posição, revestia as referências honoríficas aos seus parentes.

Pela imaginação de Rita passou rapidamente a ideia da sua humildade, e deixou transparecêr na lindèza do seu rôsto uma nuvemzinha de entrestecimento.

Juvat percebeu, e acudiu:

—Eu quisera sêr príncipe...

A tia cortou-lhe a frase, porque na sua opinião ainda não chegara a hora da verdadeira consulta ao coração de Rita; e fêz mudar a conversação pàra o assunto que mais a preocupava... a guerra peninsular.

Chegados a êste ponto, Rita que até ali falara pouco pela comoção, que sentia na presènça do mòço oficial, tomou parte na conversa, dizendo por fim:

—Quere que eu seja franca? Dá licença, minha senhôra?

—Fale, menina; pode falar.

—Muito sinto que o seu destino seja pâra Portugal. Bem comprehende porquê, sr. barão.

—Adòlfo, Rita; chame-me Adôlfo. Não atino bem...

—Com o motivo porque não gosto de o vêr partir? Os perigos da guerra especialmente...

—Existem em tôda a parte, Rita.

—Bem sei, mas é que... ao lembrar-me de que os portuguêses são meus patrícios...

—E inimigos meus... bem vê que...

—Ao lembrar-me de que a sua espada poderá cortar a vida a próprios parentes meus...

E Rita suspirou, e tomou uma expressão investigadòra, que desceu até ao coração do mancèbo.

—Prometo-lhe, minha Rita...

—Não prometa... que nada pode prometêr, a não sêr que...

—A não sêr...

—Que, ao lembrar-se de mim e dos favôres, que me tem feito...

—E a Rita a falar naquilo, que lhe é defêso! Valha-nos Deus!

—Ora vamos. Quere então que eu...

Rita limpava as lagrimas, e só depois de alguns minutos, respondeu:

—Que fique em Espanha.

—E' tarde pâra o conseguir. Os meus superiôres não se harmonizam muito bem, por mútuas invejas e questões pessoaes, que prejudicam os serviços, e tornam dificil ou quase impossivel qualquer pretenção de carácter particular. Depois... não quero que digam...

—Tens razão, sobrinho. Bem vê, menina, que o Adôlfo não pode sujeitar-se a que alguem suspeite que êle pretende esquivar-se ao serviço...

—Mâs... em Espanha tambem se combate.

—Deus sabe com que dificuldade consegui desligar-me do cêrco de Ciudad Rodrigo, pâra chegar aqui! Em suma, Rita, eu não me pertenço e sim á carreira, que abracei. Indo pâra onde me mandam, cumpro o meu devêr.

O que Rita não sabía era que o elegante Juvat, ferido patrioticamente nos seus melindres de militar pelos insucessos das armas francêsas, nas duas invasões a Portugal, votara decidido ódio aos portuguêses, que julgava feudatários da Inglaterra.

Verdade era que Rita, com a penetração própria da avançada cultura do seu espírito, conhecia que não podia pôr qualquer restrição ao procedimento de Juvat; mâs o conhecido ditado—*Triste do pássaro, que nasce em mau ninho*—fazia-lhe confrangêr o coração, ao lembrar-se de que podia, no futuro, ligar a sua mão á de um homem, que a manchara no sangue dos seus patrícios, e quiçá dos seus parentes.

Não tinha saüdades da sua rusticidade passada, e fugiria pâra bem longe, se pretendessem restituil-a a êsses tempos, tamanhos sulcos fizera na sua alma, côrpo e hábitos o contacto da verdadeira civilisação; mâs não podia deixar de sofrêr com a notícia dos males, que podiam assaltar a terra do seu nascimento.

—Promete-me que não há-de matar portuguêses?—tornou Rita, a sorrir-se, suplicantemente.

—Salvo em defêza própria...

—Pois sim, salvemos isso. Tem lá muitos inglêses e então...

—Saciarei nêles os meus ódios—respondeu Juvat, em ar de brincadeira.

—Então promete...

—Promêto tudo o que fôr compativel com a minha dignidade. Está satisfeita, Rita?

—Muito satisfeita. E por sinal, com a licença, que já obtive da minha mestra, vou oferecêr-lhe um objecto, onde encerrei uma relíquia...

—Que será um talisman... vindo da sua mão.

—Lisonjeiro! Não é assim, não senhòr. Será talisman, porque encerra a relíquia de um santo, e só por isto, bem vê.

E, metendo a mão na abertura do corpête, Rita tirou de lá uma pequeníssima bôlsa bordada sôbre sèda vêrde, uma dessas curiosas e trabalhadas ninharias, em que primavam as freiras habilidosas, um objeto encantadòr feito por suas mãos, uma obra prima no seu género, pendente de uma fita, que graciosamente lançou ao pescôço de Juvat.

Ao reentrar no cêrco de Ciudad Rodrigo, o nôvo barão levava o seu escapulário entre a camisa e a farda; e a sua ideia afectiva atribuia-lhe já umas especiaes qualidades preservativas de infortúnio.

A superstição é companheira do amôr.

X

Tomada Almeida, Massena demorou-se ahi, pâra dar descanço ás tropas, fatigadas das grandes marchas e do cêrco de Ciudad Rodrigo, e pâra organizar o serviço de víveres e comunicações.

A 16 de setembro, punha-se em marcha sôbre a retirada de Wellington, que, como já dissémos, assolava as povoações, pâra que os soldados de Massena não encontrassem quaesquer recursos; o que era um nôvo meio de terrivel destruição, lastimado pelos habitantes, que, ás ordens da regência, se viam obrigados a abandonar as suas casas.

A 27 do mêsmo mês, feria-se a gloriosa batalha do Bussaco, onde o exército inimigo perdeu cêrca de 4:500 soldados; e pela partida das tropas aliadas pâra as linhas de Torres Vedras, Massena, a 30, assenhoreava-se de Coimbra, onde, por pedido do general Pamplona, ao que êle disse, se não praticaram devastações de vulto nos estabelecimentos de ensino e nos principaes monumentos.

No dia seguinte, chegava um correio da fronteira, e o marechal francês entre a sua numerosa correspondência, oficial e particular, recebia a seguinte carta, cuja assinatura desconheceu:

—Principe. Escrevo debaixo de uma dolorosa impressão. Há dois mêses que não recêbo notícias de um oficial, que é meu sobrinho, e que, pelo seu carácter e

pelo afecto, que me dedica, não deixaria de dar-m'as, como sempre foi seu costume, se um impedimento gravíssimo o não privasse disso.

«Êsse impedimento pode sêr a morte.

«Meu sobrinho é o tenente-coronel barão de Juvat› um bravo soldado e um nobre filho da Bretanha.

«Deus proteja as armas francêsas, e me traga novas rápidas do meu amado sobrinho. Mande dar-m'as vossa altêza, e o mêsmo Deus o recompensará pelo alívio, que vier fornecêr á minha alma atribulada.

«Cae-me a penna das mãos. Egual a esta cruel incertêza só conhêço a morte moral dos que receiam uma eterna condenação.

«Convento de Hoios. *Soror Maria das Chagas*—priorêza.»

Terminada a leitura, Massena olhou pára Pamplona, que estava a seu lado na atitude de recebêr ordens, e, dando-lhe a carta, disse:

—Leia, e diga-me se sabe alguma côisa a respeito dêsse oficial, de que eu não tenho ideia.

—Êste bravo rapaz—respondeu Pamplona, depois de informado—foi meu companheiro de viagem de Paris pâra Ciudad Rodrigo. Fêz a primeira campanha de Portugal, e veiu transferido, a seu pedido, do exército de Itália.

—E depois? Abreviemos o assunto.

—Caiu atravessado por uma bala na refrega de Almeida, e lá ficou em tratamento no respectivo hospital de sangue.

—Morreria?

—Nada mais sei.

—Pois bem, eu não tenho tempo pâra pensar em ninharias: incumba alguem de sabêr do caso, e mande informações á freira de Hoios.

A carta da priorêza, que derramara sentidas lágrimas, ao escrevêl-a, provocadas especialmente pelas que a educanda portuguêsa vertia, ajoelhada, de mãos postas, diante de um crucifixo, atravessara a fronteira, ao mêsmo tempo que outra, em sentido contrário, tinha o mêsmo destino, e se aproximava de Hoios.

Abriu-a a priorêza sôfregamente, e só pela assinatura mal firme conheceu a letra do sobrinho.

Rita, que fôra chamada á pressa, ao ouvir a excelente nova, sentira uma impressão próxima do delíquio, e leu, palpitante de comoção as linhas seguintes:

—Querida tia. Que terá pensado de mim? que suspeitas terá tido Rita a meu respeito? Perdoem-me, que eu mais não fiz porque mais não pude. No cêrco de Almeida caí logo prisioneiro, e ainda me conservo á mercê do inimigo, de quem felizmente tenho recebido bom tratamento.

«Prohibido de comunicar com o exteriôr, guardado por sentinelas á vista, não pude indicar-lhe qualquer direção, pois só agora me é permitido mandar escrevêr por outrem êste simples aviso, destinado a tranquilizar a minha excelente tia e a querida Rita, certificando-lhes que nada têm que recear por mim.

«Adeus, tia; adeus, Rita. Beija-vos as mãos enternecidamente o

Vosso—*Adôlfo*.

Como se vê, o coração de Juvat tinha delicadêzas de um sentir pouco vulgar.

Aquela carta, inspirada pelos primeiros alvôres de uma melindrosa convalescença, era uma engenhosa e adoravel mentira, que só as almas de eleição podem apreciar á justa.

As duas senhôras, embaidas pelo verosimil da notícia, fôram rezar duas novenas a Nossa Senhôra, patenteando-lhe a sua gratidão.

—Mãe Santíssima—dizia Rita no seu pensamento, para que só ela a ouvisse—Mãe Santíssima, eu não sei o que o futuro me destina, que sorte vae sêr a minha, que esperanças dêvo alimentar, mâs sinto que, se o coração me não engana, a minha vida está prêsa á daquêle homem, e que o seu fim será o meu. Protegei-o, senhôra minha, ou matae-me, se êle morrêr.

Rita não diria estas palavras a ninguem, em voz alta, não abriria a sua alma com esta clarêza, de modo que a ouvissem, mâs, a sós com os seus pensamentos, traduzia nas súplicas o que só dela era bem sabido.

Juvat, atravessado por uma bala na região epigástrica, estêve em perigo de vida, apesar de se lhe não têr ofendido nenhum orgão essencial. Uma violenta hemorragia, seguida de um espasmo nervôso, produziu-lhe uma febre violenta, que o prostrara durante algumas semanas.

Martinau, o fiel e dedicado camarada, tão nosso conhecido, passava noites de vela á cabeceira do seu querido oficial, com uma paciência e um carinho verdadeiramente fraternaes, até que o médico o declarou entrado em convalescença.

A privação de movimentos continuados era-lhe imposta, como medida necessária.

Ao pensar na sua situação, lembrou-se de que aquêle fracasso podia têr sido uma obra providencial, pâra que êle se não salpicasse com o sangue dos patrícios da mulher, a quem dedicara a vida.

E lembrou-se da Rita e das suas recordações e dos desejos, que êla deixara adivinhar, mâs que não pôde definir completamente.

Aqui estava outra vêz o amôr a lutar com a sua companheira... a superstição.

—Vem cá, Martinau, meu amigo—disse êle um dia, mal pôde falar, ao soldado, que sempre conseguira trazêr comsigo, e que vivia muito contente por têr conquistado, sem favôr, as divisas de cabo—Vem cá, Martinau.

—Prompto, meu oficial.

—Dispenso a continência. Tu aqui és meu enfermeiro, e, mais do que isso, meu amigo.

—Obrigado, meu oficial, muito obrigado. Eu cá sou o que sou, e nada, nada mais.

E o cabo interneceu-se, ao dizêr isto.

—Olha, Martinau. Dentro daquela malita, bem no fundo, está um papel lacrado, que diz por fóra: *Testamento de Adôlfo de Juvat.* Se eu morrêr...

—Com dez bacamartes, senhôr barão! Quem fala aqui em morrêr? Com setecentos...

—Não me interrompas. Se eu morrêr...

—Isso agora, meu oficial...

—Outra vêz? Cala-te, Martinau.

—E' que eu não posso ouvir...

—Cala-te, se não, não acabo hôje. Se eu morrêr...

—Hem? Bem... bem. Estou calado, sr. barão.

—Se eu morrêr, peço-te que me faças dois serviços.

—Tudo, senhôr; tudo farei. Mâs isso de morrêr... eu cá não posso...

—O primeiro dêsses serviços é pedires que se marque o lugar da minha sepultura, pára que minha mãe possa mandar buscar os meus restos mortaes; e o segundo é que tomes conta do meu testamento, e vás entregal-o áquela menina...

—Bem sei, bem sei... á do convento... á menina Rita. Engano-me, meu oficial?

—Não te enganas, não. E recomendo-te que só o entregues em mão própria...

—E' um *serafim*, lá isso é ela. Eu nunca mais a tornei a vêr, mâs... sempre deve estar uma perfeição...

—Ai, ai, Martinau. Vê tu...

—Diga, diga...

—Quem diria que o país, onde eu entrei como adversário e de que sou verdadeiro inimigo pelo desastre, que tem sofrido a nossa gente—quem diria que êsse país havia de conquistar-me o coração e a vida na pessôa de uma mulher... que afinal não é mulher...

—Não é mulher, meu oficial?

E Martinau abriu desmesuradamente os olhos, e chegou-se mais ao leito, repetindo:

—Não é mulher? Então...

Juvat sorriu-se, e interrompeu-o.

—Que te parece, Martinau?

—Se não é mulher, então... será... Nada pâra homem é bonita de mais... Eu cá não atino...

—E' uma formosura .. é um anjo.

—Lá, se os anjos são bonitos, que ela é um anjo... lá isso é verdade.

A conversa foi interrompida nêste ponto pelo médico, que acabava de entrar, e que a achava demasiada, em razão do estado de enfraquecimento e melindre, em que se achava o doente.

Martinau fêz o juramento de que, ainda que estivesse deante da bôca de uma peça de artilharia, prestes a disparar-se e a trucidal-o, não consentiria, em que o seu oficial tornasse a falar tanto, sem licença do facultativo.

E' que èste dissera-lhe categóricamente em particular que a vida do doente ainda corria risco.

E o bom do cabo Martinau enternecia-se, tornava a jurar pelo brilhantismo das suas honrosas divisas, e limpava uma lágrima ao canhão da farda.

Estaria êle destinado a vêr morrêr o seu nobre e valente oficial?

Antes uma granada o espatifasse primeiramente, a êle, um simples cabo, que não era nobre nem valente.

Alma de eleição a do bom e leal Martinau!

XI

Como já notámos, Wellington, receando vêr-se envolvido pelos francêses, apesar do enorme desastre sofrido por êstes no Bussaco, apressou-se a retirar pâra as

Linhas, em quanto Massena acampava em Coimbra, e se destinava a marchar em sua perseguição.

Os seguintes períodos, arrancados de uma das nossas histórias, dão uma ideia minuciosa e regularmente perfeita da dolorosa situação dos povos.

«O exército anglo-português levava adiante de si uma multidão chorosa, que engrossava a cada momento, e que, entrouxando os objectos mais preciosos, abandonava os humildes lares ao desespêro do invasôr.

«Os excessos dos nossos próprios soldados, que foi necessário punír com severidade, agravavam a triste condição dos fugitivos; depois, quando desaparecia no horisonte aquela confusa massa de pôvo, comboiada, por assim dizêrmos, pelas tropas portuguêsas e pelos soldados inglêses, cujas fardas vermelhas brilhavam com reflexos sanguinolentos á luz do sol do outomno, surgia o exército de Massena, exasperado pela falta de recursos, pela asperêza das marchas, pela violência da insurreição.

«O que o exército de Wellington não destruira, destruiam-no ou roubavam-no os francêses; aos desgraçados, que, por velhice ou fraquêza, não tinham podido acompanhar os seus compatriotas na fuga, infligiam tormentos sem nome, umas vêzes pâra lhes arrancar o segrêdo dos tesouros escondidos e das subsistências sonegadas, outras vêzes apenas pâra satisfazêr a ferocidade dos seus instintos.

«Massena já não tinha fôrça pâra disciplinar o exército, não só pelas resistências, que encontrava nos seus orgulhosos subordinados, mâs tambem porque era obrigado pela necessidade fatal a fazêr vivêr o seu exército

á custa do país, que atravessava, e a tolerar por conseguinte tôdos os excessos, tôdos os actos de ferocidade, que nasciam da desorganisação dos regimentos e da sua inevitavel dissolução em bandos de salteadôres». [1]

Damos propositadamente êsse trêcho alheio, pâra que os menos sabedôres dos espantosos episódios da terceira invasão francêsa nos não alcunhassem de exagerado na rápida enumeração de algumas das *façanhas*, que êsses bandos de salteadôres e assassinos praticaram no país.

Mais adiante e em breve nos referiremos aos morticínios, crueldades e incêndios, que êles infligiram ás circumvízinhanças de Rita, a formosa heroina da nossa narrativa; e fal-o-emos estribado em bons documentos.

Massena, grandemente surprehendido á vista das linhas de Tòrres-Vedras, de cuja existência não sabia, retrogradava para Santarem.

Entretanto alvorecia o ano de 1811, e passavam-se mais dois mêses improfícuos, até que êle, desesperando de sêr soccorrido, visto que Soult tomara caminho diverso; e convencido de que não podia sustentar-se por mais tempo, começou a 4 de março o seu movimento de retirada, com a intenção de parar em Coimbra, cujas cercanias ao longo do Mondêgo mandou guarnecêr.

Batidos em Condeixa, os soldados francêses, por vigorosos esforços de Ney, procuravam sustentar-se na linha do Mondêgo.

Estava-se a 14 de março.

---

1 *Hist. Popular* — de Pinheiro Chagas.

Desastradamente vencido no combate de Foz de Arouce e perdidas portanto as posições do Mondêgo, Massena julgou ainda podêr resistir, prolongando-se pelas cercanias do rio Alva; a sanguinolenta escaramuça porèm ocorrida na Ponte de Mucela foi mais um golpe profundo, e tirou-lhe tòda a esperança de nóvas resistências.

Pòs-se portanto a caminho de Almeida com as tropas desmanteladas e convertidas em bandos, que se entregavam, como canibaes, a tòda a sorte de atrocidades. O têrmo de Arganil em geral e Pombeiro em particular viram-se novamente invadidos e desta vêz de uma maneira infame e devastadôramente inaudita.

Como em outras partes, fôram assassinados eclesiásticos velhos a pauladas, gente inerme, inválida ou trôpega a golpes de machado, paizanos dependurados de árvores e queimados a fôgo vivo, mulheres poluidas, homens enforcados á vista das familias, alguns esquartejados e arrastados pelos próprios intestinos; finalmente praticaram-se alí scenas, que nos repugna referir.

Um velho gotòso, o presbítero e bacharel José Freire de Faria, residente em Vilincova, como por gotôso fugisse deitado sôbre um carro de bois, foi obrigado a apear-se, e, a podèr de golpes, a subir a pé uma ladeira, no alto da qual, lhe retalharam a corôa em quatro partes, e lhe abriram o ventre, dando-lhe uma morte horrorosa, á vista do próprio pae, que tambem foi victimado pelos facínoras. [1]

[1] Excertos Crit. de Claudio Chaby.

No districto de Coimbra, apesar de não havêr informações exactas de 27 freguesias, realizaram-se 2969 assassinatos, 1144 casas e 20 povoações incendiadas, pertencendo ao concêlho de Arganil—180 assassínios, 224 casas queimadas e vinte mil alqueires de renovos destruidos. [1]

Se mais atrocidades não ocorrêram, foi porque as povoações estavam desertas, andando os moradôres a monte, e sendo apanhados apenas os mais animosos ou os velhos e trôpegos, que não poderam fugir ou ocultar-se a tempo.

Pelo que diz respeito ao nosso Pombeiro, ao falar da primeira invasão e do roubo feito ao nosso visavô Corrêa de Araujo, dissémos que o punho de uma espada francêsa e o túmulo quebrado de Mateus da Cunha, 6.º senhôr da terra, eram as duas coisas únicas, que atestavam a passagem dos francêses por ali.

Esquecia-nos um documento, que temos á vista, e que não é de somenos importância—o livro dos óbitos da respectiva freguesia.

Êste livro, que posteriôrmente nos veio ás mãos, rubricado a 7 de setembro de 1805, menciona nos principios de março de 1811, a que acima nos referimos, ao falar da retirada dos francêses, varios enterramentos em olivaes e descampados, fóra do lugar sagrado portanto, por *não havêr quem conduzisse os cadáveres.*

Quere dizêr: á primeira notícia de que os francêses

[1] Idem.

podiam assaltar a freguesia, a fugida dos homens válidos fôra quase completa.

Em seguida, o páraco coadjuctôr da época, o padre Bernardo Lourenço, que se nos figura homem zelôso, de 18 a 28 do sobredito mês de março, regista o morticínio pelos francêses de 35 pessôas de ambos os sexos, egualmente e com mais razão ainda, sepultadas em diferentes pontos, longe da igreja parochial.

....

E do vizinho Sahil, pâra alem do Alva, da terra natal de Rita, que sabemos nós?

Vamos dizêl-o em poucas palavras, como nos foi contado por pessòa antiga da localidade.

O desaparecimento da rapariga, por misteriôso e singular, deu pasto á loquela inexgotavel da gente crédula e faladôra, que não acertou em tempo nenhum com a verdade.

Os paes e os parentes próximos vestiram-se de luto, e prantearam-lhe a morte, que foi atribuida á malvadêz dos francêses, como sabemos.

A nova aproximação dêstes, três anos depois, veio acordar na memória de tôdos a pêrda de Rita, já quase obliterada pelos efeitos do tempo, que tudo consome.

Os paes e a irmã fôram os primeiros a entrouxar o melhor, que tinham, e a desertar pâra as bandas da serra do Caramulo, onde se dizia que os detestados assassinos não chegariam.

E de facto assim aconteceu.

Nos três últimos dias de março, tôdos os foragidos voltaram ás suas casas.

Sôbre os destroços de uma grande calamidade, ia surgir uma nova era.

Inimigos e aliados deixavam o país exhausto de recursos, inundado em sangue, penosamente ferido, despoticamente saqueado; a pátria portuguêsa, porêm, ainda que oprimida pela pesada e ruinosa dominação dos inglêses, podia considerar-se novamente livre.

Extinguiam-se finalmente os horrôres da guerra, o inimigo exteriôr era perseguido até aos muros de Tolosa; e as águias de Napoleão, sedentas de carnificina, fugiam desasadas, pâra mais tarde, de desastre em desastre, se despedaçar nas escarpas áridas e mortíferas de Santa Helêna:

XII

Alguns mêzes depois do que fica levemente descrito, a porta lateral do parlatório do convento de Hoios, já nossa conhecida, abria-se de nôvo, como se abrira quatro anos antes pâra dar entrada á camponêsa de Sahil, a terra montesinha da Beira.

Rita, a formosura portuguêsa, como lhe chamavam admirativamente no recolhimento, ocupava a mêsma posição ao lado da madre priorêza; mâs... que diferença havia que notar no seu aspecto, no seu trajar, nos seus modos e na sua linguagem!

Era outra, na verdade.

Flôr sadia e robusta ainda em botão musgôso, quan-

do ali entrara, respirara os eflúvios de um ambiente mais puro, abrira lentamente ás lufadas de um sol educativo e vivificadôr, recebêra um colorido mais apropriado; e de bela, que fôra, tornara-se formosissima e como tal encantadôra.

E nada então faltava da scena ali passada, alguns anos antes.

Adôlfo de Juvat, que se salvara de uma morte próxima, depois de uma convalescença, que se prolongara por tôdo o tempo da campanha, ia certificar-se se poderia aspirar á felicidade, que via muito perto da sua pessôa, como têrmo ambicionado dos seus trabalhos e fadigas.

A sua chegada datava de instantes; e pouco tempo havia portanto que êle conversava com as duas senhôras, depois de uns cumprimentos, em que a alma se alvoraçava e tôda se lhe expandia.

Em referência ao perigo de vida, que corrêra, dizia-lhe Rita muito radiante:

—E' mais que certo dizêr-se que há males, que vêm pâra bem. Quanto eu agradêço a Deus que essa triste campanha o não tivesse por participante!

—E porquè, Rita?

—Bem o sabe. Desembainhar a espada em terra portuguêsa... isso seria...

Uma nuvem de tristêza e despeito sombreou por instantes o semblante de Juvat.

—O que lá vae, lá vae—interrompeu a priorêza, com o seu ar sentenciôso.—Agora só temos que dar graças a Deus pela tua salvação, meu sobrinho.

—O senhôr barão entristeceu-se!—disse graciosamente Rita.—Pois bem, eu vou tambem lastimar-me, e entristecêr-me.

—Sim, Rita? E poderei eu perguntar-lhe porquê?

—Ora porquê? Porque as minhas mãos de pecadôra profanaram com certêza a relíquia, que lhe ofereci, há tempos. Talvêz não corrêsse o perigo, em que se viu, se o envoltório fôsse obrado por melhores mãos. Pois não é isto verdade?

—Não, minha Rita, não. Muito ao contrário, foi ela, a bôlsa milagrosa, que me salvou a vida. Muito me apraz crêr nisso, como sempre cri. Quere vêl-a?

O oficial francês abriu o peito da fardêta, e puxou de dentro de uma carteira de finíssima carneira branca, o preciôso objecto trabalhado pelas mãos delicadas de Rita.

—Era o meu talisman, que eu invocava sempre por sôbre as lembranças de minha tia, que eu prézo tanto quanto estimo minha mãe; invocava o seu nome e...

—Adôlfo, então?—atalhou Rita, tôda ruborizada e comovida.—Então? não diga mais... peço-lh'o...

—Ao contrário, eu preciso hôje dizêr-lhe tudo, senhôra...

—Senhôra!...—tornou Rita.

—Sim... senhôra. Eu tenho-a tratado descuidosamente, com uma familiaridade intempestiva talvêz; e julgo do meu devêr pedir-lhe desculpa do meu êrro. E... agora pergunto:—Lembra-se de que lhe declarei um dia que não era tempo ainda de lhe falar do passado?

—Lembro-me, sim, mâs...

—Escute-me. Acrescentei então que tempo havia de vir, em que teria que suplicar-lhe perdão dêsse passado? Perdôa-me?

—Perdoar-lhe eu...

—Sim, perdoar-me. A senhôra vivia uma vida muito diferente desta, ou doutra, que possa vir a têr, uma vida simples, sem preocupações estranhas, nem cuidados fatigantes, no seio da sua família. Era talvêz muito feliz. O seu coração tranquilo não palpitava senão pelos gosos ligeiros de um folgar inocente e pelo amôr dessa família, a que tôda pertencia. Apareci eu, ceguei-me ao vêl-a, e, violentamente e loucamente, pode dizêr-se, fiz-lhe perdêr tudo isso de repente, de um momento pâra o outro, e causei-lhe desgôstos, e concorri pâra que derramasse sentidas lágrimas.

—Mâs... sobrinho, tu, com o teu procedimento...

—Peço-lhe, minha querida tia, que me não interrompa, porque êste momento é o mais solene de tôda a minha vida.

—Eu não o acusei ainda...—interveio, timidamente, Rita.

—Não importa. Se o não fêz por palavras, pode têr-me culpado por pensamentos. O meu delicto é grande, não o nego, e, apesar das minhas bôas intenções, nunca deixou êle de me pesar na consciência, porque a minha divisa de família compõe-se de tudo, que impõem a dignidade e o bom procedimento.

—Muito bem, sobrinho—exclamou a religiosa, aprumando-se muito, como que a revêr-se na nobrêza de uma antiga parentela.

—Não contente, senhôra, com fazêr-lhe perdêr o seu vivêr de outr'ora e a família, que lhe pertence, furtei-a á terra natal e ao país, de que faz parte. Como quere pois que eu me não julgue culpado, e que lhe não solicite perdão? Sim, responda.

Rita lacrimejava.

—Fale, menina—obtemperou a priorêza—chame a si tôdas as reminiscências do passado, e abra francamente a sua alma.

—E antes de o fazêr—tornou de Juvat—preciso advertil-a de que é livre, muito livre, de que portanto pode dispôr da sua vontade e dos seus actos, como lhe aprouver.

Rita enxugou as lágrimas, umas lágrimas de agri-dôce sobresalto, e falou, espaçadamente, mâs com determinada resolução.

—De há muito que me costumei a admirar-lhe a nobrêza dos sentimentos, senhôr Juvat. O que acaba de fazêr actualmente denuncia o verdadeiro fidalgo, que é, e que...

—Mâs o passado, senhôra, o passado...

—O procedimento do presente, as delicadèzas, com que o fôro íntimo do meu coração tem sido respeitado, desculpam os êrros do passado, se êrros chegam a sêr...

—E' muito indulgente, senhôra.

—Pâra o sêr basta o acatamento, de que fui cercada, dêsde o primeiro momento, em que caí em seu podêr.

—Perdòa-me então?—interrogou Juvat risônho e ofegante de ventura.

—De tôdo o coração.

—E êsse coração poderá correspondêr ás ridentes e volumosas aspirações do meu? Vamos... fale.

A educanda de Hoios ruborizou-se de nôvo, e sentiu nos lábios uma ligeira tremura, ao fixar os olhos no chão.

—E então? não me responde?

—E as suas tenções, senhôr Juvat, são...

—Amal-a ainda mais do que a tenho amado sempre; tornal-a minha mulher, e vivêr a sua vida. Que mais quere que lhe diga?

—E se eu não pudesse correspondêr-lhe, como deseja?

—Esmagaria o coração, á força de sofrêr, mâs deixal-a-ia liberta pâra tôdo o sempre, retirando-me a chorar sozinho o meu êrro, a minha má sorte, ou o meu simples desaso.

—Aconsêlhe-me, minha querida mestra, minha bôa mãe, que a minha fraca razão pode desvairar—exclamou a Rita, abraçando-se á priorêza, no auge de uma extraordinária comoção.

—Que hei-de eu dizêr-lhe, minha filha? Consulte o seu coração, consulte-se a si própria, que eu nada quero, nem dêvo aconselhar-lhe.

—E porque, se permite?

—Juro suspeição—concluiu a religiosa tôda risonha e amimando nas faces coloridas a gentilíssima portuguêsa.

—E' que eu, minha bôa senhôra—continuou esta—receio muito que me julguem ambiciosa.

—Ora vamos, menina—tornou a religiosa, em tom de

verdadeira convicção e deferência.—Ninguem pensa nisso. Eu conheço-a, como se minha filha fôra, e bem vejo que essas hesitações dimanam do seu excelente carácter. Fale, fale desassombradamente.

—Vamos, senhôra—volveu o barão de Juvat, suplicante.—Referiu-se, há pouco, á nobrêza dos meus sentimentos; pois eu declaro-lhe que os seus sobrepujam tôdos que eu possa têr. Humildade? Humildade... disse? Se o seu amôr é a minha vida, se a sua pessôa é o meu cuidado constante—como quere que haja desigualdades entre nós ambos?

Rita voltou a enternecêr-se ou antes a aumentar o seu constante enternecimento.

—Então, Rita?—tornou a tia de Juvat.

—Responda por mim, senhôra.

—Tal não farei, menina, embora lhe agradêça a confiança.—Como hei-de eu...

—Respondêr por mim? Pois não sabe o meu pensar a respeito de seu sobrinho? Conhecendo-me tanto, não leu bem fundo na minha alma? não se lembra das nossas conversações, das nossas alegrias e tristèzas, á proporção que as bôas ou más notícias de Adôlfo chegavam ao nosso conhecimento? Lembra-se, quando o supuzemos perdido, das lágrimas, que chorámos?

—Ama-o pois? ama meu sobrinho?

—Se o amo! se o amo!

—O' Rita! Rita!—clamou Juvat delirantemente, caindo de joêlhos diante da formosa portuguêsa, e tomando-lhe as mãos. Viva Deus, que se realizaram os

presentimentos de ventura, que eu tive, ao encarai-a pela primeira vêz!

—Levanta-te, sobrinho - ponderou meigamente reprehensiva, a madre priorêza.—Ora eu com os meus anos e na minha melindrosa posição a assistir a scenas destas! Vê se não te esqueces do lugar, onde estamos.

—Eis-me de pé. E julga, minha querida tia, que na minha felicidade lhe não cabe um grande quinhão? Deixe-me tambem beijar-lhe as mãos, de agradecido, ao chamar-lhe minha segunda mãe.

—Que direi eu, Adôlfo?—acrescentou Rita, ajoelhando ao lado do môço oficial.—Afirmo que nunca poderei esquecêr os benefícios, que lhe dêvo, os consêlhos, as admoestações, que me serviram de lição e estímulo, uma extraordinária afeição, que...

—Basta, meus filhos—objectou a religiosa, estendendo solenemente as mãos sôbre o elegantíssimo par, e erguendo os olhos ao céu.—Deus vos abençôe, e vos dê no mundo, que não é meu, a ventura, que eu nunca tive, mâs que suponho alcançada do céu.—Abraçae-me, e sêde felizes.

Ao formar-se o grupo enternecedôr, tão curiôso de vêr, tlintaram no exteriôr da portaria os guisos de uma liteira, e ouviram-se algumas vozes de homens, entre as quaes se distinguiu perfeitamente a de uma dama, que dizia:

—E' aqui; parem; é aqui.

—O' meu Deus! que hora feliz!—exclamou Juvat, alvoroçado.—Conhêço-a pela voz. O' tia, é minha mãe, que chega. Vaes conhecêl-a, Rita. Vem buscar-te.

—Já?—disse Rita, significativamente, virando-se pâra a priorêza.

—Minha cunhada vem buscar a noiva de seu filho. Que havemos de fazêr? E' justo. Havia de sêr.

—E... e eu hei-de deixal-a, minha bôa e santa senhôra? Que pena, que tenho!

XII

—Obrigada, Rita. Ao entrar nesta casa, como noviça, abandonei familia e pátria, quebrando portanto tôdos os laços, que me prendiam ao mundo, que não quis pâra meu.

—Tanto êle a fêz sofrêr!

—Assim foi, minha menina. Agora só peço ao Senhôr, que me dê na outra vida a tranquilidade, que esta me não deu, quando, cheia de mocidade e crenças, me entregava a ilusões mentirosas, de... de que fui víctima. Que doidice a minha, filha, estar a falar-lhe de coisas tristes em ocasião de tamanha alegria! Ahi vem minha cunhada.

Adôlfo, que tinha corrido ao encontro da liteira, entrava com a baronêza de Juvat pelo braço, uma respeitavel senhôra, de cabêlos levemente salpicados de branco, rôsto pálido e ainda belo, pòsto que um ar de sofrimento lhe cavasse alguns sulcos entristecedôres.

As duas cunhadas abraçaram-se.

Rita ficou por detraz da abadêssa, que se adiantou, e por tanto não foi logo vista pela senhôra de Juvat.

Ao desligar-se do abraço, a rapariga e o filho ajoelhavam-se-lhe aos pés.

Foi a sua vêz de ficar estupefacta.

A formosura de Rita era um deslumbramento, que a tôdos fazia indelevel impressão.

—Tinha eu razão, minha mãe?—interrogou risônho o oficial, percebendo a admiração da baronêza.

—Fôrça é confessal-o. Levante-se, minha filha. Se fôr tão recomendavel pelas virtudes como o é pela extraordinária belêza, que possue, Adôlfo será com certêza o mais ditôso dos homens.

—Hei-de sêl-o, mamã. Assim o espero.

A baronêza, depois de abraçar a Rita, desviou-a de si, encarou-a muito, contemplou-a detidamente, puxou-a de nôvo pâra si, beijou-a, e tornou a beijal-a em ambas as faces.

Desta vêz, a Rita, encantada por semelhante acolhimento, correspondia ardentemente aos afagos, que recebia, e chorava de verdadeiro contentamento.

—Não chore, minha filha. Não tenha saüdades de outras terras. A nossa Bretanha é um lindo país, que não pode deixar de agradar-lhe. Verá... verá. De que chora?

—De alegria, senhôra baronêza.

—E que fala de sereia, que ela tem! Se Portugal possue muitas belêzas destas...

—Não possue, mamã. Esta era a maior e melhor de tôdas, senão a única.

—Vaidôso! E' uma formosura, que vale muitas formosuras. Estamos em terras de Espanha: a tua fanfarronada pode admitir-se. Mâs... agora reparo que a tua noiva ainda me não tratou, como deve.

—E como dêvo tratal-a, senhôra? Adôlfo é o seu retrato vivo. Como não hei-de eu amal-a, dêsde já?

—Sim, senhôra... muito bem dito. Ora trate-me como se já fôra de facto a mulher de meu filho.

—Minha mãe! minha mãe?

—Ora graças a Deus! Parece-me até que me sinto remoçar. Que podêr tem a finura e a belêza! Obrigada, minha linda filha.

—Não é assim, mamã? Tôdas as nossas damas da Bretanha, tòdas as provincianas de fama e as francêsas em geral vão ficar ciosas de Rita.

—Jesus, filho! Bem digo eu que a permanência em Espanha te deu já um dos seus mais notados característicos.. o do exagêro. Isso é uma espanholada, filho. Cunhada, que fêz do juizo do meu filho?

E, dizendo isto, a baronêza de Juvat abraçara Rita, pâra depois acariciar o filho, e murmurar como que de si pâra si:

—Êle têve razão. Um encanto! Não havia que resistir. Têve razão... têve.

E riam tôdos, e trocavam finêzas, que eram o prognóstico mais seguro, que a Rita podia sêr dado, da sua felicidade futura.

E a educanda de Hoios, nas explosões do seu casto júbilo, não esquecia que á freira educadôra devia uma grande parte de si própria.

E por isso em beijos e lágrimas de reconhecimento lhe afagava as mãos fidalgas.

E a priorêza comovia-se, augurando:

—Ha-de têr a ventura, que merece, minha filha. Deus é justo... e a menina é um anjo.

XIII

O casamento do brilhante oficial barão de Juvat, já então coronel do exército francês, com Rita Corrêa de Carvalho, a formosa portuguêsa, foi um estrondôso sucesso na Bretanha, não só pela qualidade hierárchica do noivo como pela nacionalidade da noiva e especialmente por sua rara formosura.

Como nada se soubesse da sua genealogia, e como ao consórcio não acorrêram parentes seus nem outra gente da sua nacionalidade, formou-se dêsde logo uma curiosa lenda, que ninguem se atreveu a pôr em dúvida.

Rita, como indicava o *de* do seu apelido, era uma fidalga de longinqua estirpe, uma castelã das margens do Mondêgo, uma formosíssima dama, em cujas veias corria o sangue romanêsco da dona Ignez de Castro.

Vivia no seu castelo, pendurado pitorêscamente nas ribas alterosas de um grande senhorio, reflectindo o seu vulto ameado nas formosas e poéticas águas do rio, como alguns castelos da Bretanha ou das encantadôras margens do Rheno. Vivia a donzela na companhia de um

pae ferrenho, que a fazia guardar por criados de má catadura e por gente de armas.

Juvat, num dos mais curiosos lances da campanha portuguêsa, conquistara o castelo com um punhado de valentes, e arrebatara a castelã, que, alem da sua deslumbrante formosura, viria breve a sêr herdeira de uma casa poderosa e riquíssima.

Daqui se pode deprehendêr a grande admiração, de uma parte, o interesse e a emulação, com que, da outra, Rita se acharia cercada, ao penetrar nos salões do seu torrão adotivo, e, mais tarde, nos de París, onde seu marido, depois de têr feito a campanha da Rússia, foi assentar residência, em virtude da posição elevada, a que chegara nos consêlhos de guerra da mais elevada categoria.

A virtude de Rita, como era de supôr, foi posta a prova, por muitas vèzes, e noutras tantas saiu victoriosa e triunfante dos assaltos e ciladas, a que os costumes francêses das próprias camadas superiôres, entre as quaes vivia, se prestavam, e de que frequentemente faziam timbre.

Corrêram os tempos; e, apesar disso, ninguem poderia notar que os dois desposados se não amassem com os mêsmos extremos; diminuidas, já se vê, as exaltações do comêço.

Como é irrealizavel a ventura completa, no lar doméstico dos esposos Juvat, existiam desêjos não satisfeitos e um vácuo, dificil de prehenchêr, que tornava as salas da sua aristocrática residência solitárias e tristonhas.

Faltava a tão cubiçada descendência.

Volvêram anos e anos, e falharam completamente as esperanças da posse de um filho.

Rita, que no seu coração amantíssimo tinha os tesouros de afecto, que as bôas mães portuguêsas costumam repartir pelos seus descendentes, deixou-se possuir de uma certa melancolia, aumentada por algumas ausências prolongadas do marido, que não abandonara ainda a carreira militar.

E lembrava-se, ás vêzes, da sua familia e do seu Portugal, de que não se esquecêra nunca, e donde poderia têr notícias directas, se o marido lh'o consentisse.

Não lh'o consentiu êle nunca, porêm, porque o seu lado vulneravel consistia na exageração de um patriotismo exaltado.

A sorte das armas francêsas em Portugal tornara-lhe êste país odiôso; e por isso tratou de quebrar tôdos os laços, que pudessem, ainda que de leve, prendêr sua mulher á terra, em que nascêra.

Rita, porêm, ou ela não encerrasse em si a súmula de várias perfeições, apesar de não sentir saüdades da obscuridade, donde saíra, não olvidava a sua pobre terra, onde a imaginação, em horas de melancólico scismar, lhe colocava, em atitudes amorosas, os vultos de seus paes e irmã.

Que seria feito dêles? existiriam ainda? estariam felizes, ou seriam desgraçados?

Ai! Quem podera sabêl-o!

Pâra se não esquecêr da língua, lia e relia, quando sozinha, alguns livros portuguêses, e, por último, dois dos

principaes jornaes, cuja assinatura lhe fôra permitida.

E eram estas as únicas relações, que a ligavam ao seu país.

Achava tão pouco!

*

* *

Decorrêram os anos. O barão de Juvat chegava á culminância dos postos militares.

Ao recebêr o bastão de marechal de França, requerêra a sua aposentação, e resolvêra, a instâncias de sua mulher, recolhêr-se á vida privada, onde só entrasse o escol dos seus amigos.

Sentia-se velho; acedeu promptamente; e Rita, que tanto brilhara pela sua educação, carácter, virtudes e formosura, na alta sociedade parisiense, celebrou com júbilo a perspetiva de um completo socêgo doméstico.

Aos 50 anos de edade, tornara-se achacada, e o seu maior prazêr consistia em administrar socegadamente a sua casa, povoada embora de numerosa criadagem, e em socorrêr os necessitados.

O esbelto capitão Juvat convertèra-se num velho gotôso, que passava horas e horas, no seu gabinête de estudo, a formular ainda muitos planos de campanha, e a lastimar a sorte de Napoleão, o grande.

Desgostara-se tambem com a falta de descendência, mâs respeitava sua mulher, como se fôra uma santa, e não deixava ainda de adorar a formosura, que ela, verdade, verdade, não perdêra ainda inteiramente.

—Estamos velhos, Rita, minha bòa Rita—dizia o ma-

rechal, de quando em quando, em horas bem humoradas—mâs olhe que a sua formosura não murchou a meus olhos.

—Obrigada, meu amigo. Uma velha, com o sêr, nem sempre engeita os madrigaes... de um velho.

E riram-se os dois, muito afectuosamente.

A verdade era, que, enfraquecido o côrpo, amortecêram tambem ódios e preconceitos.

Rita, a marechala, que, apesar disso, continuava a sêr modestíssima, não se envaidecendo nunca com honras e podêr, conseguira do marido a anuência de proceder a algumas indagações directas acêrca da sua família.

Rejubilou a excelente senhôra.

O barão de Juvat, pelo seu lado, não tinha ao presente herdeiros forçados; e a sua opulenta casa não seguiria, como era costume entre a fidalguia, uma linha directa de sucessão.

Quem sabia se ainda alguns parentes da bondosa baronêza poderiam recebêr dali uma avultada herança, e sêr felizes, e abençoal-a de futuro?

Um dia, trinta e um anos depois do desaparecimento de Rita, o administradôr do concêlho de Arganil, pela via diplomática, recebia ordem de prestar informações a respeito da família Corrêa de Carvalho, da aldeia de Sahil: quaes os sobreviventes, o seu estado, posição e edade.

Foi respondido que eram de há muito falecidos José Corrêa de Carvalho e sua mulher; e que os sobreviventes constavam de Maria Corrêa, viüva, e de sua fi-

lha Margarida, de 20 annos, casada havia mêses numa aldeia vizinha.

Queria dizêr: existiam a irmã de Rita, já viüva, e uma sobrinha, filha desta.

A baronêza de Juvat consagrou uma lágrima sinceramente saüdosa á memória de seus paes, e dirigiu-se ao gabinête do marido a contar-lhe o resultado das pesquizas, e a agradecêr-lhe a finêza, que lhe fizera.

—E agora, Rita, que pretendes mais? Queres ir vêr essa gente?

—Não. Bem sabes que me não perseguem saüdades do meio, em que vivi, embora não tenha perdido o afecto á terra, onde nasci. Se ao menos eu lá pudesse colocar ainda os que a morte levou! mâs assim...

—Dizes bem; não falemos mais nisso.

—Ao contrário, falemos, meu querido Adôlfo. Sinto um secreto prazêr em falar nisto. E agora que vieram informações... se me permitisses...

—Fala: sê franca. Que queres mais?

—Desejava que, em lugar de eu ir vêr os meus sobrinhos... que... não te zangues... meu Adôlfo... que viessem êles vêr-me... a mim...

—Que? Portuguêses... portuguêses... em minha... perdão... em nossa casa?

—E não sou eu portuguêsa, Adôlfo? Que muito é que eu pretenda dar notícias minhas, como complemento do nosso romance, aos que há tantos anos me julgam perdida? Que resentimentos os teus, meu querido! Que culpa têm inocentes de acontecimentos, há tanto dilui-

dos num longo passado, e verdade verdade, vindos duma origem bem pouco justa?

E Rita advogou calorosamente a sua causa, e o marechal acabou por cedêr, tendo perdido o mau humôr, e dando a sua mulher o assentimento, que ela requeria• com a condição de que êle pessoalmente não interviria no assunto.

Rita sorriu-se, e, abraçando-o, disse-lhe meigamente eprehensiva:

—O meu bom marido, ás vêzes, como nos tempos de rapaz, deixa falar mais a cabêça do que o coração.

—Sim? Pois olha que não aconteceu isso com uma certa pessôa...

Um beijo de Rita agradeceu a alusão ao seu passado.

XIII

E nêsse mêsmo instante, a baronêza resolveu escrevêr imediatamente pâra Portugal.

Maria Corrêa de Carvalho, a irmã de Rita, casara ainda em vida dos paes, e tivera do seu consórcio uma única filha, que afeiçoou, dêsde criança, como é costume das aldeias, aos ásperos labôres de uma casa lavradôra.

Como sua mãe e tia, Margarida era formosa, e, chegada aos 20 anos, começou a sêr muito pretendida.

A sua escôlha recaiu num rapaz de condição superiôr

á sua. Filho de um lavradôr de mais fino trato sabia lêr, escrevêr e contar, recebêra uma educação mediana, e trajava melhor que os campónios propriamente ditos, seus vizinhos.

Margarida porêm só tinha por si a condição de sêr bonita: era uma raparigaça alentada de côrpo e fôrças, mâs brusca de maneiras, grosseira no trato e falha de inteligência.

Como sua tia Rita, porêm, embora em grau inferiôr, inspirara uma cega paixão ao homem, que a desposou, e com quem, havia alguns mêses, fôra vivêr numa terra vizinha, donde êle era natural.

Estavam as coisas nêste ponto, quando em abril, a um domingo, se recebeu uma carta, com sêlo desconhecido, dirigida a Maria Corrêa de Carvalho, e trazida do correio de Arganil.

O genro, que, acompanhado de sua mulher, tinha ido visitar a sogra, como pessôa única, que sabia lêr, foi convidado a abril-a e a informar-se do que continha.

O rapaz mirou e remirou o sobrescrito, e não soube interpretar os dízêres do primeiro carimbo, que eram com certêza estranjeiros.

Maria sentou-se em baixo tamborête, fincou os cotovêlos nos joêlhos, e, pondo a cabêça entre as mãos e os olhos no marido da filha, ficou-se á espera da leitura.

E murmurou:

—Carta lá de fóra... Hum! Até me parece engano. Uma aquela assim!... Hum!

—Que será, ó nhôra mãe?

—E sei eu lá, rapariga? Avia-te, home! Lê lá isso.

Olha que não será p'ra mim. Vê bem, não vá o dianho ...

—Lá isso é—afirmou o rapaz, remirando o sobrescrito. Nós já vamos desenganar-nos.

E começou a lêr, com certa dificuldade, em razão da escrita :

—Maria. Embora acredites nas almas do outro mundo, peço-te que te não assustes, porque eu, graças a Deus, estou viva e bem viva.

—Santo nome de Jesus! anjo bento! Quem é que escreveu isso? — interrompeu a viüva, endireitando-se muito no tamborête, e esgaseando os olhos.—Cruzes, barzabú! Vê lá, Antonio. Quem assina êsse papel?

—Rita, vejo eu aqui. Rita...

—A minha falecida irmã? Ora essa! Nanja eu que o acredite. Rita! O' rapaz, tu estás doido, ou não enxergas bem. Rita! Ora... ora...

—Olá, se enxergo bem. Rita é o que aqui está.

—A tia Rita?—ajuntou Margarida.—Ora o diabo! Mâs isso... *antão*...

--Ora os meus pecados! Rita. . a minha irmã ..

—Não, lá isso agora!... O' mãe, eu cá. Raios me partam, se...

—Acomodem-se, escutem; vamos a vêr o que a carta diz; falarão depois.

—Bom; vá lá. Torna a lêr o que já lêste. A minha irmã Rita!...

Antonio repetiu o introito, e continou :

«Sei, minha irmã, que vives tambem; e por isso me dirijo a ti.

—E sabe que eu vivo! Ora vejam vocemecês!

—O' mãe, deixe ouvir.

«Mais tarde direi as razões, que tive pâra, durante tantos anos, não dar notícias minhas. Estou casada e bem casada em França, e móro em Paris, onde desejo vêr tua filha e genro, meus sobrinhos, com tôda a brevidade. Se consentires nisso, dar-me-ás uma grande satisfação. Faze-m'o sabêr pâra que eu lhes mande fornecêr indicações, roupas e dinheiro para a viagem, que creio lhes será proveitosa. Dirige carta a *Madame la Baronesse de Juvat*—Paris. E adeus. Abraça-te e aos meus sobrinhos—tua irmã—*Rita.*»

—Em nome do Padre e do Filho... O' rapaz, torna a lêr isso, que até parece que se me tolda o miôlo. Ora esta!

—O' mãe, a modo que não entendo bem.

—Nem eu; e por isso digo ao Antoino que torne a lêr o papel. Ê cá é que não 'stou em mim.

—Eu cá *tamem*...

—Coitadita da minha Rita! Aonde ela foi parar... lá por êsses *inxaraes* fóra, lá no cabo do mundo... em França, que deve sêr, julgo eu, a terra dos malditos francêses... Loivado seja o Senhôr!

E a pobre da mulher sentiu-se comovêr, e pôs-se a vertêr algumas lágrimas sinceras.

—Olha agora!—volveu a filha, com ares sacudidos. —Olha agora, não vá eu chorar. A mãe sempre tem coisas! *Antão* se a tia 'stá casada lá onde é, e bem casada, *antão* pra que dianho há-de a gente entrar a grunhir. Pois não é assim, ó *Antoino?*

— Sim êle — reflexionou o interrogado — a bem dizêr... a coisa é mais para alegrar do que pâra entristecêr.

— E sabem vocês se eu choro de alegria, por tèr encontrado a minha rica irmã? Valh'os Barzabú.

— Lá isso *antão.* Ora lê outra vêz o papel, ó *Antoino?*

Terminada a nova leitura, o rapaz explicou que estava bem claro que a tia os mandava ir a França, a êle e á Margarida.

— Pois sim... espera, que eu já lá vou! — protestou a raparigaça, com trovejante ironia. Ora o diabo da lembrança!

— Ora que tu has-de sêr sempre destemperada! — conclamou a mãe. — Tu sabes lá a fortuna, que vos estará reservada? Sabes que mais? Vae bugiar. Ora a minha Rita! Quem tal diria!

E Maria Corrêa levantou-se de chofre, deixou a filha e o genro a discutirem o assunto da carta, e atirou comsigo pâra o meio da rua, a dar conta aos vizinhos da estranha nova, que tão esbaforida a deixou. Sentia-se estalar; era-lhe preciso um grande desabafo. E o caso foi que a nova propagou-se repentinamente, deixando tôda a gente abismada.

Dahi a pouco, os moradôres do lugar estacionavam diante da morada dos Carvalhos, falavam e discutiam com calôr, acabando tôdos por dar, a seu modo, as maiores felicitações pelo acontecido, que, na opinião da maioria, significava uma grande fortuna.

— *Havera* de sêr comigo — gritava um a plenos pul-

mões—não stava aqui nem mais um minuto... deitava-me *ó* caminho...

—E *inté* eu—ajuntava outro.—*Nan* que coisas assim é agarral-as com ambas as mãos.

—Ir agora p'ro cabo do mundo... lá onde o diabo perdeu o rabo...

—Cala-te lá, que não percebes nada disto. A senhôra Rita foi lá têr, e não se perdeu no caminho.

—Bôa vae ela! Ora que sentença essa! Fôi... porque a levaram.

—*Tamem ós* sobrinhos os hão-de levar uns machos até Lisbôa, e depois os navios dahi p'ra diante... lá p'ra onde é. Ora o diabo da séca!

E o velhote mais sabido, que pronunciara estas palavras, galhofou, dando uma saborosa risada, no que foi imitado por tôdos, que lhe aprovavam os dichotes.

—Ora assim é que é prantar a coisa em pratos limpos.

—*Cumque antão* os rapazes... sempre irão...—tornou outro.

—Lá isso devem ir. Com um milheiro de diabos! Se fosse eu...

Tôdos admiraram a sabedoria do explicadòr, e concordou-se á uma em que era a fortuna, que batia á porta dos recem-casados, e que o caso era uma novidade nunca vista; e que ninguem fazia bem em estar com pegadilhas.

E, durante alguns dias, não se falou noutra coisa.

O pároco consultado disse que as taes palavras eram francêsas, e que Rita mandava pôr no sobrescrito pro-

vavelmente o nome de alguma sua amiga, que denunciava uma grande pessôa.

E viu-se que devia sêr assim.

Rita não mandava ir a carta em seu nome, porque desejava que, lá em França, se não soubesse o que ela tentava fazêr.

O bom do padre é que advinhara tudo; e era de opinião que marido e mulher deviam respondêr á tia, agradecendo muito, e prometendo fazêr-lhe a vontade, logo que ela o determinasse.

Assim se fêz. Antonio escreveu no dia seguinte ao da conversa, que têve com o seu priôr, as seguintes linhas, salva a ortografia:

—Minha querida Rita. Muito estimarei que estas duas regras te vão achar na posse de uma feliz saüde, pois a minha, ao fazêr desta, é fraquita, loivado Deus, pâra em tudo te dar gôsto e *sastifação*. Pois, minha irmã, já prometi uma novena á senhôra Santa Eufémia e uma missa a Santo Antonio, advogado das coisas perdidas, por tu têres aparecido; o que serve de espanto a meio mundo.

«Loivado seja o Senhôr, que tudo pode! Tua sobrinha e uma mocetona, que nem um pinheiro; e no homem dela não falemos: sabe tanto como um doitôr.

O Antonio, cheio de modestia, não queria escrevêr esta última frase, mâs a sogra, que ditava, obrigou-o a isso, argumentando que era preciso contentar a tia, e fêz-lhe vêr que êle não tinha nada com o que fôsse de sua vontade mandar escrevêr. E concluiu o ditado da seguinte maneira:

«Êle e ela, os teus sobrinhos, stão pelo que tu queres; não tens senão mandar. E com isto não te enfado mais. Aceita saüdades de tôdos, pois as minhas p'ra comtigo só á vista terão fim.

«Tua irmã, que te deseja a vida por largos anos. — *Maria Corrêa.*»

Êste era o estilo apurado das cartas mais ou menos cerimoniosas, e poucos havia que as soubessem escrevêr, de maneira tão limada.

Quem se abalançasse a semelhantes primôres de redação, estava apto pâra caixeiro de Coimbra, ou pâra escrivão do juiz eleito.

E o caso é que Sahil, ao que julgamos, tem dado escrivães de bom quilate.

De um exemplar sabemos nós, que lhe justifica os títulos.

Aqui há anos, no tempo dos juizes ordinários, sendo Pombeiro, onde veraneávamos, como agora, a séde do juizado, foi-nos preciso falar a essa autoridade.

Dirijimo-nos por isso á casa da escola, onde então se efectuavam as sessões nos dias marcados.

Entrado ao seio do respeitavel areópago, um pequeníssimo quarto, que precedia a sala das aulas, fomos afavelmente recebido pelo juiz e muito mais ainda pelo escrivão, um velhito farçola, muito amigo de dizêr facécias e arrogar-se valentias epicuristas, o qual, á nossa chegada, com as cangalhas cavalgadas nos extremos rombudos do seu bom nariz, despejava o arieiro de chi-

fre sôbre o sentenciôso escrito, que o juiz acabava de assinar.

Os dois indivíduos eram, ao mêsmo tempo, nobrêza e pôvo, justiça e partes, autoridades e concorrência.

—Os trabalhos de hoje terminaram cêdo—observámos.

—E' que não veio viva alma.

—Abençoado pôvo que não tem fome nem sêde de justiça! Com que então não veio ninguem?

—Uma miséria, como vê. Olhe: pode lêr a acta do que se passou.

Emquanto o escrivão se dirigia ao quarto fronteiro, pâra se apoderar do guarda-chuva, e afivelar ao sapato brochado a espora instigadôra do burrito, em que costumava transportar-se pâra alem do Alva—debruçámo-nos sôbre o cartapácio das actas, e lemos:

«Pombeiro... tantos de tal...

«Abriu, e fechou a audiência o sr. *Fulano*; não *ouve* nada.»

Rimo-nos, como é de vêr, e asseverámos ao juíz, que, á falta de outra questão, tinha que aplicar pesada multa ao escrivão.

—Ora essa! E porque, meu caro amigo?—interrompeu o juiz, a rir-se tambem, por nos vêr rir.

—O seu escrivão levanta-lhe, e atreve-se a registar um falso testemunho.

—Que me diz, senhôr?

—Chama-lhe mouco; e não só lh'o diz, como o escreve.

—Mouco... a mim?

—Pois que menos? leia-a. Não escreveu êle em seguida ao seu nome, sem virgula nem maiusculo interceptôr, que o juiz não *ouve* nada?

—E é verdade. Não reparei. Ora o diabo do homem! Se êste maldito tivesse sido meu discípulo, punha-me os créditos pela rua da amargura. Felizmente que o diabo é mais velho que eu.

O juiz, que era o meu primeiro mestre, professôr primário reformado e já falecido, Antonio Dias Ferreira, deu-lhe uma bôa risada, e verberou o seu escrivão com uma amigavel reprimenda.

Êste escrivão, que não pontuava frases, nem ao menos conjugava acertadamente o verbo *haver,* era natural de Sahil, onde há pouco ainda, deixou de florescêr.

XIV

CONCLUSÃO

Ùm mês depois do que deixamos escrito, os ditosos sobrinhos da senhôra marechala, saíam da terra natal, sôb as invejas e prenúncios de bom agouro de vizinhos e patrícios, caminho de Lisbôa, aonde os acompanhara o pae de Antonio, homem culto e prático de terras estranhas.

Margarida, a cabroila, nome, com que muito lhe malsinavam o propósito, guindada á casa de uma modista, pâra mudar de trajos, segundo as ordens e o dinheiro, vindos de França, esperneou, como uma possessa, serviu de gáudio a tôdos os circumstantes, e estêve a ponto de atirar os novos vestuários pela janela fora, uns trapicalhos de má morte, com que não se entendia, apesar das admoestações e geito melífluo da dona da casa.

Foi preciso que o sôgro a ameaçasse de a mandar encerrar no hospital dos doidos, pâra ela se deixar vestir e toucar.

Introduzidos e recomendados a bordo de um navio,

que ia fazèr-se de vela pâra o Havre, e ouvidos os consêlhos e advertências do pae de Antonio, ao mandar colocar em certo sítio o último caixote da diminuta bagagem, onde, verdade, verdade, iam dois alentados presuntos e uma arrôba de bons chouriços, presente destinado á senhôra de Juvat, despediu-se aquêle, pâra regressar á província.

—Juizinho, rapazes! E tu, Margarida, faze-te uma senhôra como tua tia. E adeus, meus filhos.

Fôram as últimas palavras do excelente e amorôso velho.

Os inexperientes provincianos, aos primeiros engulhos, precursôres do enjôo do mar, cuidaram que era chegado o termo fatal da sua vida.

O rapaz, mais comedido e prudente, agoniava-se, mâs fazia por incutir ânimo á irrequieta companheira ; esta porêm tinha gestos descompostos, impacientava-se, e dava lamentos atroadôres.

Ao desembarcar no Havre, acharam um delegado especial, que os conduziu cómoda e rapidamente a París, Babilónia fantástica, que os aterrorizou.

A habitação do marechal barão de Juvat era um elegante palacête, acessivel por mais de um lado, e povoado de compartimentos muito retirados, alguns dos quaes poucas vêzes tinham recebido a visita do seu proprietário.

Esta circunstância favorecia optimamente os intuitos de Rita, que mandou preparar numa dessas dependências os alojamentos necessários aos seus hóspedes, porque lhe era preciso recebêl-os em separado e particular-

mente, pâra os guiar e instruir, como convinha á sua elevada posição.

Era uma custosa iniciação, que a preocupava muito, e a que ia dedicar tôdos os seus cuidados.

O marido sería por emquanto estranho á chegada dos sobrinhos; uma criada e um criado, gente discreta e de sua confiança, seríam os únicos sabedôres do que ia passar-se.

A baronêza de Juvat, ao dar de cara com aquela mocetona, mais formosa agora que as impresões e fadigas da jornada lhe tinham desvanecido algumas das côres campesinas, reconheceu-se naquêles traços; mâs, por um impulso rápido e intuitivo, simpatizou mais com o marido de sua sobrinha, acanhado de maneiras, mâs revestido de uns certos traços de educação e docilidade, que lhe agradaram em extremo.

Ao ouvir as primeiras palavras no português da sua infância, a bôa e respeitavel senhòra sentiu um grande nó na garganta, e, abraçada aos sobrinhos, chorou por fim lágrimas consoladôras de uma dulcíssima saüdade.

E requereu notícias minuciosas, pediu-lhes que falassem muito, e têve bastante pezar, ao vèr que sentia, pelo desuso, um pronunciado embaraço, quando queria expressar-se correntemente, ao mêsmo tempo que achava infinita graça em frases e palavras, de que se esquecêra completamente, têrmos locaes, que a leitura lhe não fazia recordar.

Durante alguns dias, entretêve-se, quase em absoluto, com os sobrinhos, tomando parte na maioria das suas refeições; no que tinha uma certa facilidade, visto

que o marido, em virtude das moléstias, que o tinham prostrado num mêio entrevamento, comia a horas desencontradas e no seu próprio gabinête de estudo.

Depois dêsse tempo, tendo percebido que Margarida, como o animal insofrido e bravio, que, metido embora em jaula doirada e cómoda, esbraveja e suspira pela liberdade das planuras, serras e matagaes — tinha uma naturêza inculta e um acentuado mau génio, propôz-se a banhal-a nas aguas lustraes da educação, a vêr se a tornava o que era preciso, a tôdo o transe, que ela fôsse.

E resolveu domal-a pela ambição e pelo interesse.

Margarida começara a têr ímpetos de arrebatamento, amúos, faltas de respeito e docilidade, que as advertências do marido, fraco em demasia e o ensinamento da tia, cheia de excelentes intenções, não conseguiam moderar.

A educação em comum era pois impraticavel; e só a mira do interesse poderia desbastar aquela organização tão macissamente imperfeita.

A marechala por tanto chamou a sobrinha a uma larga conferência, contou-lhe a sua vida inteira, a maneira branda e obediente, com que conseguira instruir-se e educar-se; e por fim descreveu-lhe a elevação, que conquistara, devida aos adornos moraes da sua pessôa.

Fêz-lhe vêr claramente que a posição e a formosura, sem o sabêr modesto e a civilisação necessária ao trato social, eram brilhantes em bruto, sem brilho e de fraquíssima serventia.

Ela era uma titular e uma marechala de França: apesar de retirada á vida particular, recebia em sua casa

pessôas de elevada gerarquia e grandes merecimentos.

—*Noblesse oblige*—diziam os francêses. *Lé com lé e cré com cré*—recomendava o pòvo português.

Pâra apresentar os seus sobrinhos e futuros herdeiros a tôda essa gente, era preciso pois que, pelo trato e pela aparència, porque as aparências em sociedade valem quasе tudo, era preciso que èles se resolvêssem a fazêr uma aprendizagem séria e insistente.

Ela, sua tia, que tomava o lugar de mãe, ia separal-os por algum tempo. Margarida, como lhe aconteceu, daria entrada numa casa de religiosas, onde seria carinhosa e excelentemente tratada; o Antonio estudaria num pensionato de adultos, estabelecido nas cercanias de Paris.

Depois disto, a felicidade completa, a apresentação, como se fòram filhos seus, a herança futura da sua abastança, uma invejavel posição e o regresso á pátria, se bem o quisessem.

Por fim, a generosa senhôra pintou com as mais peregrinas côres as diferentes ramificações dessa futura felicidade; e apontou-se como exemplo e norma a seguir.

Margarida, que dera, durante a longa conversa, evidentes signaes de impaciência, desfèz-se em berraria chorosa, afirmando que estava casada, e que a queriam separar do seu marido; no que ela não consentiria, nem por oito dias, que fôssem, désse por onde désse, e que não lhe importava de sabenças, nem de contos.

Antonio, de olhos no chão, cabisbaixo, fraco e dominado, como sempre, por aquela trovoada de génio indomavel, alegou tambem que não poderia suportar as saü-

dades da mulher, e acabou de lançar por terra os acertados e louvaveis projectos da baronêsa de Juvat.

Esta procedeu ainda a maiores explanações, aduziu novos argumentos, e deu aos sobrinhos um praso, pâra uma resposta definitiva.

Perdida intenção e baldado esfôrço!

Findo o praso, a resposta foi ainda mais desanimadôra.

Como o mel se não fèz para a bôca do asno, e como aquela naturêza bravia se não parecia nem de leve com a índole e carácter de Rita, o ditôso par declarou que preferia regressar a Portugal!

Não se deu por vencida a beneméritа bemfeitôra, que, embora profundamente desgostosa e adoentada, se propunha exgotar tôdos os meios pâra fazêr entrar um raio de luz naquêles cérebros obtusos.

Tentou a educação caseira, chamando mestres aos aposentos dos sobrinhos.

Margarida fechava-se no seu quarto de dormir, batia o pé, e dizia impropérios, que felizmente não escandalizavam os ouvidos de mestres e criados, porque não eram percebidos.

E durou isto alguns mêses, ao fim dos quaes a senhôra Juvat, desta vêz indignada mâs sempre bondosa, entendeu-se com os sobrinhos da seguinte maneira:

— Vou fazêr-vos a vontade, bem contra a minha, mandando-vos pâra Portugal, já que assim o quereis. Não vos digo qual é o meu sentimento, porque me não entenderieis. Meu marido é adverso aos portuguêses. como já vos disse. Se êle me sobrevivêr, nada vos tocará dos

nossos havêres. Se, ao contrário, eu chegar a enviuvar, lá vos irão tèr as minhas disposições e a minha herança. Eu mandarei notícias. Quando as deixardes de recebêr, é porque eu tambem deixei de existir.

E a excelente senhòra, dominando o seu grave desgôsto, trémula, comovida, deu-lhes jóias, roupas e dinheiro, um enxoval completo e pâra longo tempo, e fêz conduzir os sobrinhos a Lisbôa.

*

* *

Em conclusão: as notícias prometidas duraram apenas dois anos; cessaram depois completamente.

Sem dúvida, morrêra a bôa Rita.

Os chapéus de senhôra campanudos e floridos, á moda da época, de que Margarida foi portadôra, acabaram a servir de depósito de sementes de hortaliça e feijão frade!

O relógio de finissimo oiro, ofertado ao marido, passou ao armário de um joalheiro de Coimbra; os cobertôres da custosa lã de camêlo, as colchas da India e os chailes de custôso lavrado de sêda findaram o seu triste destino, como estendaes de assoalhar milho na eira.

E' que o mel, repetimos, não se fêz pâra a bôca do asno.

. . . .

Há semanas, mostraram-nos uma mulher de olhar ferino, velha, desdentada, com a cara franzida sulcada de rugas alongadas, cabêlo hirsuto e imundo, sáia curta até meio da perna nêgra, descarnada e núa.

Pastoreava uns porcos, a que falava com modos trovejantes de palradôra desbragada, modos habituaes e solenes da gente de certos lugares sertanejos, que parecem tugúrios de selvagens.

—Eh! cochinos? Má raios vos partam! Anda p'ra lá, bácora do inferno. O' stupôr, valha-te seiscentos diabos!

E atirou-lhes com pedras.

Esta creatura repelente podia sêr uma fidalga, uma grande senhôra, e comêr em pratos de oiro, no dizêr do pôvo e de um velhito, que estava ao nosso lado, e era mui sabedôr das coisas da sua terra.

—E' como lhe digo, senhôr. A's vêzes, dá Deus as nozes a quem não tem dentes. Onde a vê podia sêr uma senhôra, uma pessôa graüda, uma mulher rica e de nomeada, mâs faltou-lhe o melhor... o miôlo.

E o velhito levava o dêdo polegar á testa enrugada, e concluia:

—E' a Margarida. Pois não a conhece?

Era, de facto... a sobrinha da marechala.

FIM

ERRATAS

PAG.	LINHA	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
24	12	Agora	Agora
36	24	anedotas	anecdotas
42	4	se desmantelaram e	se desmantelaram, em
54	23	fealdade	fealdade ;
56	12	decima	de cima
67	11	è sem	é sem
»	14	ê sinal	é sinal
68	12	prsétimo	préstimo
87	1	ambarcadiço	embarcadiço
116	26	anedotas	anecdotas
125	18	logista	lojista
137	14	golôso	guloso
143	28	D. João IV	D. João VI
164	17	reconheçôra	reconhecêra
243	9	eprehensiva	reprehensiva
249	23	e uma	é uma

ÍNDICE

	PAG.
A quem lêr	7
O coronel	9
Quadros de familia	31
Bucolismo	45
Fraqueza e força	65
O Zé da Rocha	87
Quem semêa... colhe	101
Um caso singular	115
O Cigano	127
Uma formosura portuguêsa	141
Erratas	261

OBRAS

DO

Visconde de Sanches de Frias

Jovita, poemêto, com uma carta do Dr. Velho da Silva e o retrato da heroina. — Rio de Janeiro, 1867. — *(Esg.)*

Jorge de Aguilar, drama fundado sôbre o *Remorso Vivo*. — Pôrto, 1878.

O sêlo da Roda, drama extraído do notavel romance de Pedro Ivo. — Pôrto, 1878.

Horas Perdidas, coleção de poesias, 2.ª edição ilustrada. — Lisbôa, 1897.

Uma viagem ao Amazonas, noções verdadeiras da fauna, flora, costumes e lendas gentílicas do grande rio, sôb ligeira fórma romântica. Obra ilustrada com gravuras de página, por Casanova, Manuel de Macêdo, H. Pedroso e Bordalo Pinheiro. — Lisbôa, 1883.

Maria de Frias, memórias biográficas e páginas íntimas. Edição comemorativa e particular. — Lisbôa, 1884.

Notas a Lapis, passeios e digressões peninsulares, revista crítica e amena de viagens e visitas a lugares, cidades, paisagens e monumentos de Portugal e Espanha. — Lisbôa, 1886.

Quadros á Penna, contos e narrativas, precedidos da biografia do poeta e filólogo Dr. Candido de Figueiredo. — Pôrto, 1891.

O Senhôr de Foios, romance caracteristico. — Lisbôa, 1894.

Pombeiro da Beira, memória histórica, descritiva, crítica e ilustrada. — 2.ª edição volumosa. — Lisbôa, 1899.

O Poeta Garcia, Brás Garcia Mascarenhas, autôr do *Viriato Trágico,* drama histórico em 5 actos, precedido de largo estudo genealógico, biográfico e bibliográfico. — Lisbôa, 1901.

Memórias Literárias, apreciações e críticas de autôres e livros. Lisbôa, 1907.

Ersília ou os amôres de um poeta, romance volumôso. — Lisbôa, 1908.

Os partidos, que se partem e repartem, bosquejo patriótico. — Lisbôa, 1908.

Quadros e Lètras, histórias e romancêtes. — Lisbôa, 1910.

Histórias e Romancètes, cópias do natural — o presente volume.

Em obras alheias

Estudos de biografia e crítica literária nos seguintes livros:

Peninsulares, poesias de J. Simões Dias. — 5.ª e definitiva edição. — 1899.

Figuras de gèsso, do mêsmo autôr. — 1906.

Ignez d'Horta, comédia semi-trágica em verso, de Faustino Xavier de Novaes. — 1906.

A seguir

A Mulher, sua infância, educação e influência social — no prélo.

Horas Crepusculares, poesias.

Os Judeus, drama em verso, época de D. João III.

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes publicados

1 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas.
2 — Contos ao luar, por Julio Cesar Machado.
3 — Carmen, trad. de M. Level.
— A Feira de Paris, por Iriel.
5 — O direito dos filhos, por George Ohnet.
— John Bull e a sua ilha, trad. de P. Chagas.
7 — Esgotado.
8 — A lenda da meia noite, por M. Pinheiro Chagas.
9 — A joia do vice-rei, por P. Chagas.
10 — Vinte annos de vida litteraria, por A. Pimentel.
11 — Honra d'artista, trad. de P. Chagas.
12 — Esgotado.
13 e 14 — A aventura d'um polaco, trad. de Maria A. Vaz de Carvalho.
15 — Os contos do Tio Joaquim, por R. Paganino.
16 — Esgotado.
17 — Noites de Cintra, por Alberto Pimentel.
18 e 19 — Esgotado.
20 e 21 — A irmã da caridade, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves.
22 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas.
23 — Esgotado.
24 — Contos, por Affonso Botelho.
25 — Esgotado.
26 — Esgotado.
27 — O naufragio de Vicente Sodré, por Pinheiro Chagas.
28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita.
29 — O bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo.
30 e 31 — Esgotado.
32 — As netas do Padre Eterno, por A. Pimentel.

33 — Contos, por Pedro Ivo.
34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccone.
35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
36 — Historias de frades, por Lino d'Assumpção.
37 — Obras primas, por Chateaubriand
38 — O exilado, por Mauricia C. de Figueiredo.
39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.
40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
42 e 43 — Espelho de portuguêses, por Alberto Pimentel.
44 — A fada d'Auteuil, trad. de Pinheiro Chagas.
45 — A volta do Chiado, por E. de Barros Lobo.
46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.
47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel.
48 — Vasco, por A. Lobo d'Avila.
49 — Leituras ao serão, por A. X. Rodrigues Cordeiro.
50 — Luz coada por ferros, por D. Anna A. Placido.
51 — Esgotado.
52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
53 — Historias rusticas, por Virgilio Varzea.
54 — Figuras humanas, por Alberto Pimentel.
55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, trad. de Caïel.
56 — Memorias de um fura-vidas, por A. de Mesquita.
57 — Dramas da côrte, por Alberto de Castro.
58 — Os mosqueteiros d'Africa, por Mendes Leal.
59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.
— Phototypias do Minho, por J. Augusto Vieira.
— Insulares, por Moniz de Bettencourt.
63 — Historia da civilisação na Europa, trad. do Marquez de Sousa Holstein.
64 — Triplice alliança, de Raul de Azevedo.
65 — Retalhos de verdade, por Caïel.
66 — A pasta d'um jornalista, pelo Visconde de S. Boaventura.
67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.
68 — Fitas de animatographo, por Alberto Pimentel.
69 e 70 — Poesias do Abbade de Jazente, annotadas por Julio de Castilho.
71 — Aspectos e sensações, de Raul d'Azevedo.
72 — Contos e narrativas, por P. W. de Brito Aranha.
73 — Quadros e letras, historias e romancetes, por Sanches de Frias.
74 — Individualidades, por Henrique das Neves
75 — Alfacinhas, por Alfredo de Mesquita.
76 — Patria amada, pelo Visconde de S. Boaventura.
77 — Historias e romancêtes, por Sanches de Frias.
78 — Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves
79 — Recordações da mocidade, por Adolpho Loureiro.
80 — Sorrisos, novellas e chronicas, por A. Campos.
81 — Lucta de sentimentos, por Maria O'Neill.
82 — Do Rocio ao Chiado, por P. de Vasconcellos.
83 — A dança do destino, por Luthgarda de Caires.
84 — Um drama de ciume, por Maria O'Neill.
85 e 86 — Resumo da origem de todos os cultos, por C. F. Dupuis.
87 — Vencido, romance por F. A. M. de Faria e Maia.
88 — Elogio da loucura, critica de costumes, por Erasmo.

OUTRAS OBRAS

Azevedo (

Diccionario (C
raneo france
2.ª edição,
extremamen
Grammatica d
Grammatica
aprender po
tre.
Lições pratica
franceza.
Ollendorff a
aprender fra
(2 vol.).

Carvalho (D.
Va

Ao correr do te
Arte de viver
Aventura de un
mes).
Cerebros e cora
Chronicas de V
Coisas d'agora.
Contos e phant
Em Portugal e
Figuras de hoje
Heroismo do cl
Impressões de
No meu cantinh
Nossas filhas.
Pelo mundo fór
Raphael, trad.
(ed. de luxo).

PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA-EDITORA
50·52 Rua Augusta. 52·54
LISBOA